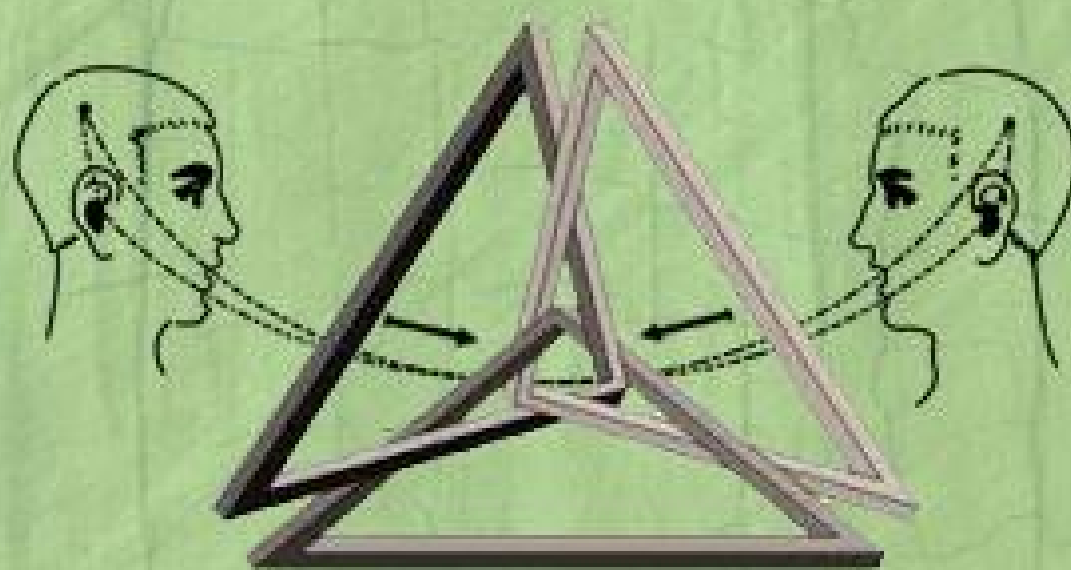


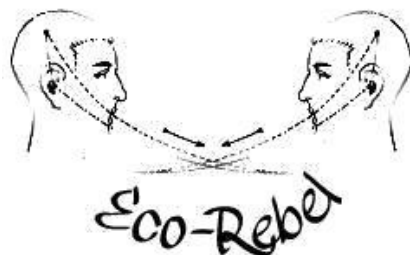
Ecolinguística

**Revista Brasileira de Ecologia e Linguagem
(ECO-REBEL)**

Volume 6, número 2, 2020



**Programa de Pós-Graduação em Linguística
Departamento de Linguística
Instituto de Letras
Universidade de Brasília**



Editorial

Os Organizadores

Prezadas leitoras, prezados leitores!

Este número de *ECO-REBEL* é o mais internacional de todos até o momento. Com efeito, o primeiro artigo é de um austríaco residente nos Estados Unidos (Fritjof Capra), o segundo de um russo (Alexander Kravchenko), o terceiro de Hong Kong (Wong Kin-yuen), o quarto da China (Tan Xiaochun), o quinto da Polônia (Marta Bogusławska-Tafelska) e o sexto de um brasileiro residente nos Estados Unidos (Márcio M. G. Silva). Só um autor residente no Brasil está presente, Hildo do Couto, com o sétimo artigo.

O número abre com um artigo de Fritjof Capra, intitulado “‘Laudato si’ – a ética ecológica e o pensamento sistêmico do Papa Francisco”. Como se sabe, Capra é autor de vários livros que se transformaram em *best-sellers* mundiais, começando com *O tao da física* (1975). Não se trata de um artigo ecolinguístico propriamente dito, mas o autor é uma das principais fontes teóricas para a formulação da Linguística Ecosistêmica. O objetivo do autor é mostrar que grande parte dessas questões está contida na encíclica *Laudato si* do Papa Francisco. Nela se vislumbram diversas ideias importantes para a visão ecológica de mundo, expressão usada pelo próprio Capra. Além disso, o texto trata de ética e questões ecológicas, dois temas relevantes para a Linguística Ecosistêmica e a Análise do Discurso Ecosistêmica. O autor nos enviou o texto já traduzido para o português, portanto, não o editamos. Ele está sendo publicado tal qual nos foi enviado. A versão original em inglês está disponível no *site* de Capra: <http://www.fritjofcapra.net/blog-2/>

O artigo de Alexander Kravchenko, “Why ecolinguistics?”, tenta mostrar que a emergência da Ecolinguística como um novo ramo de pesquisa não é apenas um modismo devido a um desejo de demarcar um novo território para a investigação da língua, mas uma etapa evolucionária no desenvolvimento das ciências da linguagem motivada pela constatação de que a língua não é um instrumento que se encontra no mundo nem um órgão mental no cérebro, mas um fator ecológico essencial que nos define como uma espécie biológica, *homo sapiens*, na filogenia e na ontogenia.

O texto seguinte é “The treeing-of-tree through affective attunement: Biosemiotics and Chinese ideograms as an ecosystem”, de Wong Kin-Yuen. Ele tenta fazer uma leitura de elementos da cultura chinesa plasmados nos ideogramas tendo em vista um inter-

ECO-REBEL

relacionamento planta-animal (que inclui os humanos), partindo de bases filosóficas ocidentais, como a de Deleuze e Guattari. Independentemente da adequação do termo “ecossistema” aplicado aos ideogramas chineses, o artigo é interessante por mostrar o que há de comum nas duas tradições.

O artigo de Tan Xiaochun, “Overview of the development of Ecolinguistics in China during the 40 years of reform and opening up”, fala da introdução da Ecolinguística na China e de seu desenvolvimento. A autora mostra que a disciplina está adquirindo uma matização local. Entre elas, o fato de se ver Ecolinguística como Linguística Aplicada, tendo como pano de fundo a orientação marxista do regime chinês. Nessa adaptação ao contexto chinês, está emergindo uma Análise do Discurso Harmoniosa, por iniciativa de Huang Guowen, que criou o primeiro Centro de Ecolinguística como parte da organização acadêmica da South China Agricultural University, em Guangzhou, onde a autora atua. Ela diz ainda que o presidente Xi Jinping propugna por “uma nova era, com uma civilização ecológica”, com “águas límpidas e montanhas imponentes” contra o fundo do céu azul, tudo em nome de uma harmonia, típica da filosofia ancestral do Taoísmo.

O artigo de Marta Bogusławska-Tafelska, “The ecolinguistic communication model: the newparadigmatic view on the communicative mechanism of *silence*”, faz uma revisão do papel do silêncio nas interações comunicativas. Partindo da nova visão de mundo descortinada pela ciência moderna, sobretudo como refletida na Ecolinguística, a autora mostra que o silêncio tem um papel na comunicação maior do que se tem imaginado.

O artigo “Ideologias, coronavírus e Análise do Discurso Ecolinguística”, do pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista Márcio M. G. Silva, fala dos dois discursos mais frequentes atualmente no Brasil sobre a presença da covid-19: o discurso da ciência e o discurso capitaneado pelo presidente da república. O artigo mostra que açulado pela beligerância contra o petismo e o saudosismo da ditadura militar, o discurso do presidente revela que ele gostaria que se retomasse o fluxo de toda a economia, ignorando o fato de isso provocar a aglomeração de pessoas, o que facilita a transmissão descontrolada do vírus. Mostra também que na contradição “vida/saúde X economia” o mais importante para ele é a economia. O bolsonarismo faz parte de uma outra contradição, “petismo/lulismo x bolsonarismo”, apenas tangenciada pelo autor. O artigo é uma crítica contundente à ideologia implantada na presidência do Brasil. Os discursos em torno do vírus serão objeto de dois números extras de *ECO-REBEL*, um em inglês e um em português, previstos para o final do ano de 2020.

O último texto é “A microtoponímia nas interações indivíduo-mundo e indivíduo-indivíduo”, de Hildo Honório do Couto. Ele analisa os nomes de pequenos lugares e acidentes geográficos com que convivem os membros de uma família da região rural de Minas Gerais, no final dos anos 1950. Entre outras coisas, mostra que esses nomes nascem da interação das pessoas com o entorno imediato e entre si. Assim, fica claro que a linguagem é o como os membros da comunidade comunicam entre si sobre seu meio.

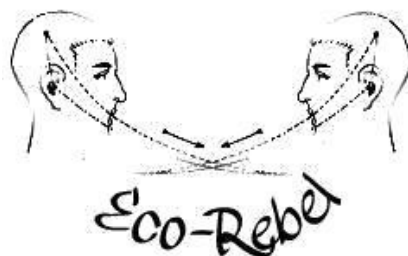
Por fim, temos uma entrevista com o filósofo, ecologista e ecolinguista alemão Peter Finke, uma das principais fontes teóricas para a construção da Linguística Ecolinguística. Em *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019, há um interessante artigo de sua autoria.

ECO-REBEL

Gostaríamos de agradecer a colaboração de dois pesquisadores: George Jacobs (Cingapura) e Ronaldo Manguera Lima Jr. (UFC). A ajuda de ambos foi fundamental para a melhoria deste número de *ECO-REBEL*, mas qualquer falha subsistente é responsabilidade dos organizadores e dos autores. George e Ronaldo publicaram artigos em números anteriores da revista.

Boa leitura a todas e a todos!

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, n. 2, 2020.



LAUDATO SI' – A ÉTICA ECOLÓGICA E O PENSAMENTO SISTÊMICO DO PAPA FRANCISCO

Fritjof Capra - <http://www.fritjofcapra.net/> (Center for Ecoliteracy, Berkeley - <https://www.ecoliteracy.org/>. Schumacher College, Inglaterra)

Abstract: The objective of this article is to comment on some passages of the Encyclical ‘Laudato si’ by Pope Francis. It deals not only with questions related to ethics and the life of every living being, but also shows that the Pope is well acquainted with many concepts and ideas of contemporaneous science. It is a unifying conception which integrates the biological, cognitive, social and ecological dimensions of life. A systemic view, according to which the world is not a machine but a large network of inter-relations. In this view, religiosity may not be seen as separated from the Earth and the world.

Key-words: Encyclical *Laudato si*; Systemic view of the world; Religiosity.

Resumo: O objetivo deste artigo é comentar algumas passagens da encíclica *Laudato si*, do Papa Francisco. Ela trata não só questões relativas à ética para com a vida de todos os seres e a terra, mas revela também que o papa tem familiaridade com muitos conceitos e ideias da ciência contemporânea. Uma concepção unificadora, que integra as dimensões biológica, cognitiva, social e ecológica da vida. Uma visão sistêmica, que passa da visão do mundo como uma máquina para a de uma imensa rede. Segunda essa visão, a religiosidade não pode ser vista como desligada da vida terrena.

Palavras-chave: Encíclica *Laudato si*; visão sistêmica do mundo; Religiosidade.

O título da nova Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si* (“Louvado Seja”), datada do dia 24 de maio de 2015 e publicada em oito línguas no dia 18 de junho, remete a uma frase do famoso “Cântico do Irmão Sol”, de São Francisco de Assis, o padroeiro da ecologia. O subtítulo do

ECO-REBEL

documento, “Sobre o Cuidado da Casa Comum”, refere-se à Terra como *oikos* (“casa”), raiz grega da palavra ecologia, ao passo que a “cuidado” é uma prática característica da Igreja Católica.

O texto da Encíclica (produzido ao longo de um ano, em parceria com uma grande equipe de teólogos, filósofos e cientistas) revela não somente a autoridade moral do Papa Francisco, mas também a sua total familiaridade com muitos conceitos e ideias da ciência contemporânea.

Ao longo das últimas três décadas, uma nova concepção da vida surgiu na vanguarda da ciência – uma concepção unificadora, que integra as dimensões biológica, cognitiva, social e ecológica da vida. No âmago dessa nova percepção da vida reside uma profunda mudança de paradigmas: da visão do mundo como uma máquina para a compreensão de que, na realidade, ele funciona como uma rede. Essa nova ciência da vida tem sido estudada e defendida por renomados cientistas e grupos de pesquisa ao redor do mundo, e seus conceitos e ideias estão integrados e sintetizados no livro *A Visão Sistêmica da Vida*, escrito por mim e meu colega Pier Luigi Luisi (publicado em 2014 pela Cambridge University Press e, no Brasil, pela Editora Cultrix, em parceria com a Amana-Key).

Nós chamamos essa nova concepção da vida de “visão sistêmica”, uma vez que ela implica um novo modo de pensar, baseado em conexões, relações, padrões e contextos. Na ciência, é conhecido como “pensamento sistêmico”, e é essencial para a compreensão do funcionamento de qualquer sistema vivo, seja ele um organismo, um sistema social ou um ecossistema.

Essa visão sistêmica da vida será a base conceitual da minha análise sobre a Encíclica do Papa Francisco. Pretendo demonstrar que a ética radical postulada por ele (expressa às vezes em uma linguagem teológica) é, em sua essência, a ética da ecologia profunda, linha filosófica criada por Arne Naess na década de 1970. Também vou demonstrar, por meio de vários exemplos, que o Papa se revela, em sua Encíclica, um verdadeiro pensador sistêmico.

Ética e bem comum

Pela perspectiva sistêmica, o comportamento ético está sempre relacionado à comunidade; trata-se do comportamento em prol do bem comum. Nos dias de hoje, existem duas comunidades relevantes às quais todos nós, seres humanos, pertencemos: somos todos membros da humanidade e somos todos membros da Família Terra, a biosfera global. Como membros da comunidade humana, nossos comportamentos devem refletir o respeito pela dignidade e pelos direitos humanos. Como membros da Família Terra, nossa “casa comum”, não devemos interferir na

ECO-REBEL

capacidade da natureza de sustentar a vida. Esse é o significado básico da sustentabilidade ecológica.

A característica que define a ecologia profunda é a mudança dos valores antropocêntricos (centrados no ser humano) para os valores “ecocêntricos” (centrados na natureza como um todo). Trata-se de uma visão de mundo que reconhece o valor inerente de todas as formas de vida e considera todos os seres vivos como membros da comunidade da biosfera global, ligados em redes de interdependência. Essas novas premissas e o sistema ético radicalmente novo que elas constroem estão claramente expressos na Encíclica, como demonstram os trechos abaixo:

156. A ecologia integral é inseparável da noção de bem comum, princípio este que desempenha um papel central e unificador na ética social.

95. O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de todos. Quem possui uma parte da natureza a possui apenas para administrá-la em benefício de todos.

157. Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum.

5. O progresso humano autêntico possui um carácter moral e pressupõe o pleno respeito pela pessoa humana, mas deve prestar atenção também ao mundo natural e “levar em conta a natureza de cada ser e as ligações mútuas entre todos, num sistema ordenado”.

33. Entretanto, não basta pensar nas diferentes espécies apenas como eventuais “recursos” exploráveis, esquecendo que possuem um valor em si mesmas (...) Por nossa causa, milhares de espécies já não darão glória a Deus com a sua existência, nem poderão comunicar-nos a sua própria mensagem. Não temos direito de fazer isso.

42. Visto que todas as criaturas estão interligadas, deve ser reconhecido com carinho e admiração o valor de cada uma, e todos nós, seres criados, precisamos uns dos outros.

159. A noção de bem comum engloba também as gerações futuras. As crises econômicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que traz consigo o desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós. Já não se pode falar de desenvolvimento sustentável sem uma solidariedade intergeracional. (...) Não estamos falando de uma atitude opcional, mas de uma questão essencial de justiça, pois a terra que recebemos pertence também àqueles que ainda estão por vir.

162. A dificuldade em levar a sério este desafio tem a ver com uma deterioração ética e cultural, que acompanha a deterioração ecológica.

Os valores da ecologia profunda e suas implicações na construção de um mundo justo, sustentável e pacífico estão elaborados nos dezesseis princípios éticos expressos na Carta da Terra, um

ECO-REBEL

documento único mencionado pelo Papa Francisco como uma importante fonte de inspiração para todos:

207. A Carta da Terra convidava-nos, a todos, a começar de novo deixando para trás uma etapa de autodestruição, mas ainda não desenvolvemos uma consciência universal que torne isso possível. Por isso, atrevo-me a propor de novo aquele considerável desafio: “Como nunca antes na história, o destino comum obriga-nos a procurar um novo início (...) Que o nosso tempo seja lembrado pelo despertar de uma nova reverência diante da vida, pelo firme compromisso de alcançar a sustentabilidade, a intensificação dos esforços pela justiça e pela paz e a alegre celebração da vida”.

Ciência e religião

É impressionante perceber que, ao longo do documento, o Papa Francisco se utiliza da linguagem científica contemporânea com uma facilidade admirável. Termos técnicos como “paradigma”, “reducionismo”, “microorganismos”, “partículas subatômicas”, “salto quântico” etc. são citados várias vezes. Para citar um exemplo, no parágrafo 18 da Encíclica, o Papa ressalta o contraste entre o ritmo acelerado da vida moderna e o (muito mais lento) ritmo da evolução natural:

18. Embora a mudança faça parte da dinâmica dos sistemas complexos, a velocidade que hoje lhe impõem as ações humanas contrasta com a lentidão natural da evolução biológica.

Na visão dos cristãos ultraconservadores, que não aceitam a Teoria da Evolução, uma referência tão pragmática à evolução biológica pode parecer controversa e questionável. Entretanto, no início de sua análise, Francisco faz uma afirmação com base na ciência pura:

15. Em primeiro lugar, farei uma breve resenha dos vários aspectos da atual crise ecológica, com o objetivo de assumir os melhores frutos da pesquisa científica atualmente disponível, deixar-se tocar por ela em profundidade e dar uma base concreta ao percurso ético e espiritual seguido.

Na história do cristianismo, afirmações teológicas sobre a natureza do mundo e dos seres humanos têm sido consideradas verdades universais e quaisquer tentativas de questioná-las ou modificá-las têm sido tomadas como heréticas. Essa rígida postura da Igreja acabou por causar os conhecidos conflitos que se estendem até os dias atuais, entre a ciência e o Cristianismo fundamentalista? Nesses conflitos, posições antagônicas são comumente adotadas por radicais de ambos os lados, que não levam em conta, por um lado, o caráter limitado e aproximado de todas as teorias científicas e, por outro, a linguagem simbólica e metafórica das escrituras religiosas. O Papa

ECO-REBEL

Francisco parece estar bem consciente desse problema e por isso enfatiza explicitamente a natureza simbólica da linguagem religiosa.

66. As narrações da criação no livro do Gênesis contêm, na sua linguagem simbólica e narrativa, ensinamentos profundos sobre a existência humana e a sua realidade histórica.

Francisco, a propósito, faz uso da linguagem religiosa principalmente em referência ao tema da ética, argumentando que o cuidado com o bem comum é fundamental, seja ele motivado por uma crença religiosa ou não:

199. É ingênuo pensar que os princípios éticos possam ser apresentados de modo puramente abstrato, desligados de todo o contexto, e o fato de aparecerem com uma linguagem religiosa não lhes tira valor algum no debate público. Os princípios éticos que a razão é capaz de perceber sempre podem reaparecer sob distintas roupagens e expressos com linguagens diferentes, incluindo a religiosa.

“Integridade ecológica”

A visão sistêmica da vida – que integra as dimensões biológica, cognitiva, social e ecológica – está implícita no arcabouço conceitual apresentado na Encíclica. O Papa afirma com todas as letras que para solucionar nossos maiores problemas globais será necessária uma nova forma de pensar e que esta pressupõe o pensamento baseado em conexões e relações. Em outras palavras, o pensamento sistêmico.

215. A educação será ineficaz e os seus esforços estéreis, se não se preocupar também em difundir um novo modelo relativo ao ser humano, à vida, à sociedade e à relação com a natureza.

79. Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inúmeras formas de relação e participação.

138. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas se podem considerar separadamente.

O Papa Francisco também utiliza o termo “ecologia integral” para se referir a essa abordagem sistêmica e enfatiza a interdependência das questões ambientais e sociais, além da necessidade de se respeitar e honrar culturas locais e indígenas.

137. Dado que tudo está intimamente relacionado e que os problemas atuais requerem um olhar que leve em conta todos os aspectos da crise mundial, proponho que nos detenhamos agora a

ECO-REBEL

refletir sobre os diferentes elementos de uma ecologia integral, que inclua claramente as dimensões humanas e sociais.

49. ...não podemos deixar de reconhecer que uma verdadeira abordagem ecológica sempre se torna uma abordagem social, que deve integrar a justiça nos debates sobre o meio ambiente, para ouvir tanto o clamor da terra como o clamor dos pobres.

143. Além do patrimônio natural, encontra-se igualmente ameaçado o patrimônio histórico, artístico e cultural (...). Por isso, a ecologia envolve também o cuidado com as riquezas culturais da humanidade, no seu sentido mais amplo.

146. Nesse sentido, é indispensável prestar atenção especial às comunidades aborígenes com as suas tradições culturais. Não são apenas uma minoria entre outras, mas devem tornar-se os principais interlocutores, especialmente quando se avança com grandes projetos que afetam os seus espaços.

No documento, o Papa não só dá ênfase à ética e aos valores da ecologia profunda como também apresenta sua própria “alfabetização ecológica”, seu entendimento dos princípios de organização dos sistemas naturais. Veja a seguir alguns exemplos:

34. Possivelmente perturba-nos saber da extinção de um mamífero ou de uma ave, pela sua maior visibilidade; mas, para o bom funcionamento dos ecossistemas, também são necessários os fungos, as algas, os vermes, os pequenos insetos, os répteis e a variedade inumerável de microorganismos.

22. Custa-nos reconhecer que o funcionamento dos ecossistemas naturais é exemplar: as plantas sintetizam substâncias nutritivas que alimentam os herbívoros; estes, por sua vez, alimentam os carnívoros, que fornecem significativas quantidades de resíduos orgânicos, que dão origem a uma nova geração de vegetais.

140. Embora não tenhamos consciência disso, dependemos desse conjunto para a nossa própria existência. Convém recordar que os ecossistemas intervêm na retenção do dióxido de carbono, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição dos resíduos, e muitíssimos outros serviços que esquecemos ou ignoramos (...). Por isso, quando se fala de “uso sustentável”, é preciso incluir sempre uma consideração sobre a capacidade regenerativa de cada ecossistema nos seus diversos setores e aspectos.

O estado do mundo

A Encíclica se compõe de seis capítulos. No primeiro, o Papa Francisco apresenta sua avaliação do estado do mundo, “do que está acontecendo com a nossa casa comum”, de acordo com as palavras dele. Atualmente, há um amplo consenso entre acadêmicos, líderes comunitários e ativistas de que os maiores problemas do nosso tempo (energia, meio ambiente, mudanças climáticas, desigualdades, violência e guerras) não podem ser compreendidos e analisados

ECO-REBEL

isoladamente. Eles são problemas sistêmicos, o que significa que estão interconectados e são interdependentes. O Papa Francisco está absolutamente de acordo com essa premissa:

61. Os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada.

139. Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental.

175. A lógica que dificulta a tomada de decisões drásticas para inverter a tendência ao aquecimento global é a mesma que não permite cumprir o objetivo de erradicar a pobreza.

O fato de que os grandes problemas da atualidade são sistêmicos implica na necessidade de encontrarmos soluções sistêmicas correspondentes, soluções capazes não só de sanar um problema isolado, mas também combatê-lo no contexto de outros problemas relacionados. Infelizmente, isso não é completamente compreendido por nossos líderes políticos e corporativos, que, em sua maioria, não se mostram capazes de “ligar os pontos”.

Em vez de levar em consideração a interconectividade dos problemas, as “soluções” por eles apresentadas tendem a focar problemas isolados e normalmente acabam transferindo o problema para outro ponto do sistema (como, por exemplo, produzir mais energia às custas da biodiversidade, da saúde pública e da estabilidade climática). O Papa Francisco é, na verdade, um grande crítico dessa gravíssima incoerência:

20. Na realidade, a tecnologia, que, ligada à economia, pretende ser a única solução dos problemas, é incapaz de ver o mistério das múltiplas relações que existem entre as coisas e, por isso, às vezes resolve um problema criando outros.

111. Buscar apenas um remédio técnico para cada problema ambiental que aparece é isolar coisas que, na realidade, estão interligadas e esconder os problemas verdadeiros e mais profundos do sistema mundial.

O Papa também reconhece que o pensamento sistêmico ou a “ecologia integral”, nas palavras dele, é intrinsecamente multidisciplinar. Assim, ele defende com veemência uma abordagem também multidisciplinar na busca de soluções para nossos maiores problemas globais:

110. A fragmentação do saber realiza a sua função no momento de se obter aplicações concretas, mas frequentemente leva a perder o sentido da totalidade, das relações que existem entre as coisas, do horizonte ampliado: um sentido que se torna irrelevante. Isso impede a descoberta de caminhos adequados para resolver os problemas mais complexos do mundo atual, sobretudo os

ECO-REBEL

do meio ambiente e da pobreza, os quais não se podem enfrentar a partir de uma única perspectiva nem de um único tipo de interesses.

197. Precisamos de uma política que pense com visão ampla e leve adiante uma reformulação integral, abrangendo em um diálogo interdisciplinar os vários aspectos da crise.

63. Se tivermos em mente a complexidade da crise ecológica e as suas múltiplas causas, deveremos reconhecer que as soluções não podem vir de uma única maneira de interpretar e transformar a realidade. É necessário recorrer também às diversas riquezas culturais dos povos, à arte e à poesia, à vida interior e à espiritualidade.

A ilusão do crescimento ilimitado

No âmago da crise global reside a ilusão de que o crescimento ilimitado em um planeta finito é possível. O crescimento econômico e corporativo são as forças motrizes do capitalismo, o sistema econômico predominante na atualidade, e, nele, a crença irracional no crescimento ilimitado é continuamente alimentada pelo incentivo excessivo ao consumo e por uma economia baseada em produtos descartáveis, que faz uso intensivo de energia e recursos naturais, gera lixo e poluição, e esgota os recursos naturais da Terra. Além disso, esses problemas ambientais são exacerbados pelas mudanças climáticas globais, causadas por tecnologias dependentes do petróleo e de um fornecimento contínuo de energia.

O Papa Francisco claramente reconhece a grande incoerência da noção do crescimento ilimitado e a condena veementemente, dizendo que é uma mentira, não somente uma ilusão.

106. Mas, agora, o que interessa é extrair o máximo possível das coisas por imposição da mão humana, que tende a ignorar ou esquecer a realidade própria do que tem à sua frente. (...) Aqui passa-se facilmente à ideia de um crescimento infinito ou ilimitado, que tanto entusiasmou os economistas, os teóricos das finanças e da tecnologia. Isso supõe a mentira da disponibilidade infinita dos recursos do planeta, que leva a “espremê-lo” até além dos seus limites.

O Papa também associa a ilusão do crescimento ilimitado a uma noção linear e unidimensional de progresso.

194. Trata-se simplesmente de redefinir o progresso. Um desenvolvimento tecnológico e econômico que não deixa um mundo melhor e uma qualidade de vida integralmente superior não se pode considerar progresso.

Parece, portanto, que nosso principal desafio é migrarmos de um sistema econômico baseado na noção de crescimento ilimitado para outro que seja ecologicamente sustentável e socialmente justo.

O crescimento é uma característica central de todas as formas de vida, mas, na natureza, ele não

ECO-REBEL

se dá de forma linear nem ilimitada. Enquanto certas partes de um organismo ou ecossistema crescem, outras declinam, liberando e reciclando componentes que são transformados em recursos para novos processos de crescimento.

Esse tipo de crescimento equilibrado e multifacetado, que pode ser chamado de “qualitativo”, é bem conhecido dos biólogos e ecologistas e é exatamente o que o Papa defende:

193. Devemos pensar também em abrandar um pouco a marcha, pôr alguns limites razoáveis e até mesmo retroceder antes que seja tarde (...). Por isso, chegou a hora de aceitar um certo decréscimo do consumo em algumas partes do mundo, fornecendo recursos para que se possa crescer de forma saudável em outras partes.

Mais genericamente, o Papa clama por uma economia baseada na ecologia e inspirada nos ciclos ecológicos que observamos na natureza:

141. Além disso, o crescimento econômico tende a gerar automatismos e a homogeneizar, a fim de simplificar os processos e reduzir os custos. Por isso, é necessária uma ecologia econômica, capaz de induzir a considerar a realidade de forma mais ampla.

22. Ao contrário, o sistema industrial, no final do ciclo de produção e consumo, não desenvolveu a capacidade de absorver e reutilizar resíduos e escórias. Ainda não se conseguiu adotar um modelo circular de produção que assegure recursos para todos e para as gerações futuras e que exige limitar, o máximo possível, o uso dos recursos não renováveis, moderando o seu consumo, maximizando a eficiência no seu aproveitamento, reutilizando e reciclando-os.

Entre os sintomas da nossa crise global, as mudanças climáticas e a desigualdade social são, talvez, os que exigem soluções mais urgentes. Francisco aborda os dois temas em detalhes na Encíclica, além de discutir também os níveis dramáticos do esgotamento de recursos, a extinção de espécies e a escassez de água potável e sua condenável privatização:

30. Enquanto a qualidade da água disponível piora constantemente, em alguns lugares cresce a tendência para se privatizar esse recurso escasso, tornando-a uma mercadoria sujeita às leis do mercado. Na realidade, o acesso à água potável e segura é um direito humano essencial, fundamental e universal, porque determina a sobrevivência das pessoas e, portanto, é condição para o exercício dos outros direitos humanos.

Mudanças climáticas

A questão das mudanças climáticas é abordada nos parágrafos 23-26, 165 e 169 da Encíclica, refletindo fielmente o amplo consenso que existe hoje na ciência. Isso não é nenhuma surpresa,

ECO-REBEL

visto que Hans Joachim Schellnhuber, um dos principais cientistas da área, atuou como assessor científico do Papa durante os meses de redação do documento.

A seção sobre mudanças climáticas se inicia com a seguinte exortação moral: “*O clima é um bem comum, um bem de todos e para todos*”. Essa frase é seguida por uma discussão sobre o aquecimento global: “*devido à alta concentração de gases do efeito estufa (dióxido de carbono, metano, óxido de azoto e outros) emitidos sobretudo em decorrência da atividade humana*”. O uso intensivo de combustíveis fósseis e o desmatamento provocado pela agricultura são mencionados como duas fontes importantes de gases do efeito estufa.

Entre as muitas consequências das mudanças climáticas estão a constante elevação do nível do mar e as condições climáticas extremas (23); o declínio da biodiversidade do planeta e a acidificação dos oceanos, que compromete as cadeias alimentares marinhas (24); e o trágico número de refugiados climáticos (25).

Essa análise é acompanhada pelo apelo urgente do Papa para que as emissões de gases de efeito estufa sejam reduzidas, até que por fim sejamos capazes de substituir o uso de combustíveis fósseis:

26. Por isso, tornou-se urgente e imperativo o desenvolvimento de políticas capazes de fazer com que, nos próximos anos, a emissão de dióxido de carbono e outros gases altamente poluentes se reduza drasticamente, por exemplo, substituindo os combustíveis fósseis e desenvolvendo fontes de energia renovável. No mundo, é exíguo o nível de acesso a energias limpas e renováveis.

165. Sabemos que a tecnologia baseada nos combustíveis fósseis – altamente poluentes, sobretudo o carvão mas também o petróleo e, em menor medida, o gás – deve ser, progressivamente e sem demora, substituída.

Por fim, o Papa lamenta o lento progresso no desenvolvimento de políticas climáticas efetivas e classifica essa situação como um verdadeiro fracasso moral:

169. A redução de gases de efeito estufa requer honestidade, coragem e responsabilidade, sobretudo dos países mais poderosos e mais poluentes (...). As negociações internacionais não podem avançar significativamente por causa das posições dos países que privilegiam os seus interesses nacionais em detrimento do bem comum global. Aqueles que não de sofrer as consequências que tentamos dissimular recordarão essa falta de consciência e de responsabilidade.

ECO-REBEL

Desigualdade social

Ao longo da Encíclica, o Papa Francisco sublinha a interdependência da degradação social e ambiental e enumera diversos sinais dos impactos devastadores da economia globalizada, dedicando especial atenção à desigualdade social:

48. O ambiente humano e o ambiente natural degradam-se em conjunto; e não podemos enfrentar adequadamente a degradação ambiental, se não prestarmos atenção às causas que têm a ver com a degradação humana e social. De fato, a deterioração do meio ambiente e a da sociedade afetam de modo especial os mais frágeis do planeta.

46. Entre os componentes sociais da mudança global, incluem-se os efeitos laborais de algumas inovações tecnológicas, a exclusão social, a desigualdade no fornecimento e consumo da energia e outros serviços, a fragmentação social, o aumento da violência e o aparecimento de novas formas de agressividade social, o narcotráfico e o consumo crescente de drogas entre os mais jovens, a perda de identidade (...). São alguns sinais, entre outros, que mostram como o crescimento nos últimos dois séculos não significou, em todos os seus aspectos, um verdadeiro progresso integral e uma melhoria da qualidade de vida. Alguns desses sinais são, ao mesmo tempo, sintomas de uma verdadeira degradação social e, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social.

51. A desigualdade não afeta apenas os indivíduos, mas países inteiros, e obriga a pensar em uma ética das relações internacionais. Com efeito, há uma verdadeira “dívida ecológica”, particularmente entre o Norte e o Sul, ligada a desequilíbrios comerciais com consequências no âmbito ecológico e com o uso desproporcionado dos recursos naturais efetuado historicamente por alguns países (...) “Constatamos frequentemente que as empresas que assim procedem são multinacionais”.

Talvez a única seção pouco convincente da Encíclica seja o parágrafo 50, no qual o Papa Francisco tenta minimizar a importância dos controles populacionais e da estabilização da população mundial, o que não surpreende, visto que a Igreja claramente se opõe ao uso de métodos contraceptivos. Entretanto, essa posição é especialmente lamentável, uma vez que os especialistas em fenômenos populacionais documentam continuamente uma forte correlação entre a redução da taxa de natalidade e maior respeito aos direitos das mulheres (especialmente o acesso à educação). Essa seria uma outra oportunidade para o Papa Francisco enfatizar a interdependência entre o equilíbrio ecológico e a justiça social, um dos principais temas do documento.

Necessidade de um consenso global

Ao final dessa abrangente análise ética e sistêmica do estado do mundo, o Papa conclui que precisamos chegar a um consenso global quanto a uma ação efetiva:

ECO-REBEL

164. Para enfrentar os problemas a fundo, que não se podem resolver com ações de países isolados, torna-se indispensável um consenso mundial que leve, por exemplo, a programar uma agricultura sustentável e diversificada, desenvolver formas de energia renováveis e pouco poluidoras, fomentar uma maior eficiência energética, promover uma gestão mais adequada dos recursos florestais e marinhos, garantir a todos o acesso à água potável.

O Papa também condena a falta de liderança política na busca de tal consenso global e não hesita em citar a corrupção na política, muitas vezes já institucionalizada, como principal culpada:

54. Preocupa a fraqueza da reação política internacional. A submissão da política à tecnologia e às finanças demonstra-se na falência das cúpulas mundiais com relação ao meio ambiente. Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus projetos.

178. O drama de uma política focalizada nos resultados imediatos, apoiada também por populações consumistas, torna necessário produzir crescimento a curto prazo. Respondendo a interesses eleitorais, os governos não se arriscam facilmente a irritar a população com medidas que possam afetar o nível de consumo ou pôr em risco investimentos estrangeiros. A construção míope do poder freia a inserção de uma agenda ambiental com visão ampla na agenda pública dos governos.

182. A previsão do impacto ambiental dos empreendimentos e projetos requer processos políticos transparentes e sujeitos a diálogo, enquanto a corrupção, que esconde o verdadeiro impacto ambiental de um projeto em troca de favores, frequentemente leva a acordos ambíguos que fogem ao dever de informar e a um debate profundo.

Por meio de seu documento, o Papa Francisco elogia a ação da sociedade civil (redes globais e organizações não governamentais) em seus esforços para elevar o nível de consciência da sociedade e desenvolver soluções sistêmicas em diversas áreas:

13. Desejo agradecer, encorajar e manifestar apreço a quantos, nos mais variados setores da atividade humana, estão trabalhando para garantir a proteção da casa que partilhamos. Uma especial gratidão é devida àqueles que lutam, com vigor, para resolver as dramáticas consequências da degradação ambiental na vida dos mais pobres em todo o mundo.

14. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na conscientização.

38. Todavia, ao falar sobre esses lugares, impõe-se um delicado equilíbrio, porque não é possível ignorar também os enormes interesses econômicos internacionais que, a pretexto de cuidar deles, podem atentar contra as soberanias nacionais.

166. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo caminho, enriquecido pelo esforço de muitas organizações da sociedade civil. Não seria possível mencioná-las todas aqui, nem repassar a história das suas contribuições. Mas, graças a tanta dedicação, as questões ambientais

ECO-REBEL

têm estado cada vez mais presentes na agenda pública e tornaram-se um convite permanente a pensar a longo prazo.

Ao final, o Papa afirma inequivocamente que a única maneira efetiva de se desenvolver políticas sociais e ambientais adequadas se dá por meio da pressão exercida por movimentos sociais de base sobre todos os níveis governamentais.

179. A sociedade, através de organismos não governamentais e associações intermédias, deve forçar os governos a desenvolver normativas, procedimentos e controles mais rigorosos. Se os cidadãos não controlam o poder político – nacional, regional e municipal –, também não é possível combater os danos ambientais.

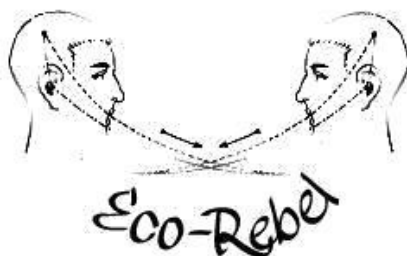
Com sua Encíclica, o Papa Francisco consegue, sozinho, levar a Igreja Católica para a vanguarda do movimento ambiental e se consagra como um verdadeiro líder global, assim como Václav Havel, Jimmy Carter e Dalai Lama.

Fica em nós a esperança de que a paixão e a sabedoria expressas em *Laudato Si'* ressoem fortemente em todo o planeta.

Texto original em inglês publicado em 22/06/2015: <http://www.fritjofcapra.net/blog-2/>

Aceito em 20/03/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



WHY ECOLINGUISTICS?

Alexander V. Kravchenko (Irkutsk State University, sashakr@hotmail.com)

Abstract: I will argue in this article that the emergence of ecolinguistics as a new field of research is not just a fad caused by a desire to mark a new territory for the explorations of language (as in the case of socio-, anthropo-, psycho-, cognitive, and other special linguistic disciplines), but an evolutionary stage in the development of language sciences driven by the realization that language is not a tool out there nor a mental organ in the brain but an essential ecological factor that defines us as a biological species, *Homo sapiens*, in phylogeny and ontogeny.

Key-words: Ecolinguistics; Language as Biological Phenomenon; Language and *Homo Sapiens*; Phylogeny and Ontogeny.

Resumo: Neste artigo eu tento mostrar que a emergência da ecolinguística como um novo ramo de pesquisa não é apenas um modismo devido a um desejo de demarcar novo território para a investigação da língua (como no caso de socio-, antropo-, psicolinguística e outras disciplinas linguísticas), mas uma etapa evolucionária no desenvolvimento das ciências da linguagem motivada pela constatação de que a língua não é um instrumento que está aí nem um órgão mental no cérebro, mas um fator ecológico essencial que nos define como uma espécie biológica, *homo sapiens*, na filogenia e na ontogenia.

Palavras-chave: Ecolinguística; Língua como Fenômeno Biológico; Língua e *Homo Sapiens*; Filogenia e ontogenia.

1. Introduction

Ecology is a scientific study of the relationship of organisms with their environment (Haeckel 1866), and over the past hundred years our concerns about the environment in which we live and with which we interact – just as the environment interacts with us – have been growing as the humanity came to realize the devastating effects it has on the world in which we live and on which

ECO-REBEL

we depend as organisms. Yet, being living organisms, we don't like to think of ourselves as animal forms, and to call a person an animal is taken as an insult because animals are not sapient while we, humans, are: we can *think*, we have *minds*, and we *know*. And the fact that mainstream cognitive science today cannot offer coherent answers to the questions what is thought, mind, or what it is to know, doesn't deter many of us from agreeing with Descartes' famous thesis: *Cogito, ergo sum*. However, "to understand living things requires reference to higher-order principles of system organisation – indeed, it is the essential fact that they are organisms, that do things, that requires explanation" (MITCHELL, 2017, p. 6).

Humans are socially organized higher-order animal forms, and as such they may be studied at two different levels depending on the biological order of their organization – as second-order and third-order living systems (individuals and societies), the cell being an instance of first-order living system (cf. Maturana, 1970). To understand humans as living organisms that differ from all other animal forms, we must understand what they do and why they do it as *living systems*. And what they do, and what makes them so unique among all other living systems known to biologists, is languaging as a specific form of interactional behavior of complex dynamics characteristic of human society. A formalistic approach doesn't help to understand the nature of linguistic activity because it doesn't take into account ecological, experiential, behavioral, perceptual, and cognitive dimensions of human interactional behavior (Raimondi 2019). We can know ourselves only when and if we can explain what language is and what language does *to* us and *for* us as a biological species. This, it would seem, is the job of linguistics as a scientific study of language. But is it? Strikingly, linguistics as a science does not seem to have a clear understanding of its object of study – language as a unique feature of our biological species. Entrenched in our everyday discourse on language and its function, the code model of linguistic communication – the hallmark of mainstream Cartesian linguistics – obscures the nature of linguistic semiosis as a *biological adaptation*, a crucial evolutionary factor in the development of our species both in phylogeny and ontogeny. This has dramatic consequences for humans, individuals and communities alike, as they are not prepared to acknowledge human responsibility for the well-being of the living world. Until recently, man has proudly seen himself as the king of nature. The roots of this haughty belief lie in the philosophical tradition of segregating man and world and viewing them as two independent realms, the subjective (thinking humans) and the objective (unthinking and, therefore, non-human objects). The job of the former is to cognize the latter as something out there that can

ECO-REBEL

be made use of to meet the needs of the thinker: “Knowledge is power”. This led to the ‘consumer’ approach to nature, when advances in science and technology made it possible to change the surrounding world in many ingenious ways, adapting it to the ever-growing needs of human society. It is only now, when many of such changes have turned out to be nothing but disasters on a planetary scale caused by ‘thinking’ humans (suffice it to mention the Aral Sea disaster), that we begin to understand the simple truth that, in this world, everything is connected with everything. Ecological issues have become a hot topic as it started to dawn on us that neither the world is independent of us, nor are we independent of the world, and this is something that real science has to take into account (cf. CHARDIN, 1956; SCHRÖDINGER, 1959; SEARLE, 1984; MATURANA, 2000). In this context, one is tempted to ask, “How real is the science of linguistics?” Or, even more radically, “Is linguistics really a science?” If, according to Harris (2005, p. 84), “it takes more than thousands of linguists chanting in unison “Linguistics is a science” to make it so”, what *does* it take to make linguistics a science?

2. The problem of method

As a science, linguistics owes its status to Ferdinand de Saussure (1916) who insisted that, to claim the status of an ‘objective’ science, linguistics must study language “in itself and for itself”, as an object to which analytical (decompositional) procedures could be applied. This point of departure defined the methodology used in the study of language as a structured system of signs, marking the emergence of structuralism which soon became the dominant scientific paradigm in the humanities in the 20th century. Thus, from the very start linguistics chose to view language as something ‘out there’, a thing that existed on its own in external reality and was used by humans just as they use other material objects to meet their pragmatic needs. And of course, this thing ‘out there’ could be nothing else but texts – material cultural artifacts created and used by humans.

As an object of inquiry, language is defined by the method chosen for its study. Viewing writing as a technique for representing speech and positing a one-to-one correspondence between the written and spoken word, linguists focused on analyses of texts as material objects which consist of words and sentences as things (cf. LINELL, 2005). This naturally led to a conclusion that any text (and, by extension, any live discourse) was the result of combining and recombining words into sentences (utterances) organized according to a set of rules – not unlike atoms are combined into molecules in chemistry. Saussure himself understood the limitations of such a methodological

ECO-REBEL

move, pointing out that a study of texts could tell no more about language than a study of a photograph of a man about the living man himself. However, if linguistics wanted to have a clearly defined object of study analyzable in terms of structure and function and claim the right to be called an objective science, it had to pay a price, which is not uncommon in the history of science. But the history of science also shows the relative nature of ‘scientific’ knowledge (note the tautology implicit in the expression *scientific knowledge: science* ‘knowledge acquired by study’, from Lat. *scientia* ‘knowledge’ from *scire* ‘know’). What was known for a scientific fact yesterday often turns out to be a fallacy, delusion, or misinterpretation of a particular phenomenon today (a classic example is the concept of atom as something indivisible – from Democritus to this day). The ability to abandon old beliefs and see something in a new light is what marks real science whose progress depends on constant reassessment and re-evaluation of accumulated knowledge (KRAVCHENKO, 2009a). Yet over the past hundred years the science of linguistics has not only failed to reassess its initial assumptions in the form of structuralist maxims and dichotomies (langue vs. parole, synchrony vs. diachrony, arbitrariness of sign, etc.); it has shown remarkable tenacity in sustaining the segregationist approach to language as if it existed apart from languaging humans.

The established, orthodox view of language as a symbolic system – a set of abstract forms that somehow relate to aspects of the world which exists independently as ‘external reality’ – accounts for the so-called representational function of language; thus, language becomes a tool, a material intermediary used in communication which, in its turn, is seen as exchange of immaterial thoughts between linguistically interacting individuals. The picture drawn by orthodox linguistics is quite straightforward: (i) language as part of the world (external reality) is some objective substance that can be identified, localized, and analyzed – very much like substances in chemistry; (ii) as such, language is external to thought: first, we think thoughts, and then we look for suitable words to express (encode) our thoughts according to the meanings contained in the words we use; hence (iii) to know a language is to know the code used by a given community – an inventory of code units (linguistic signs aka symbols), or lexicon, and a set of rules which govern the use of symbols, or grammar. This picture of language, christened by Harris (1981) as *the language myth*, seems quite appealing to both structural linguists and laymen alike because of its apparent simplicity and what looks like good old common sense. No wonder this view of language and how it is ‘acquired’ lies, for example, at the basis of educational practices in the area of foreign language teaching –

ECO-REBEL

despite the well-known fact that children learning their mother tongue do not follow anything even close to this ‘acquisition’ procedure. And it is another well-known fact that it is simply impossible to learn a foreign language, reaching a native speaker’s level of proficiency, by following the procedure prescribed by the code-model of language (KRAVCHENKO & PAYUNENA, 2018) – for the simple fact that *language is not something external to man*.

It might seem that an internalist account of language and cognition – the hallmark of mainstream cognitive science which views cognition as something autonomous that takes place entirely within the brains of cognizers (HARNAD & DROR, 2006; for a critique, see KRAVCHENKO, 2007) – is a plausible alternative to externalism, aiming to overcome the impasse of the segregationist approach to language. Indeed, if language is a biologically based feature of the brain (CHOMSKY, 1965), if language “grows in the mind” (CHOMSKY, 1980, p. 134) and can, therefore, be regarded as a “mental organ” (ANDERSON & LIGHTFOOT, 2002) to be studied by developmental biology (JENKINS, 2000) – isn’t it *embodied* as a biologically determined capacity, a kind of ‘instinct’ (PINKER, 1995)? The answer is both ‘yes’ and ‘no’.

Language *is* embodied, but not in the sense that it is some ‘organ’ as a structural part of the human biological makeup – just as mind is not (part of) the brain as mainstream cognitive science would have it. It is embodied in the sense that, viewed as biologically functional behavior of humans as social animals, it is *adaptively meaningful orientational interactions of human organisms with their environment with which they form a unity*. Far from regarding these interactions as the basis for language and cognition, internalist accounts of language see them as “performance capacity” (*E-language*) arising from the processes that go on in the brain (*I-language*). Thus, internalism also sustains Cartesian dualism in explaining man and world and the relationship between them.

A major (though not often acknowledged) theoretical stumbling block for both externalist and internalist views of language is the concept of linguistic sign as a bilateral unity of form and meaning (Saussure), or the plane of expression and the plane of content (Hjelmslev), firmly established in linguistic discourse. While word forms are material and, therefore, external to mind (granted that mind is not equated with brain, as is often the case in cognitivism), meanings (mental content, thoughts) are immaterial and internal. This creates an insurmountable problem of explaining the ontological status of thoughts as mental phenomena inaccessible for direct observation by others but somehow accessible to these others through the material vehicles of linguistic signs used as a tool in communication. Attempts to explain language systems in terms

ECO-REBEL

of use and language use in terms of systems create a vicious circle and are, therefore, not particularly productive because they cannot explain how communication is possible. Understanding text as structure and equating it with speech, or positing internal language as something that grows in an individual and contrasting it with external language that belongs to a community as part of the world (but is not, apparently, an organ that grows in the world!) amounts to not understanding language at all.

As I have argued elsewhere (KRAVCHENKO, 2008), many issues posed by both externalist and internalist accounts of language and cognition are easily avoided if, instead of focusing on inner concepts and how they are manifested externally through language as a system of material symbols, we turn to the interactional features of language that enact joint activity (CLARK, 1996). On the one hand, as a semiotic system, “language has an emergent architecture to the extent that its structure is a product of spontaneous bottom-up self-organizing interactions, not top-down imposition of structure or constraint by any pre-existing template. This requires conceiving of basic linguistic units as differentiated end-products of a cognitive process rather than as fundamental atoms of analysis (DEACON, 2005, p. 274). On the other hand, as interactional behavior, language consists in the continuous making of linguistic choices from a wide and unstable range of variable possibilities in a manner which is driven by highly flexible principles and strategies grounded in the praxis of our living as linguistic organisms. A more comprehensive view of language as “the form in which human experience is construed” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 510) must include the human ‘conceptualizer’ and the world as it is experienced by him (DIRVEN; VERSPOOR, 1998).

Language is embodied in our bodily dynamics and embedded and enacted in social interactions as orientational (cognitive) behavior that characterizes us as living systems (cf. DI PAOLO; CUFFARI; DE JAEGHER, 2018). An understanding that the dualistic picture of language drawn by orthodox linguistics impedes progress in the study of human linguistic behavior as something that makes *Homo sapiens* so uniquely special, has been growing in the academia over the past several decades. New approaches to the study of language and cognition build on the realization that dualism is a halting move in explaining the relationships between the body and the environment, and between the mind and the body (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1991; CHEMERO, 2011; CARVALHO; PEREIRA; COELHO, 2016). Because organisms as cognitive systems do not exist in a vacuum but form a functional unity with their immediate environment

(HUTCHINS, 1995), or an organism-environment system (JÄRVILEHTO, 1998), and because language is not an artifact used as a tool in human interactions with their environment but biologically functional behavior that defines the human organism-environment system, to become a true science linguistics needs a radically new perspective on the function and role of language in human society as a living system (KRAVCHENKO, 2016a).

3. Language, human ecology, and the project of ecolinguistics

Viewed from a naturalist perspective, language is an extension of the human sensorium (MORRIS, 1938). The function of our sensorium is to orient our moving bodies in their interactions with the environment which provides opportunities for action, or affordances (GIBSON, 1979). Humans are social animals that can talk (JENNINGS; THOMPSON, 2012), and their consensual domain provides social affordances that affect how individual humans develop and function in society as a third-order living system whose unity is sustained by the unity of linguistic interactions. In other words, affordances mean.

As the medium of human interactions, language is an adaptation for coordination of joint activity of humans in their consensual domain. It is behavior in a second-order consensual domain (MATURANA, 1978) in which components of the first-order consensual domain (contextualized vocalizations as immediately perceived indices that cue interactional behavior) may be, and typically are, used without the (first-order) consensual domain. Being grounded in first-person experience, utterances orient each of the communicating parties with respect to their consensual domains (both first- and second-order) which may be similar but never identical. This creates an interpretation problem in assessing affordances provided by linguistic behavior: an utterance may refer to something immediately perceived by the parties (a component of the first-order consensual domain), or it may refer to remembered past experience categorized as knowledge (a component of the second-order consensual domain). In our adaptive (linguistic) behavior much depends on how an utterance is interpreted: it may cue an immediate adaptive response (an action) ‘here-and-now’, or it may provide an opportunity for a delayed response as a potentiality to be realized in our future adaptive behavior. This is *the merging point of our sensorium and language*, and it plays a crucial role in the interactive emergence of linguistic meaning.

Rationalizing language, Cartesian linguistics (in both its externalist and internalist brands) fails to see the continuity between life and language as a distinctive feature of human ecology; it denies

ECO-REBEL

the systemic character of relationships in the human organism-environment unity. However, as Bateson (1972) warned at the time, this is unwise:

Lack of systemic wisdom is always punished. We may say that the biological systems – the individual, the culture, and the ecology – are partly living sustainers of their component cells or organisms. But the systems are nonetheless punishing of any species unwise enough to quarrel with its ecology (p. 442).

By and large, humans have been busy doing precisely this – quarreling with their ecology defined by the relational domain of language. By turning a blind eye to the systemic nature of the biological, ecological system around the individual human being, Cartesian linguistics fails to take an adequate view of language and its role in the life of humans both on the individual and societal levels, as living systems that exist in the unique ecological (bio-cultural) niche constituted by linguistic interactions (KRAVCHENKO, 2016b). In a community of linguistic organisms viewed as a living system, languaging is the constitutive activity of the system components (individual humans as components of groups of individuals). Human unique cognitive abilities *emerge* in the process of the development of the system components into fully functional agents; language “transforms human agency as we cease to be human infants and, over time, become particular characters” (COWLEY, 2014, p. 67).

While the systemic behavior of human society depends on the cognitive properties of the components themselves, these cognitive properties emerge in the domain of languaging as systemic behavior that becomes a cognitive niche for human organisms. It is this crucial circumstance that highlights the ecological nature of the relationship between human society and its domain of linguistic interactions. Because “the evolution of the living systems is the evolution of the niches of the units of interactions defined by their self-referring circular organization, hence, the evolution of the cognitive domains” (MATURANA, 1970: 4), ignoring the ecological nature of language as a relational (cognitive) domain obscures our understanding of the processes that shape both individual and social cognition.

The prevailing view of language as a thing used in an instrumental function by sapient organisms is incoherent and must be abandoned. The ecological niche of humans is saturated with affordances provided by linguistic interactions in the experiential domains of speech and writing (KRAVCHENKO, 2009b); moreover, the semiotic technology of writing ‘re-configures’ our agency and cognitive powers (DAVIDSON, 2019). Linguistic interactions in these domains

ECO-REBEL

become a decisive ecological factor that both affects and sustains the development of individuals and society as living systems. Therefore, unlike Cartesian linguistics, the study of language as a major factor in human ecology (FILL; STEFFENSEN, 2014) may become a true science of (human) life (COWLEY; MARKOŠ 2018).

However, as I have argued elsewhere (KRAVCHENKO, 2016c), the emergence of ecolinguistics as a new field of linguistic research (for a historical review, see Couto (2014)), while being a step forward in an attempt to bridge the gap between linguistics and life sciences, does not signal a conceptual departure from the established view of language as a code, and the ‘conduit metaphor’ (REDDY, 1979), as Mühlhäusler (2019) points out, continues to underpin the majority of ecolinguistic writings.

On the homepage of the *International Ecolinguistics Association* (<http://ecolinguistics-association.org>) ecolinguistics is defined as the exploration of “the role of language in the life-sustaining interactions of humans, other species and the physical environment” with the primary aim “to develop linguistic theories which see humans not only as part of society, but also as part of the larger ecosystems that life depends on”. Although the role of language in the life-sustaining interactions of humans, other species and the physical environment cannot be over-exaggerated, and the approach taken by the *IEA* appears to be holistic on first sight, both the *IEA* definition of, and approach to, ecolinguistics are quite problematic.

On the one hand, speaking of the role of language in life-sustaining interactions makes sense only and if there is an adequate understanding of the biological mechanism of life-sustaining processes in general. This means that if linguistic interactions are claimed to sustain human life, an explanation is required of what (and how) actually happens in the world of the living that allows us to speak of human life as essentially different from all other life-forms, such as the great apes, for example. Thus, we inevitably face the necessity to address the question of the biological function of language – something that ecolinguistics seems unwilling to do.

On the other hand, without understanding the biological – or, better still, biosocial – function of language one cannot hope to approach it holistically, taking into account all the intricate relationships between humans and their environment viewed as an integral whole, an organism-environment system. One can only agree with Mühlhäusler (2019, p. 20) that “it may be desirable to have a holistic approach, but in the absence of any clear understanding what the whole actually is, the best we can do is to enlarge the number of parameters we consider – an indefinitely large

ECO-REBEL

number, many of them beyond our comprehension”. Regretfully, this is precisely what seems to inform much of ecolinguistic discourse, showing “a discrepancy between what ecolinguistics wants to be and what it actually is” (ibid., p. 18).

Contemporary ecolinguistic research focuses on the problem of the relationship between language and ecology, when “central to ecolinguistics [...] are the core concepts of language, the environment, and the *interaction between them*” (ZHOU, 2017: 125; emphasis added). Thus, language is reified, becoming something *sui generis* that possesses agency, while “ecology” becomes synonymous with “environment”. However, being interactional semiotic behavior of humans in a consensual domain, language is not an entity that ‘interacts’ with the environment: it is humans that do. Neither does it make much sense to speak of the ‘relationship’ between language and ecology if ecolinguists want to be precise in their definitions of the core concepts. According to Haeckel’s original definition, “ecology” is the relationship of particular organisms with their particular environment, so the problem above may be reformulated as “the relationship between language and the relationship of some (which exactly?) organisms with their environment”. To avoid such absurdities, ecolinguistics must focus on defining language as a whole, and this is possible only by using a systems approach to language as a *biological feature* of our species.

It is not enough to view language as multi-scalar dialogical activity distributed over space-time (COWLEY, 2014; HODGES, 2014), as something that extends the human ecology (STEFFENSEN, 2011); ecolinguistics must address the question of what makes *Homo sapiens* ecologically special (ROSS, 2007), or how human ecology is different from non-human ecologies, because “neither genes nor culture, singly, can account for what [...] makes humans different from other species” (SINHA, 2009, p. 291). This is possible only if the concept of human ecology is clearly and explicitly defined – specifically, the human environment must be identified as that which makes our species so unique. This was done by Lotman (1990) who introduced the concept of semiosphere as the constructed meaningful environment reproduced from generation to generation with the human organism itself (cf. KRAVCHENKO, 2014). And the uniqueness of this organism-environment system lies, apparently, in language as a cognitive niche in which humans ‘happen’ as living systems: it is the “difference which makes a difference” in distinguishing human agents from non-human agents, a biological adaptation responsible for making us – not only ecologically special – but what we really are, *Homo sapiens sapiens*.

ECO-REBEL

What makes humans unique is a capacity for linguistic semiosis as a requisite for abstract thought (LURIA, 1982). This opens up a radically new venue for the explorations of language, bringing together biology, ecology, psychology, semiotics, neuroscience, and interaction studies, thereby making the study of language part of life sciences. When this happens, there will be no more need in such sub-branches of linguistics as socio-, anthropo-, psycho-, ethno-, bio-, neuro-, cognitive linguistics and so forth. This will mark an approach to language that could be truly called holistic – a new paradigm in the study of man that could help understand what the traditional humanistic sciences could not: *the origins of humanness*. I hope ecolinguistics is up for the job.

References

- ANDERSON, S. R. ; LIGHTFOOT, D. W. *The language organ: Linguistics as cognitive physiology*. Cambridge : Cambridge University Press, 2002.
- BATESON, G. *Steps to an ecology of mind: Collected essays in anthropology, psychiatry, evolution, and epistemology*. Northvale, New Jersey : Jason Aronson Inc.
- CARVALHO, L. L. DE; PEREIRA, D. J.; COELHO, S. A. 2016, Origins and evolution of enactive cognitive science: Toward an enactive cognitive architecture. *Biologically Inspired Cognitive Architectures* 16, 2016, p. 169–178.
- CHARDIN, T. de. *Le phénomène humain*. Paris : Les Éditions du Seuil, 1956.
- CHEMERO, A. *Radical embodied cognitive science*. Cambridge: MIT Press, 2011.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. *Rules and representations*. New York: Columbia University Press, 1980.
- CLARK, H. H. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- COUTO, H. H. do. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language Sciences* 41, 2014, p. 122–128.
- COWLEY, S. J. Bio-ecology and language: a necessary unity. *Language Sciences* v. 41, 2014, p 60–70.
- COWLEY, S. J.; MARKOS, A. Evolution, lineages and human language. *Language Sciences* v. 71, 2019, p. 8–18.
- DAVIDSON, A. Writing: re-construction of language. *Language Sciences* v. 72, 2019, p. 134–149.

ECO-REBEL

DEACON, T. W. Language as an emergent function: some radical neurological and evolutionary implications. *Theoria* v. 54, 2005, p. 269–286.

DI PAOLO, E. A.; CUFFARI, E. C.; DE JAEGHER, H. Linguistic bodies: The continuity between life and language. Cambridge: The MIT Press, 2018.

DIRVEN, R.; VERSPOOR, M. (eds.). *Cognitive exploration of language and linguistics*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1998.

FILL, A.; STEFFENSEN, S. V. Editorial: the ecology of language and the ecology of science. *Language Sciences* v. 41, 2014, p. 1–5.

GIBSON, J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton-Mifflin, 1979.

HAECKEL, E. *Generelle Morphologie der Organismen*. Berlin: G. Reimer, 1866.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIessen, C.M.I.M. *Construing experience through meaning: A language-based approach to cognition*. New York: Continuum, 1999.

HARNAD, S.; DROR, I. Distributed cognition: Special issue of *Pragmatics & Cognition* v. 14, n. 2, 2006, p. 209–213.

HARRIS, R. *The language myth*. London: Duckworth, 1981.

HARRIS, R. *The semantics of science*. London: Continuum, 2005.

HODGES, B. H. Righting language: a view from ecological psychology. *Language Sciences* v. 41, 2014, p. 93–103.

HUTCHINS, E. *Cognition in the wild*. Cambridge: The MIT Press, 1995.

JÄRVILEHTO, T. The theory of the organism-environment system: I. Description of the theory. *Integrative Physiological and Behavioral Science* v. 33, 1998, p. 321–334.

JENKINS, L. *Biolinguistics: Exploring the biology of language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

JENNINGS, R. E.; THOMPSON, J. J. The biological centrality of talk. In: KRAVCHENKO, A. V. (ed.). *Cognitive dynamics in linguistic interactions*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2012, p. 33–63.

KRAVCHENKO, A.V. Whence the autonomy? A reply to Harnad and Dror. *Pragmatics & Cognition* v. 15, n. 3, 2007, p. 587–597.

KRAVCHENKO, A. V. *Biology of cognition and linguistic analysis: From non-realist linguistics to a realistic language science*. Frankfurt/Main: Peter Lang, 2008.

ECO-REBEL

KRAVCHENKO, A. V. Reassessing the project of linguistics. In: J. ZLATEV, J.; ANDRÉN, M.; FALCK, M. J.; Lundmark, C. (eds.). *Studies in language and cognition*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2009a, p. 27–42.

KRAVCHENKO, A. V. The experiential basis of speech and writing as different cognitive domains. *Pragmatics & Cognition* v. 17, n. 3, 2009b, p. 527–548.

KRAVCHENKO, A.V. How Humberto Maturana's biology of cognition can revive the language sciences. *Constructivist Foundations* v. 6, n. 3, 2011, p. 352–362.

KRAVCHENKO, A. V. Human autopoiesis? *Constructivist Foundations* v. 9, n. 2, 2014, p. 177–179.

KRAVCHENKO, A. V. Prolegomena to a new language science. *Current Issues in Philology and Pedagogical Linguistics* 2, 2016a, p. 7–14.

KRAVCHENKO, A. V. Language as human ecology: a new agenda for linguistic education. *New Ideas in Psychology* 42, 2016b, p. 14–20.

KRAVCHENKO, A. V. Two views on language ecology and ecolinguistics. *Language Sciences* 54, 2016c, p. 102–113.

KRAVCHENKO, A. V.; PAYUNENA, N. V. Practice held hostage to theory: why it is so hard to learn a foreign language at school. *Tomsk State University Journal of Philology* 56, 2018, p. 65–91 (in Russian).

LINELL, P. *The written language bias in linguistics*. London and New York: Routledge, 2005.

LOTMAN, Y. *Universe of the mind: A semiotic theory of culture*. (Transl. Ann Shukman). , New York: I. B. Tauris and Co. Ltd. 1990.

LURIA, A. *Language and cognition*. Chichester: John Wiley, 1982.

MATURANA, H. R. *Biology of Cognition*. BCL Report # 9.0. Urbana: University of Illinois, 1970.

MATURANA, H. R. Biology of language: The epistemology of reality. In: MILLER, G.; LENNEBERG, E. (eds.). *Psychology and biology of language and thought*. New York: Academic Press, 1978, p. 28–62.

MATURANA, H. R. The nature of the laws of nature. *Systems Research and Behavioral Science* v. 17, n. 5, 2000, p. 459–468.

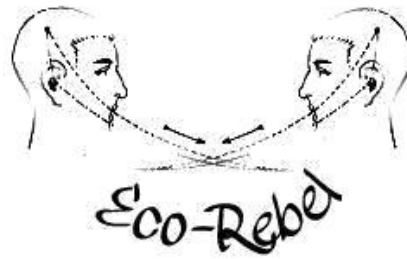
MITCHELL, K. What are 'the laws of biology'? *The Biologist* v. 64, n. 6, 2017, p. 6.

ECO-REBEL

- MORRIS, C. W. Foundations of the theory of signs. In: NEURATH, O.; CARNAP, R.; MORRIS, C. W. (eds.). *International encyclopedia of unified science*, vol. 1, part 2. Chicago, 1938.
- MÜHLHÄUSLER, P. Quo vadis Ecolinguistics. In: Steffensen, S. V. (ed.). *The Aalpiri papers: two critical reflections on contemporary ecolinguistics*. SDU, Odense, 6–24.
- PINKER, S. *The language instinct: How the mind creates language*. New York: Harper Perennial, 1995.
- RAIMONDI, V. The bio-logic of languaging and its epistemological background. *Language Sciences* 71, 2019, p. 19–26.
- REDDY, M. The conduit metaphor. In: Ortony, A. (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge University Press, Cambridge, 1979, p. 284–324.
- ROSS, D. *H. sapiens* as ecologically special: what does language contribute? *Language Sciences* 29, 2007, p. 710–731.
- SAUSSURE, F. de. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot, 1916.
- SCHRÖDINGER, E. Mind and matter. The Tarner lectures delivered at Trinity College. Chicago: The University Press, Cambridge, 1959.
- SEARLE, J. *Minds, brains and science*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- SINHA, C. Language as a biocultural niche and social institution. In: EVANS, V.; POURCEL, S. *New directions in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, 289–309.
- STEFFENSEN, S. V. Beyond mind: an extended ecology of languaging. In: COWLEY, S.J. (ed.). *Distributed language*. Amsterdam: John Benjamins, 2011, p. 185–210.
- VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: Cognitive science and human experience*. Cambridge: The MIT Press, 1991.
- ZHOU, Wenjuan. Ecolinguistics: towards a new harmony. *Language Sciences* 62, 2017, p. 124–138.

Aceito em 02/05/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



THE TREEING-OF-TREE THROUGH AFFECTIVE ATTUNEMENT: BIOSEMIOTICS AND CHINESE IDEOGRAMS AS AN ECOSYSTEM

Wong Kin-yuen (Hong Kong Shue Yan University)

Resumo: Este trabalho se insere na esteira dos desenvolvimentos recentes de uma “virada ecológica” nas teorias da naturacultura ocidental, tendo em vista o paradigma crítico chamado “biossemiótica”. Ele se propõe aventurar-se pela crítica literária interseccionalmente transversal, a ontologia quiasmática, a teoria afetiva, a bioneurologia, a pesquisa científica e filosófica sobre os estudos faunísticos e florísticos, de modo a descobrir um caminho para uma ecocrítica/ecolinguística chinesa sob a égide das humanidades ambientais.

O ensaio parte de um grupo entrelaçado de ideogramas chineses que se apresentam com radicais associados com plantas (*mu* 木 como elemento “planta/madeira”), e que exhibe um amplo espectro de interações planta-ambiente visando a uma empatia afetiva com o agenciamento da vida vegetal. Ele cria, assim, um clima para repensarmos o tema estudo crítico de plantas, estabelecendo uma forma biocêntrica ou fitocêntrica de crítica. Com uma ênfase em *mu* como um dos elementos da cosmologia *wu-xing* 五行 da cultura clássica chinesa, esperamos que o esforço amplie o âmbito e a dimensão da biossemiótica como sugerida por Derrida, Merleau-Ponty, Spinoza, Deleuze, Uexküll, Hoffmeyer e Wheeler, mediante uma abordagem entrecruzada não apenas em áreas críticas, mas também entre as culturas do ocidente e do oriente em geral.

Palavras-chave: Ecolinguística; Biossemiótica; Afeto; Ideogramas Chineses; Estudo Crítico de Plantas.

Abstract: This paper works in tandem with the recent developments of an “ecological turn” in Western natureculture theories towards the critical paradigm called “biosemiotics.” It proposes to venture into the intersectionality traversing literary criticism, chiasmic ontology, affective theory, bioneurology, scientific and philosophical research on animal and plant studies, so as to ferret out a track onto a new Chinese ecolinguistics/ ecocriticism under the banner of environmental humanities.

The paper first brings forward an intertwined group of Chinese ideograms which are designed with radicals associated with plants (*mu* 木 as “wood” element), and which exhibits a full spectrum of

ECO-REBEL

plant-environment interactions towards affective attuning to the agency of vegetal life. It then carves out a space to our rethinking the terrain of critical plants studies by establishing a biocentric, or phytocentric form of criticism. With an emphasis on *mu* as one of the five elements within *wu-xing* 五行 cosmology in classical Chinese culture, such an effort will hopefully widen the scope and dimension of biosemiotics as adumbrated by Derrida, Merleau-Ponty, Spinoza, Deleuze, Uexküll, Hoffmeyer and Wheeler through a criss-crossing approach not only among critical fields but also between East and West cultures at large.

Keywords: Ecolinguistics; Biosemiotics; Affect; Chinese Ideograms; Critical Plant Studies

Along with the recent development of the Western natureculture theories towards the critical “biosemiotics,” scholars in Chinese linguistics, culture, literature and poetics should be attracted to, or even intrigued by, this paradigm shift which starts a project of “rethinking” the human-nonhuman relationship under the rubric of mutual communication, expression and interaction. The overarching significance of such a project is not limited to our critically exploring whether, say, animals and plants have “language” or whether they can communicate among themselves and with other species. It also outlines the contour of debates which challenge the privileged exceptionalism of the human by rethinking what thinking is about. For the purpose of redefining concepts such as linguistic representation, mind or brain of different species, sense, perception and emotion, subject-object relations which lead to the question of agency, it is my intention here to reach out to the radical otherness by venturing into critical plant studies towards something called “vegetal life.” By tracing back to the very etymology of the Chinese ideograms as a starting point, I wish to validate the idea that we are humans precisely because there are nonhuman species; and by way of moving beyond the human, to be beside and across, in and particularly “with” the nonhuman, we are ushered into the framework of Deleuze and Guattari’s concept of transversal communication. Our rethinking an intertwined group of Chinese characters (ideograms) which, one way or another, are associated with the plantation world, will enable us to, as Hannah Stark puts it, “cultivate a *new attitude*,” (STARK, 2015, p.183) a drastically different comportment towards how the self-reflexivity of Chinese language could well be considered a culturally configured ecosystem within the new paradigm of biosemiotics.

Our question, or rather, difficulty, is how transversal communication becomes possible, given the fact that we are using human language (be it English or Chinese) in our attempt at going beyond it. It is of course a question of *attitude* just mentioned, an attitude which is willing to make concession from the self-centered humanity towards a space shared by the human and the

ECO-REBEL

nonhuman. This can be described by, say, Ian Bogost's concept of the "inhuman" which is "one of the many names for the meeting point between things, of the passage ways between entities' withdrawn, real being and their sensual encounter with others... the friction point... where gears grind, where sparks fly" (BOGOST, 2014, p.139). More specifically in relation to the encounter with plants, Michael Marder's seminal text *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life* (2013) emerges as a major attempt at a philosophical reorientation with the activity of brushing "upon the edges of their (plants') being" (MARDER, 2013, p.13). Much earlier on, from E.O. Wilson's "Biophilia Hypothesis" to Naess's Deep Ecology, and Leopold's Land Ethics, ecocentrism has advocated for a kind of life-ethics which emphasizes a biocentric egalitarianism. While Leopold urges us "to think like a mountain," Paul Taylor points to a moral behavior to recognize that "animals and plants have a degree ... of inherent world equal to that of humans," (TAYLOR, 1986, p.152). We then propose a more specific motion as to "how" we actually achieve a "transversal communication" with the nonhuman, namely, through the practice of "becoming animal" and "becoming plant" by following an act of "affective attunement" by Deleuze and Guattari. For them, "Affects are becomings" and "the reality of a becoming-animal ... is affect in itself" (DELEUZE & GUATTARI, *ATP*, p.256, 259). Such an affect would, according to the two philosophers, depend on an emphasis of a process of "structural coupling" between species in terms of vibratory rhythms, as they famously grant such an onto-ethology to explain their concept of transversal communication:

Rhythm is the milieus' answer to chaos. What chaos and rhythm have in common is the in-between two milieus, rhythm-chaos or the chaosmos: "Between, night and day, between that which is structured and that which grows naturally, between mutations from the inorganic to the organic, from plant to animal, from animal to humankind" (ATP, p. 313).

Despite the fact that Deleuze and Guattari do not elaborate on the becoming-plant to the same extent that they do on becoming-animal, their antihumanist framework does turn to vegetal life under their famous embracement of the rhizomes. For them, "the question is whether plant life in its specificity is not entirely rhizomatic" (*ATP*, p.7). With its "infinitely reproducible principles of *tracing*," (p.13) the rhizome is characterized by its fluidity, receptive connectedness, dispersion towards absolute multiplicity, it being "non-oppositional, non-representational, immanent and material-practical" (MARDER, 2013, p.152). This new image of thought which is rhizomatic

ECO-REBEL

oscillates among frameworks of transversal connections as manifested from the wisdom of plants” and Deleuze and Guattari suggest that we should “follow the plants” to establish “new circles of convergence” among things (*ATP*, p.12). In *A Thousand Plateaus*, they trace the progressive track of becoming, from becoming-woman and end up with becoming imperceptible; in between these becomings we see becoming-vegetable to be followed by becoming-elementary (*ATP*, p.274). Here disparate things on different scales and frameworks generate various form-event assemblages which are subsumed under the rhizomatic assemblage of interconnectedness, heterogeneity and multiplicity. It is from here that I hope to develop an argument that the Deleuzian “becoming-plant,” and particularly the rhizomatics, can serve as an exemplary model for me to venture into a biosemiotic ecosystem first through a group of Chinese ideograms. It is my claim that within the Chinese linguistic structure, these Chinese characters not only serve as signifiers representing various aspects of the plant world, but also as the signified. They are self-reflexively “rhizomes” themselves, taking up the job of establishing a domain of “symbiosis” that brings “into play being of totally different scales and kingdoms, with no possible filiation” (*ATP*, p.263).

But before I actually embark on the ideograms in question for analysis, there is still a need for us to digress into the “paradigm of cultural ecology” as expounded by Hubert Zapf in his *Literature as Cultural Ecology: Sustainable Texts* (2016). For Zapf, a paradigm is “an example, pattern or model” (OED); a “narrative, story with exemplary, model-like character” (Zapf: 2016, p.1). Within the larger system of linguistic structure, literature “is described as a transformative force of language and discourse ... for the creation of long-term, self-reflexive models of ecosemiotic complexity” (ZAPF, 2016, p.4). Literary language now becomes “a force of connectivity and intense, even magical interconnectedness. ... [T]he apparently self-referential play of cultural signifiers is embedded into living energy fields of ecosemiotic meanings, which connect heterogeneous domains of nature, culture and the human mind” (ZAPF, 2016, p.232). As it is well-known, Chinese language consists of monosyllabic, mostly ideogrammatic units which emphasize their visual make-ups. Its uniquely poetic characteristic was first known to the West through the modernist poetics which privileged imagistic discourse over discursive narrative. In this regard we are reminded of how literary critics such as Fellenosa and Ezra Pound were amazed by the montage-like juxtaposition of layers of images within one single character, such as the ideogram *dong* 東 (East) from which we can detect a scaffolding of a horizontal line of ocean, with a sun rising above it, and we have a tree in between the two images. The “tree” here takes the

ECO-REBEL

form of the character *mu* 木 (wood) according to the shape of a piece of twig forking out on both sides; and it plays a fundamental role of not only as a major radical associating with all aspects of the plantation world, but also as one of the symbols for the whole Chinese cosmology within the Five Elements *wu-xing* 五行.

As it turns out, *mu* is only one radical among others, all of which posit different species of plants etymologically designating *hwa* 花 (flower), *cao* 草 (grass), *jü* 竹 (bamboo), comprising a kind of ecosystem of its own. On a more complex level, we have, say, the ideogram *shu* 樹 (tree) which consists of the pre-individualized wood on the left, and, amazingly, a hand planting a young shaft of tree on the right. The character is amazing because it sounds congruent beautifully with the paradigm of cultural ecology which in turn echoes the natureculture theory in general. *Shu* here proffers the natural on the one hand and human culture with an act of planting on the other. Within human linguistics, *shu* as a noun points to a kind of plant in the first place, but it can well be used as a verb enacting a process of cultivating, nourishing and erecting, or establishing with an educational overtone such as the saying that “one plants the trees in ten years’ time and cultivates benevolence in a hundred years’ time.” Such a saying bases itself, of course, on Confucian human ethics. Put in our context of critical plant studies, I would argue here that the phrase *shu-mu* 樹木 (the treeing of wood) can be read as a Deleuzian form/event assemblage, directly positing a capacity of agency on the part of the tree itself without human interference. By substituting the phrase *shu-mu* into *shu-shu* 樹樹, awkward as it sounds, we will have “treeing of tree” which puts to the fore a biosemiotics advocating for the capacity of “striving” by the alterity endowed with affective attunement.

Striving is a concept Jesper Hoffmeyer adopts from Darwin concerning natural selection; and it serves as one of the beginning layers of “scaffolding” in his biosemiotics. Instead of taking the “agency” of living beings for granted as Darwin did, Hoffmeyer goes all the way to molecules and genes to explain the existence of “teleodynamics” in living species, their “interest” in matters of their surroundings. By means of what he calls “semiome,” the entirety of an organism’s semiotic tool set, living beings “may extract significantly meaningful content from their surroundings and engage in intra- or interspecific communicative behavior” (HOFFMEYER, 2014, p.11). Hoffmeyer reminds us that biosemiotics, or “sign processes” appeared way before human linguistics, as there have been millions of sign systems in nature, regulating “not only intraspecific behavior but also

ECO-REBEL

interspecific behavior through symbiotic interactions” among living beings (p.14). Here Hoffmeyer does include “phytosemiotics” as one of the sign processes in nature, but of course he does not devote his attention to the question of arboreality per se. It is my intention, therefore, to launch a project, as Alfred Kentigern Siewers suggests, to “let trees be trees, as it were.” (SIEWERS, 2014, p.101). Deleuze and Guattari’s critique of trees being hierarchical in Western culture nonetheless, we can still side with Siewers’s argument that “Trees remain an age-old symbol of the mysterious side of life, from their rollicking non-geometric form, which always has a literal ‘other side,’ the nonhuman life that they hide in different dimensions and elements from microbes to bears their frequent age beyond humans and most living things, to the empathy they engender in human cultures that still live within trees and off their fruit and oxygen” (SIEWERS, 2014, p.103). In other words, trees occupy a space of intersection of life’s trajectory of the rhizomatic and the arboreal between the immanent and the transcendental, between rootedness and cultural and biological magnetism in life’s aspiration of up rearing towards the sky.

I would make a claim right at this juncture, that Chinese culture still, up to now, live within trees. The empathy trees engender in Chinese culture is manifested in our daily use of phrases such as *shu li* 樹立 (to erect and let stand), *jiàn-shu* 建樹 (accomplish) besides the *shu-mu* and *shu-ren* mentioned above. They all point to their capacity of agency which is defined by Hoffmeyer as “the capacity of an agent to act in the world” (HOFFMEYER; STJERNFELT, 2016, p.10). Aligned together they become parts of the paradigm Zapf suggests as “exemplary, model-life” characters; and when used in literary texts, they serve as “long-term, self-reflexive models of ecosemiotic complexity”. As rhizomes within the semiome of Chinese language itself, the combined effect of nature/culture gives rise to many other rhizomatic ideograms which are, directly and indirectly, related to the plant world. From this unique ideogram *shu*, we can now move on and bring forth a whole set of characters which belong to the “family tree” of plant beings. Besides the obvious cases where characters with radicals such as *mu* 木, *hua* 花 (flower), *cao* 草 (grass) and *zhū* 竹 (Bamboo) all of which give rise to thousands of other characters, we also find characters which hide their plant-related origin from sight. Ideograms such as *sheng* 生 (birth; life), *xin* 新 (new), *xiao* 笑 (laugh), *si* 思 (in mind/heart), and *xiang* 想 (think) all have their original plant aspects hidden from their ordinary use, becoming Hoffmeyer’s “sign processes” that organize activities moving onto other rhizomatic structures of Chinese language. They function to generate interspecific behavior as is “dramatically illustrated in Nature’s many symbiotic interactions”

ECO-REBEL

(HOFFMEYER, 2014, p.14). Here we should be impressed by the fact that plants perform such a major feat in the Chinese language as a whole. For example, the ideogram *sheng* 生 shows a young shaft of plant shooting up from the soil. Also *si* and *xiang* put together as *si-xiang*, they bring forth the signified as “thinking” itself, while at the same time, both are equipped with some plant elements hidden in the “heart,” couching its biosemiotic elements in a vocabulary derived from plant-related radicals. Can we find a better exemplary model to testify to the claim that all thinking is thinking ecologically? Or, what else can we put forward except this ideogram *sheng* to give adequate support to the claim by Hoffmeyer and Stiernefelt that “the conception of life and semiosis as co-extensive?” (HOFFMEYER; STIERNFELT, 2016, p.7). All these characters ram home the fact that all life forms make use of expression of their own physiologies bearing semiotic resonance. We do not just learn to listen to the lacunae and silences of language, we are also granted the privilege of recognizing that the other is totally from within.

The ideogram *sheng* does, with its own signified as signifier, point to the fact that life is simply an emergent phenomenon of transversity, proximities and symbiosis. Right here, and within one single character, we find a form-event assemblage intersecting the natural form of life and its striving to make life happen within a processual event where, as Bennett puts it, “life forces at work around and within us” (BENNETT, 2015, p.223). As at once signifiers and signified, images as well as metaphors, words and rhizomes, taken as integral parts of an ecosystem which includes singular ideograms, literary works such as poetry and even critical discourse of the Chinese poetics, these ideograms function as a body, a bodily encounter beyond representation. As text-bodies, these ideograms harbor their “ability to gesture towards something more . . . a function of a *distributive* networks of bodies: words on the page, words in the reader’s imagination, sounds of words”; they can light up, by rendering human perception more acute, “those bodies whose favored vehicle of *affectivity* (emphasis mine) is less wordy: plants, animals, blades of grass, household objects, trash” (pp.234-235). Here we have, a criss-cross relationship between plants and the human language which underscores, as Denise Riley suggests, a “semiotic aspect of affect” through the “affect-soaked power of language” (Riley: 2005, p.5). Here, affect theory by Spinoza seems to be a significant and appropriate conceptual tool-box for our further discussion on Chinese plant-related ideograms, and how, as rhizomes in an ecosystem, they serve as the first tier of a structure of biosemiotics pointing to both Chinese poetry and poetics. In Part III of the *Ethics*, Spinoza’s idea of affect is first introduced:

ECO-REBEL

By affect I understand affections of the body by which the body's power of acting is increased or diminished, aided or restrained, and at the same time, the ideas of these affections. Therefore, if we can be the adequate cause of any of these affections, I understand by the affect an action; otherwise, a passion (Ethics III Definition, p.3)

With his concept of “conatus” which ties to a transindividual processuality as an act of, in Caroline Williams’ words “desire as conative striving,” Spinoza’s affects “are always turned towards others, the *conatus* is part of an intrahuman dynamic” (WILLIAMS, 2012, pp.19-20). What is important to us in our context is that Spinoza’s theory of affect can help us pursue further the concomitant drives towards the human and nonhuman interaction; and the emphasis on the body, on the meandering through and between bodies where “non-human individuals’ also have a conatus” (WILLIAMS, 2012, p.23).

At this point we should bring forward a Tang poem by Bai Ju-yi白居易 (772-846) to actually illustrate the very eventfulness within the mutual communication, expression and interaction between the human and the nonhuman: through a process of conative striving:

賦得古原草送別

離離原上草，一歲一枯榮。
野火燒不盡，春風吹又生。
遠芳侵古道，晴翠接荒城。
又送王孫去，萋萋滿別情。

“Saying Good-bye on Ancient Prairie”

Li-Li Grass on Prairie, One year one Withering-Flourishing.

Wild-Fire burns but not exhaustive, Spring Wind blows, again, alive.

Far fragrant flowers got to ancient lane, Green plants link up abandon city.

Again seeing *Wang Shun* away, *qi-qi* full of good-bye sensation.

(translation mine)

We have quite a bit to say about this famous poem in terms of biosemiotics. We can even create a short story, “the story we go by” in ecolinguistics by singling out the first line alone. *li-li* 離離, a repetition of the same character taken to point to a state of distance, or widely proliferating of things,ⁱ whereas in this poem these first two characters foreshadow the very mood of parting between friends as the title of the poem indicates. However, very few readers, even for native speakers, are reminded of the fact that the ideogram *li* originates from ancient etymologies such as *jia-gu* 甲骨文 (oracle-bone) and *jin* 金文 designating a composite of images, namely a bird, a net

ECO-REBEL

with a wooden handle, a piece of wood on the top of the left side representing trees or forest. Hence with *li-li* followed by the other three characters *yuan-shang-cao* 原上草 (prairie or grass on plateau), we have a full picture of extended prairie on the plateau. Again and upon scrutiny, our attention is first drawn to the design of *cao* 草 which has another superimposed images of grass, a sun and grass-root. We then learn that the character *shang* 上 (up, above) has a dot on a horizontal line of field, with *yuan* 原 being originally associated with rock and running water. Now taken as a whole, the five characters trigger a trajectory of linguistic stories surrounding water, earth, and with wood *mu* repeatedly emphasized within the Chinese cosmology of *wu-xing* 五行 (Five Elements). The story we go by here narrates the grassland being already embraced by the repeated *li*, with *cao* itself being part of the adjective which describes it, the signified being the signifier. As a whole, the line imparts not only a visible scene of prairie, but, the phrase *li-li* also displays blocks of sensation which function as an act of “affective attunement” within biosemiotics.

The second line works as a further description of the wild grass on the plateau, where plant life of this kind takes up an annual circularity in time. The ideogram *yi* (one) has been ingeniously rendered by Ames and Hall as “continuity,”ⁱⁱ and then *sui* 歲 (year) originally signifies Jupiter, which in Chinese as *mu-xing* 木星 (wood-star). Then the last two ideograms *ku-rong* 枯榮 (wither and flourish) are preoccupied by wood images designating the withering and blooming of plant life alternately in a year’s time. Note that the five ideograms together generate continuous, seasonal cycles, with the most fundamental ideogram *yi* repeated, creating an ever-ongoing rhythm of the great chain of transformation within the form-event assemblage. As, according to Deleuze and Guattari, “Affects are becomings (*APT* 256), with the title of the poem in mind, the first two lines narrate an interspecies of a shared life between human friends and plant existence with “cycles of energy” which “circulate superorganisms and microorganisms to produce good and bad climates of affect and biological well-being” (WILLETT, 2014, p.86). From a new ecocriticism perspective, this emerging/emergent shift to a threshold where, as Timothy Clark argues, the “human is always intermeshed with the more-than-human world, underlining the extent to which the substance of the human is ultimately inseparable from the ‘environment,’” we are forced to “trace often invisible lines of interconnection and affect between bodies across space and time” (CLARK, 2011, p.57). Here affect is the matter in us responding and resonating with the matter around us, it being always at the point of emergence in its actual specificity. The one year one

ECO-REBEL

cycle does the work of side-stepping the human selves, naming the risings and fallings, the movements from one state to another, the passages of intensity, immanent to all matters on earth.

Since the third and fourth lines are known almost to every Chinese native speaker, I am not prepared to say too much about them, except that the ideograms *ye* 野 (wild), *chun* 春 (spring) and *sheng* 生 (becoming alive) all have hidden wood element, together with the other elements such as fire and earth. Starting with the fifth line to the end, the second half of the poem sticks to the traditional pattern of Chinese lyrical poetry in which we have first presentation of the external scene, which then triggers forth the subjective feeling, emotion or the affective/sensation of the poet. Here, the reason I avoid using the word “objective” by opting for “external” instead is that even though the fifth and sixth lines depict an environment which comes close to the human world, their structure and syntax pose some problems in their semantic meaning. Given the very nature of Chinese language being mono-syllabic and the five character-a-line in Tang poetry there is a possibility of our taking the *yuan-fang* 遠芳 (far-away; fragrant plants) and *qing-cui* 晴翠 (clear as blue sky and bright sun; bird with green feather) as subjects of some active action. They are the subjects, grammatically speaking, of the two transitive verbs *qin* 侵 (invade into) and *jie* 接 (link up; receive, take over) to be followed respectively by two objects of the verbs, namely, *gu-dao* 古道 (ancient road) and *huang-cheng* 荒城 (deserted city). We first notice both subjects are associated with plants, even the character *qing* 晴 has a hidden plant in its etymology. And that is not all, we then discover that the character *huang* 荒, meaning abandoned or deserted, pictures a scene where wild plants are taking over everywhere. These two lines taken together, they unfurl a nostalgic sentiment on the part of the poet, with the plant world being granted agency of expressing itself. The two grammatical subjects here can then be considered, as Caroline Williams suggests, “subjectivity without the subject” (WILLIAMS, 2012, pp.11-27). They are what Massumi calls “prepersonal intensity,” an augmentation in the body’s agency to act and to strive (MASSUMI, 1988, p.xvi). Once again, we can well remind ourselves what Spinoza calls “the active affects” which are “subject to vacillation or ambivalence (*fluctuatio animi*), and the object or image of the other can be the cause of many conflicting passion”. (*Ethics*: Part III. Proposition p.17 Scholium). Here bodies do not just absorb impulses or discrete stimulations from their environment, they unfold historical contexts which are imbricated with affective waviness in response to situated conditions.

ECO-REBEL

As Spinoza tells us that affectivity works by a process of intermeshing of things “outside our physical and mental boundaries” (*Ethics*: Part II, Lemma 7 Scholium), his idea of “expression” harnesses the whole immanent connectedness between different materials and immaterial spheres of the world. In Part IV of *Ethics*, he associates music with “green plants” as ways of cultivating the body to enable the mind to “understand many things at once” (*Ethics*: Part IV. Proposition 45 Scholium). According to Amy Cimini, “Spinoza implicitly posits music and sound as rich sites for cultivating knowledge and responsibility for our mental and bodily relationships to substance and its modes” (CIMINI, 2012, p.99). Hence I am arguing here that as far as our analysis goes, the first six lines of the poem, both the ideograms in them and the ambience created, establish an affective attunement which enacts a process of becoming sonorous. Remember that in these six lines we have a lot of plant images, in some of which we even find birds. Such a mix of animal and plant ecosystems does fall into what Deleuze and Guattari call “becoming-consistent,” its very process or event of bodies becoming expressive and their way move and rest in their speed and slowness:

*Every morning the **Scenopoetes dentirostris**, a bird of the Australian rain forests, cuts leaves, makes them fall to the ground, and turns them over so that the paler internal side contrasts with the earth. In this way it constructs a stage for itself like a readymade; and directly above, on a creeper or branch, while fluffing its feathers beneath its beak to reveal their yellow roots, it sings a complex song made up from its own notes and, at intervals, those of other birds that it imitates; it is a complete artist (WP: 1994, p.184).*

From this example, Elizabeth Grosz goes on to trace the origin of arts not only from birdsong, but also from “olfactory dance of insects, the performative displays of vertebrates, including humans” (GROSZ, 2008, p.12). It is a pity, I would note here, that Grosz does not pay much attention to the leaves themselves. It is then up to a later critic, in our case Amy Cimini, to complete the story by including the partnership between the animal and the plant worlds, asserting that “The bird and the leaves are expressers; they start out as co-existent singularities or ‘molecularized’ things.” This sounding song, as Cimini argues, belongs to “the bird-leaf composite” where “expressive relationship between the bird and the leaves becomes a thinkable reality through the event of song. The event of sound provides *evidence* of their shared capacities” (CIMINI, 2012, p.102). Back to Bai’s poem, we now can easily weave together the horizontally stretching grassland, the repeated cycle of *yi* — (oneness) as the primordial time and place in a cosmic sense, the withering and blooming of life, with plants as major imagery all the time. Expressivity is then granted by the

ECO-REBEL

ever-self-renew capacity of plant life, and their being subjectivities without subjects is ascertained by their will to strive by being armed with their “striving affects” as ambient intelligence.

Whereas the first half of the poem depicts a natural world, and where the fifth and six lines come close to the human world, one that is still dominated by the agency of plant being, Bai’s last two lines should then be considered an exclusive concern with human sentiment. This may be the case except with, again, the repetition of the character *qi* 萋 (plants flourishing; sound of rain and wind on plants). Upon being allowed to speak for themselves, plant beings now weave a dense, self-reflexive and energetic fabric of signifying change of events with a loop of recursive complexities beyond any sense of epistemological assurance. But then one thing becomes clear, and that is this “inter” zone or inhuman realm between the human and the nonhuman prepares us to wedge into the complexity of biosemiotics itself. By presenting the rhizomatic plants as the “transversality of life processes” (quoted from CHISHOLM, 2010, p.367), these plant images amply testify to Deleuze and Guattari’s idea about “the wisdom of the plants” when they urge us to “always follow the rhizome of rupture; lengthen, prolong and relay the line of flight” (*APT*, p.11). Elsewhere, Deleuze and Guattari write:

The plant contemplates by contracting the elements from which it originates – light, carbon, and the salts – and it fills with colors and orders that in each case qualify its variety, its composition: it is sensation itself. It is as if flowers smell themselves by smelling what composes them, first attempts of vision or of sense of smell, before being perceived or even smelled by an agent with a nervous system and a brain (WP: 1994, p.212).

We can take note here that Deleuze and Guattari may have heralded the whole paradigm shift in recent years towards plant thinking, intelligence and expression by philosophers and critics such as Michael Marder, Richard Karban, Luce Irigaray, Daniel Chamovitz, Richard Karban, Eduardo Kohn and etc. But insofar as the concept of “contemplation” is brought up for attention, it points to the Deleuzian “sensation” itself. To contemplate is to express by using sign taken as sign-relation in biosemiotics. The flower contemplates by vibration after vibration in absorbing sun light and water; and sensation is created at the moment when materials become expressive through waves and rhythms, hence affects and percepts.

From here, I will argue that Bai’s poem we have been working on serves as an exemplary case for our establishing a new Chinese ecocriticism as seen through systems of ideograms, poetry as well as poetics. To conclude my analysis of the poem, I would single out the poet’s use of *li-li*

ECO-REBEL

離離 and *qi-qi* 萋萋 as two pairs of repeated characters, the first as starting the poem in the first line, the second ending the poem in the last. For one thing, it has been a long-time tradition in Chinese poetry where we see numerous usages of such a device, and it has been just as long a critical practice for critics to make sense of these uses as for the purpose of emphasizing, strengthening and prolonging the object being described, or the tonality or sensation being presented. Whereas these critics' observation may be right in general, I still wish to argue that sticking to the traditional reading risks obstructing the growth of meaning, as these ideograms being whittled down to the point of losing its ideogrammatic richness altogether. Hence it is my wish to push this device of repetition further apace to support my using the *shu-shu* or the treeing-of-tree in this paper. This is done to bring them closer to ideas such as affect, sensation and rhythm, and how they find parallel structures in Chinese poetics. It turns out that *li*, linguistically, is a character belonging to the category of *hui-yi* 會意 (matching-with-sense) characters, and *qi* should be categorized as *xing-sheng* 形聲 (shape-sound) characters. This may mean that the design of *li* as an ideogram has more to do with how it makes sense, whereas the pictorial form of *qi* highlights its sounding capacity. Now I would push the etymological logic onto another scale so that both of them inhere a certain power of coefficient in producing actual, physical sound, rhythm and even music, the kind of sounding that is enshrined in aggregates which move towards a certain indiscernibility through a process of the Deleuzian becoming-molecular. Also, the character *yi* 意 has an ideogrammatic composite of a sound or an act of sounding above the heart. At any rate, I would propose that many of the Chinese *die-zi* 疊字 in Chinese language can be understood as a linguistic lay-out under the Deleuzian notion of “difference through repetition,” something that is different from “*rengaine* (mere repetition without creativity) in *Difference and Repetition* (DELEUZE, 1994, p.14)ⁱⁱⁱ. Here with *li-li* and *qi-qi* taken together, they perform a kind of refrain which circles around the milieu and join “cosmic forces” of the Chinese concept of *tien-lai* and *de-lai* 天籟 ; 地籟 (sky-music; earth-music) by the poetic maneuver of *ren-lai* 人籟 (human-music). Such a refrain becomes possible by embracing “sonorous, gestural, motor lines” which give birth of “loops, knots, speeds, movements, gestures, and sonorities” (*ATP*, pp.311-12)^{iv} within tightly interlaced networks. The character *lai* here establishes an intrinsic link of sound-making, with a congeries of human and plants now seamlessly articulated in its design, mutually dependent and co-evolving in time and space.

ECO-REBEL

Despite the fact that Bai's poem thematizes human friendship, it in actual fact flips over into interspecies ethics and aesthetics where plants, streams, animals with fire and wind, are now bundled-up bodies through which affects are created as dark precursors of our contrapuntal rhyming system. The poem invites us to immanently experience "vibrations, rotations, whirlings, gravitations, dances or leaps which directly touch the mind" (DELEUZE, *WF*, p.8). For Cynthia Willett, this means that we are "to engage multilayered symbiotic agencies and biosocial communities" (WILLETT, 2014, p.7), so that there is "a multimodal flow of affect attunement in mixed species societies" (p.81). From such a perspective, we can easily attribute the expressions of treeing-of-tree to a general project of articulating a preverbal biosemiotics as characterized by our nonconscious immersion in an act of affective attunement, the kind that coincides with Willett's wave-like contagion of affect-clouds. Here we need to hark back to the Chinese poetics of *hui-yi* just mentioned. We can now take the expression as a dynamic composite of the form-event assemblage, with *yi* as affect when human and nonhuman communicate in a two-way traffic, and the process being presented as the unstoppable eventfulness of an act of matching, entrainment and attunement. But there is a major difference between the West and the East in terms of the language structures between them. For Willett, interspecies encounters manifest themselves through "waves of energy transmission" (2014, p.85). But then she duly recognizes the fact that "Perhaps the fluidity of waves escapes conventional metaphysics due to our cognitive and linguistic limits, given that the human species often learns by pointing and communicates through words that are names for things" (2014, p.87). What she points at is close to de Saussure's signifying practice in which the signifier and the signified do not have a "positive term." In this regard, we have kept repeated that transversality in communication between humans and nonhumans is to a certain extent facilitated by the linguistic structure of Chinese ideograms as rhizomes within a linguistic eco-system. These ideograms, those associated with the plant world, not only function as signifiers pointing to "things" in the human world, but also circle back to themselves as their own signifieds which embrace countless events wrought by the inexhaustible wellsprings of life known as the Deleuzian "desiring machine."

This difference between the East and the West notwithstanding, I still wish to follow Willett's two modes of the interspecies, biosocial attunement in an act of sharing affects. They are: ○,¹ the wavelike contagion of an 'affect cloud' across a social field and ○,² a singular response of a particular, particle-like creature to the expressed affect of another" (2014, pp.135-136). Our

ECO-REBEL

discussion will involve concepts in Chinese poetics such as *chi* 氣 (vital force), *yi* 意 (sense, meaning, or even nuanced affect) and *xing* 興 (giving rise to) and *xing-chu* 興趣 (interest).^v All these are deeply enmeshed with the Chinese Buddhism and Daoism which provide solid foundations for poetic theories and practice. But before delving into them, I would turn my attention here, for further support of my argument, to the phenomenology of Merleau-Ponty as a model for later development of biosemiotics in terms of cross-species affinity. Initiating a whole movement of embodied thinking, phenomenology argues for a return to the immanently concrete, lived experienced by breaking away from the Western tradition of mind-body dualism. Within our context of human-plant sign-relation, we can remind ourselves here that Heidegger, when explaining his idea of “dwelling” (*buan*) on earth, claims that the word “means at the same time to cherish and protect, to preserve and care for, specifically to till the soil, to cultivate the vine. Such building only takes care--it tends the growth that ripens into its fruits of its own accord” (HEIDEGGER, 1977, p.325). This caring for the fruition in the plant world as the basic meaning of our dwelling on earth poetically is how we sing the world in concert with all the other-voices of the biota” (WESTLING, 2014, p.34). For such a reciprocity and entanglement among and across species, Merleau-Ponty uses the concept of “synergy” to emphasize not the cogito, but rather the ecological interrelationships of all beings on *earth*:

Now why would this generality, which constitutes the unity of my body, not open it to other bodies ... Why would not the synergy exist among different organisms, if it is possible within each? Their landscapes interweave, their actions and their passions fit together exactly ... For as overlapping and fission, identity and difference, it brings to birth a ray of natural light that illuminates all flesh and not only my own (MERLEAU-PONTY, 1968: p.142).

When Merleau-Ponty states that “the whole landscape is overrun with words,” and when he quotes Valéry that “language is everything, since it is the voice of no one, since it is the very voice of the things, the waves, and forests” (MERLEAU-PONTY, 1968, p.155), it may sound contradictory to the Chinese Daoism’s saying that “The heaven and the earth have the highest virtue, but they do not speak a single word. The four seasons occur in regular cycles, but they do not raise a single argument. All things in the world grow in a fixed pattern but they do not give a single explanation” (Trans. by WANG RONGPEI, 1999, p.305). However, the contradiction can only be superficial at best, since the expressions *yen* 言 (speak), *yi* 議 (argue) and *shuo* 說 (explain)

ECO-REBEL

can only be the signifiers of human language. Now the capacities for things to express their virtues, following their cycles and growth in accord with certain patterns, are all sign-relations that could be embraced by the nowadays biosemiotics, simply because “Language is everywhere”^{vi}. For Zhuangzi, all fundamental aspects of life owe much to heaven and earth, since our body, our growth and our life turn out to be products of their *wei-xing* 委形 (endow form), *wei-he* 委和 (concordance) and *wei-shun* 委順 (shifting accordingly). We should note here that the character *wei* (following the shift) uses the shaft of a plant to designate the movement of energy flow, the kind of rhythmic resonance found in the pair, *li-li* and *qi-qi* in Bai’s poem. Moreover, the character *he* 和 (harmony, resonating of sound) with *wei-he* even doubles the efforts of our relying on the plant world to get across the *tien-lai* and *di-lai* (the sky-music; earth music) we brought forth earlier; and again the ideogram itself is largely associated with a shaft of plant, embracing the act of sonorous and gestural affects with oscillating attunement. For Merleau-Ponty, “the body is a natural power of expression” (2012, p.187). For Daoism, the primordial silence of the heaven and the earth only hides a common gestural biosphere which affords “so many ways of singing the world” and that is why “the *full* sense of a language is never translatable into another” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.193).

We are now prepared to finally crystalize our strategy of providing new energy to the Chinese ecocriticism with the help of biosemiotics. As pioneered by George Bateson’s “ecology of mind” (1972) and “the cybernetic self” (1972, p.323), J. von Uexküll’s “Umwelt” (2010), C.S. Peirce’s semiotics (1998), as well as the latter’s recent exploration of semiotics of nature (2015), biosemiotics has now flourished as an integral part of environmental humanities. It is then up to Jesper Hoffmeyer to establish the concept to be an independent field of studies, as he defines it right from the start of his *Biosemiotics: An Examination into the Signs of Life and the Life of Signs* (2008) as: “the name of an interdisciplinary scientific project that is based on the recognition that life is fundamentally grounded in semiotic processes” (2000, p.3). What this means is that “Life on Earth manifests itself in a global and evolutionary *semiosphere*, a sphere of sign processes and elements of meaning that constitute a frame of understanding within which biology must work” (p.5). For our purpose of making a case for Chinese ideogrammatic language, poetry and poetics as exemplary and evolutionary biosemiotics, we have yet to resort to Wendy Wheeler’s exploration in the field so as to put our feet on a firmer ground. In her *Expecting the Earth: Life, Culture, Biosemiotics*, (2016) Wheeler makes it absolutely clear that “*mind is a sign relation*,” and that

ECO-REBEL

“human semiosis is only a small species-specific element. The biosphere and the semiosphere are co-extensive” (p.2). As different from the Chinese saying that heaven and earth does not speak, Wheeler reconfirms the “ecological intertwining of flesh, sign and world – an evolutionary ontology of sign relations which characterizes the biological and cultural, aesthetic and technological, ecologies which biosemiotics reveals” (p.4). By emphasizing the ontological status of historical evolution over time, and by reminding us of Deleuze’s notion of relation being external to its terms within the duration of life’s lines of flight, Wheeler faithfully models her biosemiotics on Hoffmeyer’s “semiotic scaffolding” by reiterating the fact that “sign is also a living thing” (p.59), and that “biological and cultural meanings grow” (p.70).

When Wheeler grants some kind of active response, interpretation and choice to all species even at the cellular level, and when we read that “living things have some form of agency some capacity for making sense of things, some feeling for meaning” (p.77), we are reassured of what we argued earlier in that the *shu-shu*, the treeing of tree, also exhibits agency and striving as a practice or performance first and foremost. And in as much as sign-relations and their meanings are living entities, the whole set of rhizomatic Chinese ideograms which are directly or indirectly associated with the plant world is called to task in Hoffmeyer’s “sign processes” which always catalyze new relations and meanings. The question for us at this point is “how?” What is the specific channel through which the untranslatability of signs will eventually yield up new knowledge, feeling and meaning? For an answer, we are to back-track a number of poetic categories in the classical Chinese ecocriticism and to decipher an innovative paradigm so as to match up with the characteristics of biosemiotics we just delineated. As it turns out, the categories such as *yì*意 (also *hui-yì*會意), *xìng*興 (giving rise to), *hé*和 (harmonious), all commonly accepted as major tenets in the whole of Chinese poetics, can well be “rethought” with specific reference to their advocating for the nuanced affect and affective attunement. They can be put alongside layer upon layer of evolutionary processes through which a structure of semiotic scaffolding appears as an ecosystem as well as a new Chinese ecocriticism. This paper starts out by introducing a set of characters which either point to some plant elements directly, or contain plant radicals which may not signify plant per se. Now we can ascribe them, particularly the latter kind, to be sets of sign-relations which according to Wheeler, demands a “needful shift from the ontology of substance and essence that informs the metaphysics of modernity and towards a biosemiotic ontology of relations” (WHEELER, 2016, p.13). They are relations which are “between” things, rhizomes of

ECO-REBEL

inter-relatedness, ready for new interpretation when the occasion arises. As mentioned, there are quite a number of ideograms with parts of its composites belonging to the plant world, but now possibly forgotten, for example, the ideograms *sheng* 生 (life), *xiao* 笑 (laugh), *si-xiang* 思想 (thinking), *rou* 柔 (gentle, soft), *he* 和 (harmony), etc. My point is that the re-discovery of these characters' connectedness with plant can yield according to Hoffmeyer "new communicative patterns" of meaning "on the top of already established patterns, thereby strengthening the scaffolding of the initial interactive patterns" (HOFFMEYER, 2014, p.27) through an endless waging of events in the making. These ideograms announce their entry into the semantic field by not playing a central role in the event of signification. Instead they fall back on a feedback loop, from being a signifier back to the signified, then another round of being another signifier throughout its history of linguistic structuration.

As it has been well-known, the Chinese written language is called *xiang-xing* 象形 (elephant shape or form), meaning it has been modeled on its pictorial and ideogramatically visual effects.^{vii} Again, it has also been understood that even within one single character, as we have illustrated with *shu* 樹 (tree), there is already a composite of an event on display by the side of its form which designates "the conditions of an affective encounter, or an authentic relation with the outside" (ZOURABICHVILI, p.57). From there we can upscale the evolutionary framework a bit to include Chinese calligraphy, since the linguistic structure of *xiang-xiang* would include art form, the two of which are biologically and culturally interconnected. These strokes are usually done separately but not all the time, as they can be scaffolded by a continuous flow connecting different ones, the extreme case of which can be found in *cao-shu* 草書 (grass style). Such a style excels in a let-go kind of unbridledness, free-flow of energy, with affective dancing with dots, slants and hooks. The movements of the brush become rhizomatic and entangled, with curvaceous sweeps of deterritorialized flows, the affective effects of which not unlike the repetitive *li-li* and *qi-qi* in Bai's poem we brought forth. Hence Chinese written language consists of sign-relations between the human and the non-human, bridged over the blocks of sensation it creates through the processuality of *yi* 意在 general. When the literary critic *Zhong-Hung* 鍾嶸 suggests to us that literary style treasures the achievement where "there is an end to speech, but no end to *yi*" 言有盡，意無窮, *yi* here means a multiple dimension of, say, mood, meaning, sensation, in a word affect. In front of all kinds of sign-relations in the literary style of writing, and with its etymological

ECO-REBEL

design as “sound on the heart,” this *yi* can well be pointing at “a well-tuned sympathy of biosemiotic relationships ... which controls and coordinates the biochemical, physiological, and even cognitive processes that together constitute life” (HOFFMEYER, 2008, p.31).

As *hui-yi* 會意 (matching of sense, meaning) points to sympathizing and empathizing biosemiotic relationships, it also describes, as Deleuze counsels a “state of affairs” which “is adequately exposed by certain physical concepts: *coupling* between heterogeneous systems, from which is derived an *internal resonance* within the system” (DELEUZE, 1994, p.117). It occupies the very knots between boundaries, the minute edges of changes of affects at a critical moment of divergents and bifurcations where living things interact in what biologists call “intercalary oscillations” (DELEUZE; GUATTARI, *ATP*, pp.328-329). Hence *hui-yi* also implicates a sense of “transversality” as introduced by Guattari, who emphasizes a “Founding instance of intentionality” which involves taking the relation between subject and object by the middle and foregrounding the expressive instance” (GUATTARI, 1955 [1992], p.22). For Wheeler, there are “Endless comparisons of transversal transductions – in art and techne” which “can be made for understanding the play of parries and responses to similarities and differences” (WHEELER, 2016, p.229). With this thinking transversally as guide, we can now move on to a brief introduction of the character *he* 和 (harmonious) as a typical Daoist part of the Chinese ecosystem as a whole. Once again, we need to rehearse again to the most famous passage in Laozi’s 老子 *Daodejing* 《道德經》 which directly unpacks the secret of the Daoist *yin-yang* 陰陽 natureculture as rendered by Roger Ames and David L. Hall:^{viii}

Way-making (dao) gives rise to continuity, continuity gives rise to difference, difference gives rise to plurality. And plurality gives rise to the manifold of everything that is happening (wan-wu). Everything carries yin on its shoulders and yang in its arms and blend these vital energies (qi) together to make them harmonious (he) (2003, pp.142-143).

Our attention here is drawn to the last phrase in the original *chong-qi ye wei-he* 沖氣以為和, meaning to blend the *yin* and *yang* energies – one interpretation chooses to read the character 沖 as emptiness before blending – so as to achieve *he* (harmonious). What deserves more careful attention to the character *he* is that ideographically, it is made up of a plant on the left with a mouth on the right, hence it becomes another example of the evolutionary process of many Chinese ideograms whose historical semiotic scaffoldings need to be kept in mind. *He* does not appear only

ECO-REBEL

once in the Daoist classic: in Chapter Two, there is already a phrase *yin-xing xiang-he* 音聲相和 (utterings and sounds mutually harmonize); and in another chapter we read *he-chi-kwang* 和其光 (to harmonize dao's light). The former expression touches directly on the idea of duet in singing, which dictates a mix of two different tonalities jarringly at odds with each other at first, but later yield a perfect single harmonious melody. This melody involves a complex event of purifying dao shinning upon a myriad of happenings for an ultimate harmonious effect. *Xiang-he* here designates a “biological becoming” with a “sense of aboutness, of a being and a getting about in the world” (WHEELER, 2016, p.158) under the concept of biosemiotics.

Such a “getting about in the world” has been a long-time theory and practice of Chinese poetics under the concept of *xing* 興 (arising). Chinese lyricism in which a sign-relation is cherished for an affective attunement, at times emphasizes the sense of obstructless (*pratisamvid*) of Zen Buddhism, where the poet wills the eventfulness of an event as attainment (*prāptih*) by releasing the energies and array them with rhythmic movements between chaos/cosmos/milieus. It is here that *xing* is invoked as metaphor in which the poet's very *yi* 意, her minding with tones and sound waves, emerges as some kind of “consciousness.” It is best described by the Buddhist's *pratityasamutpāda*, a kind of “codependent arising” when the mind can only be a disjunctive, disunified and folded network of processuality, wagering on events in the making. Such a linking-up, matching and entrainment between the external environment and the internal *yi* is rendered possible by the Buddhist notion of emptiness, as both stress a structure of “withness” or immanence in which experiences oscillate at the borderline between concrete signs the poet encounters and the wave-like differential rhythms and affective intensities of evolution or rather, involution. The concept of *xing*, therefore can be delved into alongside the Western discussion of “metaphor,” as, according to Bateson, “pattern which connects” (BATESON, 2002, p.7). Within the discourse of biosemiotics, metaphor, metonymy and story all come from an act of “abduction,” the “carrying of something or someone from one place to another” which is “common to all life” (WHEELER, 2016, p.125). What Wheeler is concerned with is that metaphors do grow and become dead, unless we grant such a relational experience with new energies pumped into it with “*difference* between them”, which “provide a potential source of new knowledge” (2016, p.126). There is this strange agency of signs everywhere in nature across species, where *xing* can be invoked as a “structuring movement in cultures”. Wheeler here has an elaborate description of how it works:

ECO-REBEL

It acts like waves, currents and eddies moving living bodies and sands and rocks and islands before them, altering temperatures and weathers, grinding dam, building new formations from dead bodies, moving markets and powers, repeating formal effects in clouds, estuaries, pulmonary and cardiovascular systems, brains and plants... these possibilities of relation are effects of semiotic scaffolding as a great chain of relational being between past, present and future (2016, p.132).

Nature being poetic in itself, the Chinese poetics of *xing* as depending arising, together with the wave-like spread of semiotic scaffoldings, all could well be subsumed as the difference provided by the *yin* and *yang* composite, the vital energies of which achieve the very *he* 和 through Willett's "affect clouds."

How about the exact way *he* is to be achieved? The expression we just brought forth, *xiang-he* 相和 will provide a passage into it, as the character *xiang* 相 comes to our aids. The ideogram *xiang* is again relevant to us by its design of having a piece of wood on the left and an eye on the right, pointing to the idea that our placing an eye on the plant world can yield complex connotations. On the pictorial level the character describes a person climbing up to the top of a tree for a panoramic view of its surroundings. Used in ordinary sense and as noun it means surface, outlook and facial feature; as verb/adverb, it signifies an act of synchronizing, mutually transforming, exchanging and matching with each other between two entities. Again, together with another character, say, *xin* 信, we have the simple "believe," and with *ying* 應 (respond) we will have "mutually responding." By the way, we have already mentioned the phrase *si-xiang* 思想 where there is a heart below the *xiang* 相; the phrase presents itself as another case in supporting our proposition that thinking is ecological through and through. No doubt *xiang* can be taken as sign or sign relation in terms of biosemiotics. It adds to Hoffmeyer's semiotic scaffolding, acting like Wheeler's "waves, currents and eddies" with repeated effect in "brains and plants." In our context of the treeing of tree through affective attunement, we can resort to Zhuangzi's fundamental concept of *xiang-yun* 相蘊 (mutually affording) in the first chapter of *Zhuangzi* the classic Daoist text. Once again, we should note the ideogrammatic fact that both characters here are associated with the plantation world, adding again to our set of plant-related radicals in the Chinese language which function as both signifiers and, being self-reflexive, signified. The concept of mutually affordance of the interspecies world in Daoism, of course, coincides with the biosemiotic perspective, as Wheeler has it, which "should both reinforce the importance of a relational ontology and also help to prevent human from seeing themselves and their cultures as

ECO-REBEL

cut off from nature” (2016, p.206). With “our embodied and enminded *expectations* of our various dependencies upon Earth’s environmental input, to which, of course, we also contribute” (2016, p.208), we have come to expect the Earth for a sense of mutuality, reciprocity and a genuine affect exchange.

Relational ontology which triggers off a poetic posture of *xiang-yun* can be found in some Tang poetry within layers of semiotic scaffoldings. The character *xiang* 相, in *xiang-kan* 相看 for example, is seen in Li Po’s famous line “Looking at each other without getting bored / Only with *Jing-Ting* Mountain here” 相看兩不厭，只有敬亭山. This granting a subjectless subjectivity to the nonhuman is again wonderfully described by the same poet in the last two lines of “Drinking Alone under the Moon,” 〈月下獨酌〉 “Forever I invite you (the moon and his shadow) to be my unruly friend / With mutual expectation above the milky way.” 永結無情遊，相期邈雲漢. Here the phrase *xiang-ji* 相期 can well be read in conjunction with Wheeler’s “expectation” by all organisms and life where “we come expecting the Earth; the Earth meets us, and for us the great semiotic dance begins” (2016, p.245). There is yet another couplet by Liu Chang-qing 劉長卿: 溪花與禪意，相對亦忘言 (Stream flowers and the Zen affect/ Facing each other, forget words as well). The poet here proposes the possibility of our recognition for grass and trees to achieve *nirvana*, since all beings share an embryo of the *Tathàgata* 如來, the result of a transformed state with things through affect. For me, these two lines are presenting, in our context of argument, that they actually articulate a rare case of humans sharing with the plant being, amounting to a “full immersion into the ecological context and beingness of humans, plants, as well as other nonhuman organisms with whom we share a common world” (GAGLIANO, 2017, p.96). All these examples, by the way, have targeted specific affects as situated within well-defined contexts. To sum up, it is better that we go into one poem most relevant to many of the issues we have presented so far:

張九齡 《感遇 2》

蘭葉春葳蕤， 桂華秋皎潔。
欣欣此生意， 自爾為佳節。
誰知林棲者， 聞風坐相悅。
草木有本心， 何求美人折。

Zhang Jiu-Ling “Contemplating 2”

The proliferous orchid leaves in spring;
Cassia flowers glow dazzlingly in the fall.

Xin-xin, such affect of liveliness,

ECO-REBEL

Nature renders its season's greeting.
Who knows if those who live in the woods,
Would listen to the wind, sitting in mutual delight.
The grass-woods, having their own hearts,
Why do they need to be picked by a beauty?
(Translation mine)

That the relevance the poem exhibits to our concerns on all levels is explicit. Not only do we spot the set of rhizomes dangling around in the first two lines with radicals of wood, flowers and plants. There we also need some reminding of the ideogrammatic fact that even the character *chun*春 (spring) and *qiu*秋 (autumn) are fully equipped with plant elements. And that is not all, the repeated character *xin-xin* 欣欣 has a hidden wooden handle, and *sheng-yi* 生意 again would point to life (of plant) affect, and then even the character *jie* 節 (seasons) has a pair of bamboo sticks on its head. All in all, throughout their long history of evolution, these signs are now bound-up with each other to form a nature-culture hybrid, where a biosemiotics is on display to illustrate Wheeler's point of "sign relations that are central" (2017, p.298). With the sixth line, we are told that the hermit who lives in the woods now listening to the wind and "sitting in delight." It is here that the expression of *xiang-yue* 相悅 (mutual-delight) becomes more significant than it seems to be. It is the kind of delight that is at a point of emergence in its nascent participating in the virtual, a bundling of the infolding or contraction of potential interactions across species through sensuous immediacy. As it turns out, *xiang-yue* also serves as an example of Willett's "affect cloud," a virtual attunement among species in an act of sharing affects.

In conclusion, I would like to choose the character *xiang* 象 (elephant) to wrap up my major arguments on how to rethink interspecies communication, expression and interaction, so as to establish a new Chinese version of eco-criticism. With this "big animal," we will have to start with Laozi's "form of the formless" and "image of indeterminacy" in *Daodejing* (trans. AMES; HALL, p.96), and then "though vague and indefinite, there are images within it. Though indefinite and vague, there are events within it" (p.107). We first notice here that the translators render *xiang* directly as "image," presumably following the accepted expression of *yi-xing* 意象 (image). More importantly, we must applaud the decision on the part the translators here to translate the character *wu* 物 (matter, thing) as "event" hence giving life back to the myriad things on earth within the Chinese philosophical discourse. We have captured just now the elusive gestures inhered in the

character *yi* 意 and together with *xiang*, we are taken on an audacious journey into the world of “semioeme” Hoffmeyer talks about, as he defines it as “the entirety of an organism’s semiotic tool set which extracts significantly meaningful content from their surroundings and engage in intra-or interspecific communicative behavior” (HOFFMEYER, 2014, p.28). But such a communicative activity is often characterized by an “openness” as illustrated dramatically by the parable in Zhuangzi’s *xiang-wang* 象罔 (shapeless, formless and fuzzy images). For Merleau-Ponty, this letting go of “knowing” “seeing” and even “debating” as personified in *Zhuangzi*, is necessary in order to “send us beyond their (things) determinate manifestations, to promise us always something else to see” (MERLEAU-PONTY, 2012, p.27). For *Zhuangzi*, *xiang-wang* or the shadowy image as “Elephant without an image” would mean that we surely feel re-enchanted through conjugating the body of the elephant as we would a verb, as in the expression of *xiang-xiang* 象象 (to imagine or to create an image of elephant)^{ix}, much adhering to Deleuze’s form-event assemblage. By highlighting processuality and indeterminacy, both Merleau-Ponty’s “something else” and *Zhuangzi*’s *xiang-wang* are prone to giving rise to improvisation on spur-of-the-moment in any interspecies sign-relationships.

Performance of *xiang-xiang* can be found in Chinese language on all levels, from a single ideogram to poetry as well as the Chinese *ars poetica* mentioned earlier. With my limited space left, I wish to briefly revisit the Tang poet/critic Sikung Tu’s *The Twenty-Four Poetic Styles* 司空圖 《二十四詩品》 for illustration. As it is quite impossible to exhaust an analysis of the work here, I can only bring forth a few lines which are most salient for my purpose of rubbing the Daoist *xiang-xiang* and the natureculture intersectionality of *shu-shu* against each other. My ultimate aim is to establish a dynamic reciprocity of ecology and literature at large towards a new Chinese ecocriticism which is forceful enough in facing the challenge of the anthropocene as a global environment. Now in the first poem,” titled “The Sublime,” we have the line “Beyond the *xiang, hsiung* 雄 (sublimity) is to be found in the centre of empty circle”. We should note also, that a number of images which contribute to the characteristics of this sublime “style” are directly and indirectly made up of plant elements. For example the phrase *ji-jian* 積健 (gathering strength) has this *ji* with plants on both sides so as to make a concrete point for gathering or accumulating. Even when describing cloud, the repeated phrase *huang-huang* 荒荒 (field of wild grass) actually echoes with our *li-li* 離離 and *qi-qi* 萋萋 in Bai’s poem, another case of the co-extensiveness

ECO-REBEL

between water and wood within the five cosmic elements. A similar landscaping is found in the third poem fitted *xian-nong* 織穠 (patternized, colourful) where even the two title characters subtly implicate the plant world. We then have another pair of repeated *cai-cai* 采采 (flesh and clear) and *peng-peng* 蓬蓬 (luxuriant) which bolster the natural forces of water and spring via the liveliness of plant being. They are then followed by the two lines “Green peach all over the trees” and “willow shading the crooked lane” which come close to granting a sense of “striving” on the part of the plants themselves.

Again, my argument finds support in the first two lines of the poem “The Unbridled Letting-Go” 豪放 where we find *quan-hua fei-jin* 觀花匪禁 (looking at the flower without restraint) and *tun-tu da-huang* 吞吐大荒 (Mouthing in and out of the great wilderness). Traditionally they manifest an exemplary statement of the Chinese version of hermeneutics, advocating an opening of literary texts to an unconstrained reading by not heeding the poet’s intention, hence the famous axiom “Looking at the flower, there is no need to ask its master”. We have had a scenario of Laozi’s “enormous image (elephant) without a definite form” quoted above, in which the looker of flowers gets to stand on, as it were, a groundless ground, a vast evacuated emptiness, an affectively blooming space of the *da-huang* 大荒. Such a realm beyond any concrete images situates itself at “the centre of empty circle” to be flanked by “a myriad *xiangs* being hardwired into themselves all around” (*wan-xiang zai-pang*) 萬象在旁. As we all know, contexts are always already co-texts, existing side by side among sign-relations. From all these, the “rethinking” I presented at the beginning of this paper triggers a cascade reaction of matching up a kind of Chinese biosemiotics by harboring an inbuilt circularity and recursivity in hermeneutics, meanwhile framing a proximal zone of *xiang-xiang* as governed by thresholds of intelligibility. Here we are reminded of Zhuangzi’s *wu-wu er bu-wu yu-wu* 物物而不物於物. Along with our context or co-texts, I would translate it, as having been inspired by Ames and Hall’s ingenious decision, as something like “Eventing event (thinging of thing) while not evented by events (things)”. This would make sense if we concede that all genuine events elude intentionality. Together with *shu-shu*, *wu-wu*, and finally *xiang-xiang*, I am now constructing a coalitional triadic structure at which affect and ecocriticism come together, complexly webbed into a universe of biosemiotics. We now appreciate more in depth of Sikung Tu’s words in the poem “Adjectival Style” *xing-rong* 形容: *feng-yun bian-tai* 風雲變態 (wind-cloud transforming), *hwa cao jing-shen*

ECO-REBEL

花草精神 (flower-grass spirituality), in which the possibility of plant being and its ambient intelligence enacting a process of self-constitution, is rudimentarily suggested. My last reminder here: the ideogram *jing* has a plant in its design, and *tai*, together with *sheng-tai*, has its root with the plant-being and representing the Chinese version of ecology itself.

ⁱ *li-li* 離離 belongs to a common usage as “folded characters” which function to emphasize, to strengthen and even to exaggerate states of things.

ⁱⁱ The Chinese *yi* translated a “continuity” is chosen, admittedly, in another context. See Roger Aim and David Hall’s translation of Lao Tze’s *Daodejing* where on p.142, I would assume the reason for the translators to use “continuity” rather than “one” could be that they take into consideration of the hexagram for *yang* in the Chinese *yin-yang* emblem has six solid and continuous lines. See my entry *yin-yang* in the *Wiley Blackwell Encyclopaedia of Gender and Sexuality Studies* (2016).

ⁱⁱⁱ I am inspired by such an argument and have been tempted to want to go into a discussion of how the exact repetition of the same character in many of the expressions in Chinese, both in daily use but more importantly in poetry. Such a practice, I would wish to argue, invites comparison with the Deleuzian ideas of singularities and multiplicities. Unfortunately, a discussion of this is beyond the limits of this paper.

^{iv} Amazing enough, the ideogram *lai* 籟 means music made out of bamboo stick as flute, another example for the blurring of boundary between nature and culture, natural sonorities and human musical art. Here, milieus are orchestrated into a world where contrapuntal sign-relations compose what we call the music of nature. This character actually “joins up not only its spatiotemporal but its qualitative planes or sections: a posture and a song for example, a song and a color, percepts and affects.” (WP: 1994, 185)

^v For the character *chu* 趣, “gusto” is James J.Y. Liu’s translation, while questing yüen Hung-tao’s words: “What is rarest in people is ‘gusto’, which is like color on mountains, flavor in water, light on flowers, or airs of women ... wherever one goes gusto abounds: with a face free from serious expressions, eyes whose pupils or never fixed, a mouth ever mumbling and muttering, and feet leaping and jumping without stop – there is no other time in life comparable to this for perfect happiness” (Liu: 1975, p.81).

^{vi} This is the title given to Chapter 3 in Louise Westling’s *The Logos of the Living World: Merleau-Ponty, Animals, and Language*.

^{vii} Deleuze and Guattari, 1983, p.154. Also, while discussing Deleuze and Guattari’s concept of “stratigraphy of the Anthropocene,” Claire Colebrook has these words which may be relevant to our contrasting the imperial style and the free-flow one in Chinese calligraphy: “rather than an either for forced choice, one might see any field as composed of contrary tendencies which, when stabilized or stratified, nevertheless see each stratum with one side facing the organization and another side opening our to deterritorialization.”

^{viii} I have done a detailed analysis on the passage, particularly the more philosophical way the translators have adopted. See my “The *Yin-yang* Assemblage and Deleuze’s Transcendental Empiricism: How Daoism Became Posthuman.” (2018) *Deleuze and the Humanities: East and West*. Ed. Rosi Braidotti, Kin-yuen Wong & Amy Chan. Londo & New York: Rowman & Littlefield, pp.139-171.

^{ix} See my description of the *Xiang-wang* parable in The ‘Thousand-Mile Eye’ and the Image-less Elephant: Image(in)ing the Universe in Eco-Poetics and Philosophy” in *Technovisuality: Cultural Re-Enchantment and the Experience of Technology* (2016) London & New York: I.B. Tauris, pp.21-53 There I wrote: “Two elephants put together, as it were, as in the expression *xiang-xiang*, now come to mean “to describe by analogy the universal phenomena, the former being a verb and the latter, *hsien-xiang* 現象, the noun, *phenomenon* itself.” (P.25).

References

AMES, Roger & HALL, David L. (2003). *A Philosophical Translation: Dao De Jing*. New York: Ballantine Books.

BATESON, George (1972). *Steps to an Ecology of Mind*. Chicago, IL: University of Chicago Press.

_____. (2002, 1979). *Mind and Nature: A Necessary Unity*. Cresskill, NJ: Hampton Press.

BENNETT, Jane (2015). "Systems and Things: On Vital Materialism and Object-Oriented Philosophy" *The Nonhuman Turn*. Ed. Richard Grusin. Minneapolis & London: University of Minnesota Press, pp.223-239.

BOGOST, Ian (2014). "Inhuman." *Inhuman Nature*.

CHAMOVITZ, Daniel (2012). *What a Plant Knows: A field Guide to the Senses of Your Garden – and Beyond*. London: Oneworld.

CHISHOLM, Dianne (2010). "Biophilia, Creative Involution, and Ecological Future of Queer Desire." *Queer Ecologies: Sex, Nature, Politics, Desire*. Ed. Catriona Mortimer-Sandilands and Bruce Erickson. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press. Pp.359-381.

CIMINI, Amy (2012). "The Secret History of Musical Spinozism." *Spinoza Beyond Philosophy*. Ed. Beth Lond. Edinburgh: Edinburgh University Press, pp.87-107.

CLARK, Timothy (2011). *The Cambridge Introduction to Literature and the Environment*. Cambridge: Cambridge University Press.

DELEUZE, Gilles (1994). *Difference and Repetition*. Trans. Paul Patton. New York: Columbia University Press.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix (1994). *What is Philosophy?* Trans. Hugh Tomlinson and Graham Burchell. New York: Columbia University Press. Reference represented as *WP* in the text.

_____. (1987). *A Thousand Plateaus*. Trans. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press. This reference is represented as *ATP* in the text.

GAGLIANO, Monica (2017). "Breaking the Silence: Green Mudras and the Faculty of Language in Plants." *The Language of Plants: Science, Philosophy, Literature*. Ed. Monica Gagliano, John C. Ryan, Patricia Vieira. Minneapolis, London: University of Minnesota Press, pp.84-100.

GROSZ, Elizabeth (2008). *Chaos, Territory, Art: Gilles and the Framing of the Earth*. New York: Columbia University Press.

GUATTARI, Felix (1995, 1992). *Chaosmosis: An Ethico-Aesthetic Paradigm*. Trans. P. Bains and J. Pefanis. Sydney: Power Publications/University of Sydney Press.

HEIDEGGER, Martin (1977). "Building, Dwelling, Thinking." Trans. Albert Hofstadter. In: *Basic Writings*. Ed. David F. Krell. Pp.310-339.

HOFFMEYER, Jesper (2008). *Biosemiotics: An Examination into the Signs of Life and the Life of Signs*. Trans. Jesper Hoffmeyer and Donald Favareau. Ed. Donald Favareau. Scranton and London: University of Scranton Press.

_____ (2014). "The Semiome: From Genetic to Semiotic Scaffolding." *Semiotica*. 198: pp. 11-31.

HOFFMEYER, Jesper & STJERNFELT (2016). "The Great Chain of Semiosis. Investigating the steps in the Evolution of Semiotic Competence." *Biosemiotics* (2016) 9:7-29.

IRIGARAY, Luce & MARKER, Michael (2016). *Through Vegetal Being*. New York: Columbia University Press.

KARBAN, Richard (2015). *Plant Sensing and Communication*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

KOHN, Eduardo (2013). *How Forests Think: Toward an Anthropology Beyond the Human*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press.

KULL, Kalevi (2015). "A Semiotic Theory of Life: Lotman's Principles of the Universe of the Mind." *Green Letters: Studies in Ecocriticism – Special Issue on Biosemiotics and Culture*. Ed. W. Wheeler and L. Westling. Vol. 19 No. 3: pp.255-266.

LIU, James J.Y. Liu (1975). *Chinese Theories of Literature*. Chicago and London: The University of Chicago Press.

MANCUSO, Stefano & VIOLA, Alessandra (2015). *Brilliant Green: The Surprising History and Science of Plant Intelligence*. Trans. Joan Benham. Washington, Covelo, London: Oisland Press.

MARDER, Michael (2013). *Plant-Thinking: A Philosophy of Vegetal Life*. New York: Columbia University Press.

_____ (2014). *The Philosopher's Plant: An Intellectual Herbarium*. New York: Columbia University Press.

MASSUMI, Brian (1988). "Translator's Foreword: Pleasures of Philosophy," in G. Deleuze and F. Guattari. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. London: Athlone.

MERLEAU-PONTY, Maurice (2012). *Phenomenology of Perception*. Trans. Donald A. Landes. New York: Routledge.

_____ (1968). *The Visible and the Invisible*. Ed. Claude Lefort. Tans. Alphonso Lingis. Evanston, IL: Northwestern University Press.

PEIRCE, Charles Sanders. (1998). *The Essential Peirce: Selected Philosophical Writings*. Vol. 2 1893-1913. Ed. The Peirce Edition Project. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

RILEY, Denise (2005). *Impersonal Passion: Language as Affect*. Durham, NC: Duke University Press.

SIEWERS, Alfred Kentigern (2014). "Trees." *Inhuman Nature* pp.101-113.

SPINOZA, Benedictus (1981). *Ethics*. Trans. George Eliot. Salzburg: Institut für Anglistik und Amerikanistik, University of Salzburg.

STARK, Hannah (2015). "Deleuze and Critical Plant Studies." *Deleuze and the Non/Human*. Ed. Jon Roffe and Hannah Stark. New York: Palgrave Macmillan. pp.180-196.

TAYLOR, Paul (1986). *Respect for Nature: A Theory of Environmental Ethics*. New Jersey: Princeton University Press.

UEXKÜLL, Jakob von (2010). *A Foray into the Worlds of Animals and Human with A Theory of Meaning*. Trans. J.D. O'Neil. Minneapolis, MN and London: University of Minnesota Press.

WESTLING, Louise (2014). *The Logos of the Living World: Merleau-Ponty, Animals, and Language*. New York: Fordham University Press.

WHEELER, Wendy (2016). *Expecting the Earth: Life, Culture, Biosemiotics*. London: Lawrence & Wishart.

_____ (2017). "How the Earth Speaks New: The Book of Nature and Biosemiotics as Theoretical Resource for the Environmental Humanities in the Twenty-First Century." *Environmental Humanities: Voices from the Anthropocene*.

WILLETT, Cynthia (2014). *Interspecies Ethics*. New York: Columbia University Press.

WILLIAMS, Caroline (2012). "Subjectivity Without the Subject: Thinking Beyond the Subject with/through Spinoza." *Spinoza Beyond Philosophy*. Ed. Beth Lord. Edinburgh: Edinburgh University Press.

WONG, Kin-yuen (2016). "The 'Thousand-Mile Eye' and the Image-less Elephant: Imag(in)ing the Universe in Eco-Poetics and Philosophy." *Technovisuality: Cultural Re-Enchantment and the Experience of Technology*. London. New: I.B. Tauris. Pp.21-53.

_____ "Yin-yang" (2016). *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Gender and Sexuality Studies*. Ed. Nancy a. Naples. John Wiley and Sons Ltd. pp.1-4.

_____ (2018). The *Yin-yang* Assemblage and Deleuze's Transcendental Empiricism: How Daoism Became Posthuman." *Deleuze and the Humanities: East and West*. Ed. Rosi Braidotti, Kin-yuen Wong & Amy Chan. London & New York: Rowman & Littlefield.

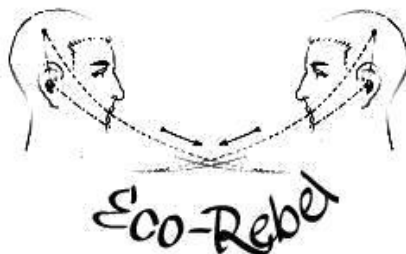
ZAPT, Hubert (2016). *Literature as Cultural Ecology: Sustainable Texts*. London & New York: Bloomsbury

ZHUANGZI II (1999). Trans. Wang Rongpei. Hunan: Hunan People's Publishing House. Foreign Languages Press.

ZOURABICH VILI, François (2012). *Deleuze: A Philosophy of the Event Together with the Vocabulary of Deleuze*. Trans. Rieran Aarons. Edinburgh: Edinburgh University Press.

Aceito em 20/04/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



OVERVIEW OF THE DEVELOPMENT OF ECOLINGUISTICS IN CHINA DURING THE 40 YEARS OF REFORM AND OPENING UP

Tan Xiaochun (School of Foreign Studies, South China Agricultural University, Guangzhou 510640, China)

Resumo: Nos últimos 40 anos, desde que a reforma e a abertura política foram introduzidas, o desenvolvimento da ecolinguística na China tem evoluído da participação espontânea em pesquisas acadêmicas para a promoção de pesquisa acadêmica, pesquisa acadêmica e serviços sociais mediante instituições de educação superior e associações de pesquisa. O progresso através dos estágios revelou a grande transformação de um foco unicamente em pesquisa científica em instituições de Ensino em direção à implementação das três funções básicas de treinamento de talentos, pesquisa científica e serviços sociais em instituições de ensino superiores. Muitos objetivos foram atingidos na ecolinguística chinesa. As características e a experiência do desenvolvimento da ecolinguística na China são: adesão à posição diretriz do pensamento civilizacional do marxismo chinês, adesão ao grande objetivo de construir uma disciplina ecolinguística na China tendo em vista uma inovação da abordagem da análise do discurso ecológica no contexto chinês. O objetivo da análise do discurso ecológica harmoniosa para o desenvolvimento da ecolinguística e a iniciativa chinesa de intercâmbio internacional em ecolinguística.

Palavras-chave: Ecolinguística; Acontecimentos Históricos; Realizações Importantes; Características Chinesas.

Abstract : In the past 40 years, since the reform and opening-up policy was introduced, the development of ecolinguistics in China has progressed from the stage of spontaneous participation in academic research, to the promotion of academic research and research conferences, to the development of high-level talent training, scientific research and social services via higher

education institutions and research associations. Progress through the stages has brought about the major transformation from a singular focus on scientific research at higher education institutions to comprehensively carrying out the three basic functions of talent training, scientific research and social services at higher education institutions. A number of landmark achievements in Chinese ecolinguistics have been achieved. The characteristics and experience of the development of ecolinguistics in China are: adhering to the leading position of Chinese Marxist ecological civilization thought, adhering to the high starting point of the construction of ecolinguistics discipline in China and adhering to the innovation of the approach of ecological discourse analysis in the Chinese context. The purpose of ecological harmonious discourse analysis in the Chinese context is to provide a Chinese perspective for the development of ecolinguistics and a Chinese initiative for international exchange on ecolinguistics.

Keywords: Ecolinguistics; Historical Events; Landmark Achievements; Chinese Characteristics.

1 Introduction

The development of ecolinguistics, starting with a lecture on “The Ecology of Language” by Haugen (1970) at an academic conference in Austria (Burg Wartenstein, Austria), has been going on for 50 years. From Haugen’s metaphorical paradigm to Halliday’s non-metaphorical paradigm (1990), ecolinguistics progressed somewhat slowly. After the 1990s, ecolinguistics began to flourish via discussion and implementation of the two paradigms and registered remarkable achievements. The metaphorical paradigm of ecolinguistics broke through the research paradigms of formalism and functionalism (HU et al., 2017, p. 2) to create a new model of linguistic research based on the analysis of linguistic ecology, i.e., the study of language development has adopted an ecological perspective or ecological philosophy (HUANG; CHEN, 2016, p. 55), enriching the practical content of maintaining linguistic diversity, and providing a theoretical basis for language planning in various countries.

The non-metaphorical paradigm of ecolinguistics broke the boundaries of the traditional study of systemic functional linguistics, and the research on the function of language systems has extended from the study of “systemic grammar” and “functional grammar” (HU et al., 2017, p. 3) to the study of the function of language on ecology, and aims to provide theoretical support for language practice in response to the ongoing ecological crises by revealing the intrinsic link between language and ecology. It can be said that Haugen’s metaphorical paradigm and Halliday’s non-metaphorical paradigm constitute two basic research modes of ecolinguistics. It is these two basic

research models that make ecolinguistics a truly independent Applied Linguistics discipline, one which has begun a multidisciplinary participation in the combination of ecology and linguistics in academic movements.

What have Chinese scholars done in these academic movements? Where is the position of Chinese ecolinguistics? Chinese scholars have tried to answer these two questions. For example, Zhou Wenjuan (2018) in the article *A Review on the Introduction of Studies of Ecolinguistics abroad into the Chinese Academia* divided the development of ecolinguistics into three stages: the germination stage (1985-2003), the development stage (2004-2012), and the prosperity stage (2013-present). The introduction of Western ecolinguistics in China has been carefully sorted out. Li Qian (2018), in the article *Diachronic Development and Integrative Study on Chinese and Western Ecolinguistics* divided it into three somewhat overlapping stages: the embryonic stage (1980s-1990s), the theory introduction phase (2000-present), and the local innovation and application development phase (2010-present).

It should be noted that the development of ecolinguistics in China has not stopped at the introduction of Western ecolinguistics, nor has it fully accepted Western ecological philosophy, nor has it sought to integrate the Chinese and Western ecolinguistics research paradigms and directions on the basis of Western ecological philosophy. However, based on absorbing and drawing on the achievements of Western ecolinguistics research, Haugen's metaphorical paradigm and Halliday's non-metaphorical paradigm have been innovated upon. More importantly, Chinese ecolinguistic researchers have adhered to the Marxist ecological theory, especially the ecological thought of socialism with Chinese characteristics for a new era as a guide, thereby inheriting ancient Chinese ecological philosophy, and exploring Chinese characteristics of ecolinguistics in combination with China's reality for the construction of a beautiful China and ecologically-friendly civilization.

There is no doubt that the development of ecolinguistics in China can be explained scientifically and objectively only by understanding the historical events occurring in the Chinese ecolinguistics field. Therefore, since the reform and opening up, what historical events have taken place in the Chinese ecolinguistics field? What are the landmark achievements in the development of Chinese ecolinguistics? What are the characteristics and experience of the development of Chinese ecolinguistics? This article will provide an overview of these issues.

2 Historical Events in the Chinese Ecolinguistics Field

In the past 40 years of reform and opening up, the establishment of the China Association of Ecolinguistics (April 2017) and the first ecolinguistics doctoral student program in China (September 2017) have been two historical events in the development of ecolinguistics in China. The former was a sign of the shift in the development of ecolinguistics in China from the stage of individual spontaneous participation in academic research (1978 to April 2017) to the stage of promoting academic research by research institutes (April 2017 until now). The latter was a sign of the shift from the academic research phase promoted by research associations to the phase of training high-level talent, and performing scientific research and social service (September 2017 to present), which are promoted by institutions of higher learning and the research association.

On April 28, 2017, the establishment of the China Association of Ecolinguistics (CAE) was a “new milestone” in the development of ecolinguistics in China (WEI; HE, 2017, p. 40). It ended the long history of individual participation in academic research in the development of ecolinguistics in China and started the historical process of promoting academic research by the CAE. The CAE launched the historical process of joining The International Ecolinguistics Association as a research group, undertaking corresponding responsibilities and fulfilling respective obligations. The research group was organized to carry out an international symposium on ecolinguistics in China, to promote international cooperation in ecolinguistics research, to undertake the historical process of the social responsibility of Chinese linguists to build an ecologically-minded civilization and a beautiful China, and to cooperate with other countries to build a community for the shared future of humanity.

In September 2017, China’s first doctoral candidates in ecolinguistics were enrolled at South China Agricultural University, marking another milestone in the development of ecolinguistics in China. The enrollment of doctoral students was a high-level educational activity based on the “Doctoral Program” approved by the departments concerned. In 2016, Professor Huang Guowen set up a team to establish the “Research Center for Ecolinguistics” at South China Agricultural University and establish a doctoral program in “Ecology of Language” under the first-level discipline “Ecology.” In September 2017, he officially launched the enrollment in the first doctoral program of ecolinguistics in China. This ended the long history of the development of China’s ecolinguistics discipline that did only scientific research and had no high-level talent

training. It began the historical process of construction of doctoral programs in ecolinguistics in China, and the all-around development of social services and international exchanges and cooperation in ecolinguistics in China through the training of high-level talent and scientific research. Since then, China's ecolinguistics has entered a new era that fully embraces the three social functions of colleges and universities: talent training, scientific research and social services.

3 Landmark Achievements in Various Stages of the Development of Ecolinguistics in China

At every stage of the development of ecolinguistics in China, a number of landmark achievements have taken place. In the stage of personal participation in academic research, the following achievements were of symbolic significance. The book *Ecological Chinese Studies* by Li Guozheng (1991) considered the language system as an ecosystem and a level in the entire ecosystem, revealing the inherent connection and interaction between language and its environment. This marks the beginning of the ecological return of Chinese linguistic research. *Introduction to Language Ecology* by Feng Guangyi (2013) systematically sorted out and analyzed existing research findings of language ecology in China and abroad at that time and identified the research objects of the study as the ecology of language. This indicates that Chinese language ecology had entered a new stage of systematic introduction, reference and application of the Haugen paradigm.

Huang Guowen (2016a, p. 11) proposed the “think and act ecolinguistically” ecological linguistic research concept based on a comparison of the development of ecolinguistics between China and the West. This indicated that Chinese linguistic studies had begun to form their own ecological concepts. Subsequently, Huang Guowen (2016b) analyzed the ecological turn and ecological movement of the humanities and social sciences in China from three perspectives: the ecological orientation of education, the ecological orientation of language researchers, and the generalization of “ecology.” He pointed out that the interaction between human and biosphere, coordinated development between human and nature, and the relationship between human and environment are at the core of ecological research. He also stated that “Ecology” is used to indicate harmony between human and nature, harmony between people, and he treated ecology as a choice, a process, an adaptation, with the goal of being the overall harmony of humanity and nature. This

ECO-REBEL

indicated that the development of Chinese ecolinguistics had begun to form its own core research objects, and had started the historical process of the integration of metaphorical and non-metaphorical approaches; Huang Guowen and Chen Yang (2016) revealed the internal connection between the ecological philosophy and ecological analysis of discourse, and proposed that ecolinguistics should bear the social responsibility of creating “Ecological Man” (*shengtai ren* 生态人), which indicated that the development of ecolinguistics in China had begun to form its own historical mission of carrying educational functions, and had opened up the fulfillment of cultivation for the construction of ecological civilization and a beautiful China. These landmark achievements of China’s ecolinguistics development via the spontaneous participation of individuals in academic research have created academic conditions for the establishment of the China Association of Ecolinguistics, and laid an academic foundation for the promotion of the China Association of Ecolinguistics to the stage of academic research.

The following results were of great significance in the research promotion stage of academic research. Huang Guowen and Zhao Ruihua (2017) systematically reviewed Western critical discourse analysis and positive discourse analysis, interpreted harmonious discourse analysis in the Chinese context, and advanced the theoretical assumptions that language creates meaning, language constructs reality, language construes experience, language reflects our thinking, language expression strengthens or even reshapes our understanding of the world, and language guides and influences our behavior. They put forward the idea that the goal of ecological discourse analysis is to explore the interrelationships and interactions between language and ecology and reveal the relationship between language and various ecological relationships (including the sustainable relationship between humans and non-human organisms, the relationship between the sustainable life of human beings and the natural environment). They defined the principle of ecological discourse analysis as unity between humans and nature, human peace, social harmony and ecological protection. They identified the approach of ecological discourse analysis as a multi-dimensional, multi-level analysis of discourse. This indicated that the development of Chinese ecolinguistics had begun to take shape in the Chinese context, based on historical materialism and the idea of a socialist ecological civilization with Chinese characteristics in the new era, which embodied the unity of value judgment and scientific judgment. He Wei and Zhang Ruijie (2017, p. 64) refined and extended “the transitivity, mood, modality, appraisal, theme and information systems within Systemic Functional Linguistics from the perspective of ecology.” Following

Stibbe (2015), they divided discourses into three types: eco-beneficial, eco-destructive and eco-ambivalent ones. This indicated the substantial progress made in the construction of ecological discourse analysis model within the framework of systemic functional linguistics (HALLIDAY, 1985). The development of China's ecolinguistics in the academic research stage promoted these landmark achievements, which not only further deepened the achievements obtained in the previous stage, but it also created conditions for more symbolic achievements in the latter stages.

Colleges, universities and the Association now work together to promote the development of high-level talent, scientific research and social services, which has brought about the following landmark achievements. Based on the existing research, Huang Guowen (2018) further elaborated the philosophical roots, research goals and principles, theoretical guidance, research methods and research objects of the ecological harmonious discourse analysis model. This indicated that Chinese ecolinguistics had basically completed the theoretical construction of the harmonious discourse analysis model of ecological discourse in the Chinese context. Huang Guowen and Wang Hongyang (2018) applied the American psychologist Gibson's theory of provision to ecolinguistics and revealed the internal relationship between the theory of provision, ecological issues, and ecological language. This indicated that China's ecolinguistics had begun to consolidate its theoretical foundation with ecological theories and ecological laws. He Wei and Wei Rong (2018) revealed the applicability of ecolinguistics in the areas of education, translation, literary criticism, environmental protection and international relations, based on a review of the development of ecolinguistics. This is in line with Huang Guowen's (2018) view of ecolinguistics as applied linguistics, marking a broader consensus among academics on the nature of ecolinguistics in China as an applied discipline. Wang Yin (2018, p. 22) integrated the core principles of "Reality—Cognition—Language" in cognitive linguistics with ecolinguistics to construct "Cognitive Ecolinguistics". This marked the expansion of ecolinguistics in China into the field of cognitive theory. *Anthology of Ecolinguistics* by Fan Junjun and Xiao Zihui (2018) consisted of 13 articles on ecolinguistics concerning the theory of language ecology, the definition of ecolinguistics, the relationship between linguistic diversity and biodiversity, the measurement methods and indexes of linguistic diversity and the ecological crises of language in China. It is a valuable reference for current research and teaching ecolinguistics, as it indicated that China's ecolinguistics had begun to focus on promoting discipline construction in terms of talent training and teaching.

ECO-REBEL

Over the past 40 years of reform and opening up, these achievements have been made at various stages of the development of ecolinguistics in China. They are the result of the inclusiveness, innovativeness, perseverance and hard work of Chinese language workers. By examining these landmark achievements in the Chinese context, we can summarize the characteristics and experience of the development of Chinese ecolinguistics.

4 Characteristics and Experience of the Development of Ecolinguistics in China

In the past 40 years of reform and opening up, the characteristics and experience of the development of China's ecolinguistics are: adhering to the leading position of Chinese Marxist ecological civilization thought, adhering to the high starting point of the construction of ecolinguistics discipline in China and adhering to the innovation of the approach of ecological discourse analysis in the Chinese context..

4.1 Adhering to the Leading Position of Chinese Marxist Ecological Civilization Thought

Chinese Marxist ecological civilization thought is the product of the combination of Marxist ecological civilization thought and the concrete practice of Chinese ecological civilization construction. Among them, Xi Jinping's thought of socialist ecological civilization with Chinese characteristics in the new era is the latest achievement of China's Marxist ecological civilization thought and is the guiding ideology of China's ecological civilization construction. The report of the 17th National Congress of the Communist Party of China proposed the construction of ecological civilization for the first time. Just as Lan Qing (2015) pointed out, at the 18th National Congress of the Communist Party, a systematic theoretical system of ecological civilization construction was placed in China's strategic general layout. This systematic theoretical system of ecological civilization construction is the ideological system of socialist ecological civilization with Chinese characteristics in the new era. It is the discipline of Chinese humanities and social sciences related to the construction of ecological civilization under the guidance of this ideological system. In this sense, Chinese Marxist ecological civilization thought constitutes the core element of the Chinese context for the development of Chinese ecolinguistics. In the development of ecolinguistics in China, Chinese Marxist ecological civilization thought is the theoretical basis of

ECO-REBEL

the guiding ideology of ecolinguistics research in China, and it is in the leading position of the discipline. In this sense, the study of ecolinguistics in the Chinese context is the study of ecolinguistics under the guidance of Chinese Marxist ecological civilization, which is the main theme of the development of ecolinguistics in China. For example, Huang Guowen, one of the leading figures in China's ecolinguistics, published a book *What Is Ecolinguistics?* (HUANG; ZHAO, 2019) and a series of papers such as *Ecological Orientation of Foreign Language Teaching and Research* (2016b), *On the Origin, Aims, Principles and Methodology of Eco-discourse Analysis* (HUANG; ZHAO, 2017), *One Assumption and Three Principles for Ecological Analysis of Discourse and Behavior* (2017), *From Eco-critical Discourse Analysis to Harmonious Discourse Analysis* (2018), which all put ecolinguistics and ecological discourse in the Chinese context for investigation, and they were all related to the purpose of serving China's ecological civilization. They are concrete manifestations of adhering to the leading position of Chinese Marxist ecological civilization thought in Chinese ecolinguistics. As Huang Guowen (2016b) pointed out, the construction of ecological civilization has been explicitly written into the report of 18th National Congress of the Communist Party. The construction of ecological civilization at the Fifth Plenary Session of the 18th Central Committee was first written into the Five-Year Plan (13th Five-Year Plan) and listed as one of the "five major constructions" in contemporary China. President Xi Jinping has also repeatedly affirmed that "ecological prosperity leads to that of civilization" (生态兴则文明兴) and that "clean waters and lush mountains are invaluable assets" (绿水青山就是金山银山). This is a national-level understanding of ecological issues and it also marks the strategic and revolutionary improvement of national ecological awareness. In the Chinese context, "ecology" refers not only to the relationship between living organisms and their living environment, and the structural and functional relationships formed between them and their interactions, but it is used to mean "harmony": harmony between man and nature, harmony between people. In view of this, Tan (2018) in her article *Value Judgment and Scientific Judgment of Ecological Discourse* advocates understanding the basic assumption of "people-orientedness" and the three principles (i.e., the principle of conscience, the principle of proximity, and the principle of regulation) put forward by Huang Guowen (2017) from the practical and theoretical level of the contemporary Chinese context, and Tan (2018) summarizes the practical level of contemporary Chinese context as: the context consisting of solving the problem of imbalanced and insufficient development, solving the problem of ecological environment protection, conducting

ECO-REBEL

great struggles, building great projects, advancing great causes, realizing great dreams via the road of socialism with Chinese characteristics, and building a beautiful China, etc. The theoretical level of the contemporary Chinese context is summarized as: the context formed by Marxism and socialist thought with Chinese characteristics in the new era; Feng Guangyi (2013) wrote a special chapter in *Introduction to Language Ecology* to discuss issues related to language ecology and the construction of ecological civilization. The model constructed by He Wei and Zhang Ruijie (2017) in *An Ecological Analytical Framework for Discourse* aims to allow language researchers to create more eco-beneficial discourse and reduce or resist the generation of eco-destructive discourse, and truly fulfill the social responsibility of language researchers, which is truly based on serving ecological civilization. It can be said that adhering to the leading position of Chinese Marxist ecological civilization thought is a major characteristic of the development of Chinese ecolinguistics. It can also be said that only by adhering to the leading position of the Chinese Marxist ecological civilization thought can the development of Chinese ecolinguistics have a bright future, and Chinese ecological linguists can make a difference and truly shoulder the responsibility of building ecological civilization and a beautiful China. This is a summary of the experience of China's ecolinguistics development in the 40 years of reform and opening up.

4.2 Adhering to the High Starting Point of the Construction of Ecolinguistics Discipline in China

The main manifestation of adhering to a high starting point of constructing the discipline of ecolinguistics in China was China's first recruitment of PhD students in ecolinguistics. As a discipline requiring the three basic functions of talent training, scientific research and social service in colleges and universities, the construction of ecolinguistics in China started with the enrollment of PhD students in ecolinguistics at South China Agricultural University. This was another major feature and experience of the development of ecolinguistics in China. Disciplines refer to both a relatively independent knowledge system and the basic units and organizational methods that carry the three basic functions of talent training, scientific research and social services in colleges and universities. The history of disciplinary development shows that a discipline that cannot fully conduct the three basic functions of a higher education institution will find it difficult to gain a foothold in a higher education institution; a discipline that does not have the need to train

high-level professional talent will also find it difficult to establish a foothold in a higher education institution. The ecological transformation of human civilization, the transformation of human industrial civilization to ecological civilization and China's strategic positioning and layout of building ecological civilization all indicate that the demand for high-level talent in ecolinguistics is growing in economic and social development. The demand for the cultivation of high-level talent in China's ecolinguistics is an increasing trend. China's ecolinguistics discipline development has good opportunities but faces great challenges. High-level talent in ecolinguistics are mainly placed in relevant disciplines, research institutions and government departments of higher education institutions. In higher education institutions, they are mainly engaged in teaching and scientific research. In research institutions, they are mainly engaged in scientific research. In relevant government departments, they mainly provide consulting services for government decision-making. Therefore, high-level talent in ecolinguistics can only do such work if they have strong scientific research capabilities. This means that the opportunity brought by the growing demand for the cultivation of high-level talent in China's ecolinguistics is that the construction of China's ecolinguistics does not have to be tied to the tradition of enrolling students in junior colleges, undergraduate institutes and masters programs, and it is possible to break this tradition and start enrollment directly with a PhD. Seizing this opportunity is a huge challenge in itself, because to cross the stage of junior college, undergraduate and masters training, and directly enter the doctoral stage means facing difficulties in overcoming all aspects of doctoral degree authorization, faculty, and curriculum settings. We need to have courage to overcome these difficulties. The team formed by Professor Huang Guowen of South China Agricultural University has persisted in the high starting point of the construction of ecolinguistics discipline in China, facing these huge challenges and seizing this good opportunity to launch the recruitment of the first doctoral students of ecolinguistics in China in September 2017. This is a great miracle for the admission of PhD students in ecolinguistics in China.

4.3 Adhering to the Innovation of the Approach of Ecological Discourse Analysis in Chinese Context

The main manifestation of adhering to the innovation of the approach of ecological discourse analysis in the Chinese context is to propose and continuously improve the approach of ecological

ECO-REBEL

harmonious discourse analysis in the Chinese context. The analysis approach of ecological “harmonious discourse” in the Chinese context was first proposed by Huang Guowen (2016b, p.10), which is based on Western eco-critical discourse analysis, eco-positive discourse analysis, ecological beneficial, destructive and ambivalent discourse analysis (hereinafter referred to as the “three-type” ecological discourse analysis). It is the application of Chinese socialist ecological civilization thought in ecolinguistics in the new era. This is a major feature and experience of the development of ecolinguistics in China.

Eco-critical discourse analysis originated in the 1970s, which was an influential era of ecological discourse analysis in Western ecolinguistics theories. Insisting on this approach was of great practical significance for exposing and removing the ideological roots of anthropocentrism and economic growthism caused by the ecological crises, lifting all the obstacles that hinder the development of ecological civilization, promoting the ecological turn of human civilization, and building ecological civilization. However, eco-critical discourse analysis is also marginalized by the elimination of the mainstream of Western public opinion. According to this understanding, Western eco-discourse analysts have proposed an eco-positive discourse analytical approach, advocating eco-positive discourse, emphasizing the constructive function of positive discourse on ecology, and criticizing the destructive function of negative discourse on ecology. In this sense, ecological positive discourse has taken a step towards ecological construction. The problem is that positive and negative are just attitude issues, and they do not refer to ideological or ecological philosophical issues. Just like those corporate bosses and politicians who use “green discourse” to talk about environmental protection and environmental protection products mostly use “greenwashing” as a language strategy while their ideology is still non-ecological. In order to overcome the shortcomings of eco-positive discourse analysis, Stibbe (2015) proposed a “three-type” ecological discourse analysis approach, advocating beneficial discourse, revealing and criticizing destructive discourse and dialectically treating ambivalent discourse. After all, the beneficial or destructive or ambivalent judgment of discourse has involved ideology and ecological philosophy. This means that the constructive function of beneficial discourse on ecology has taken a larger step towards ecological civilization than the constructive function of positive discourse on ecology. However, the use of discourse as a beneficial or destructive or ambivalent judgment is a consequence judgment, which means that “three-type” ecological discourse analysis is not suitable for predictive and constructive judgment. Besides, the beneficial or destructive or ambivalent

judgment of discourse, although it involves ideology and ecological philosophy, it still does not involve the value judgment of “beneficial to whom”. Therefore, the eco-criticism discourse analysis approach, eco-positive discourse analysis approach, and “three-type” ecological discourse analysis approach proposed by Western ecolinguists all need to be deepened in different ways. Based on in-depth research into the three analytical paths of Western eco-criticism discourse analysis, eco-positive discourse analysis and “three-type” ecological discourse analysis, Huang Guowen proposed a new approach of ecological harmonious discourse analysis in the Chinese context. He (2016b) put forward in the article *Ecological Orientation of Foreign Language Teaching and Research* that the ecological analysis of our discourse should focus on exploring the construction and promotion of harmonious discourse, and he advocates using *tianren heyi* (天人合一) and other ancient Chinese ecological philosophy and “holism” methodology to construct “Chinese-style” harmonious discourse analysis theory and to apply it to Chinese language practice and theory. Later, Huang Guowen and Chen Yang (2016), Huang Guowen (2017), Huang Guowen and Zhao Ruihua (2017), Zhao Ruihua and Huang Guowen (2017) successively published papers, and systematically discussed the theoretical issues of ecological harmonious discourse analysis. Thus, the analytical path of ecological harmonious discourse analysis in the Chinese context has gradually formed and embodies the holism, integrity, and sustainability of ecology, reflects the laws of ecology and adheres to the unity of value judgment and scientific judgment of ecological discourse, with truth and universality. It can be said that ecological harmonious discourse analysis in the Chinese context is a new development in the study of ecolinguistics in China, and it is a Chinese reflection for international ecological linguistics.

5 Conclusion

The above overview shows that in the past 40 years of reform and opening up, the development of ecolinguistics in China has been marked by the establishment of China Association of Ecolinguistics and the launching of the first Chinese “Doctoral Program” of ecolinguistics. Ecolinguistics in China has experienced the stage of individual spontaneous participation in academic research; the academic research committee has promoted the academic research stage and higher education institutions and research institutes have worked together to promote the development of high-level talent, scientific research and social service. Ecolinguistics in China has

ECO-REBEL

successfully realized major transformation from a singular focus on scientific research at higher education institutions to comprehensively carrying out the three basic functions of talent training, scientific research and social services at higher education institutions. Each stage of the development of China's ecolinguistics has produced a number of landmark achievements, which have contributed to advancing the construction of this discipline, serving the construction of ecological civilization and a beautiful China. A review of the development of Chinese ecolinguistics in the past 40 years shows that it centers on Chinese Marxist ecological civilization thought, the high starting point of the construction of ecolinguistics discipline in China and the innovation of the approach of ecological discourse analysis in the Chinese context, which are not only the three characteristics of the development of ecolinguistics in China, but also the reflections of the development of ecolinguistics in China. The approach of ecological harmonious discourse analysis in the Chinese context is put forward and developed on the basis of absorbing the positive achievements of Western eco-critical discourse analysis, eco-positive discourse analysis and "three-type" ecological discourse analysis, which is a Chinese initiative for international exchange of ecolinguistics. We look forward to promoting the development of ecolinguistics from a new perspective through the international response of this initiative. Of course, the development of ecolinguistics in China still has shortcomings, such as insufficient promotion of discipline status, uneven research teams and lack of discipline construction platforms. However, we linguists should firmly believe that in the new era of accelerating the construction of ecological civilization and a beautiful China, under the guidance of Xi Jinping's new era of socialist ecological civilization with Chinese characteristics, the development of ecolinguistics in China will usher in a more brilliant tomorrow.

References:

- FAN, Junjun; XIAO, Zihui (范俊军、肖自辉). 生态语言学文选(*Anthology of Ecolinguistics*) [M]. Guangzhou: Guangdong People's Publishing House, 2018.
- FENG, Guangyi (冯广艺). 语言生态学引论. *Introduction to Language Ecology*. [M]. Beijing: People's Publishing House, 2013.
- HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to Functional Grammar* [M]. London: Arnold, 1985.

ECO-REBEL

HALLIDAY, M. A. K. New ways of meaning: The challenge to applied linguistics [J]. *Journal of Applied Linguistics* v. 6, 1990, p. 7-16. Reprinted in WEBSTER, J. (ed.), *On Language and Linguistics, Vol. 3 in The Collected Works of M. A. K. Halliday* [C]. London: Continuum, p. 139-174, 2003.

HAUGEN, E. *On the ecology of languages* [Z]. Talk delivered at a conference at Burg Wartenstein, Austria, 1970.

HE, Wei; WEI, Rong (何伟、魏榕). 生态语言学:发展历程与学科属性 (Ecolinguistics: Development History and Disciplinary Attributes) [J]. *Social Sciences Abroad* v. 4, p. 113-123, 2018.

HE, Wei; ZHANG, Ruijie (何伟、张瑞杰). 生态话语分析模式构建 (An Ecological Analytical Framework for Discourse) [J]. *Foreign Languages in China* v. 5, p. 56-64, 2017.

HU, Zhuanglin; ZHU, Yongsheng; ZHANG, Delu; LI, Zhanzi (胡壮麟、朱永生、张德禄、李战子). 系统功能语言学概论. *An Introduction to Systemic Functional Linguistics*. Beijing: Peking University Press, 2017.

HUANG, Guowen (黄国文). 生态语言学的兴起与发展. The Rise and Development of Ecolinguistics. *Foreign Languages in China* v. 1, n. 1, p. 9-12, 2016a.

HUANG, Guowen (黄国文). 外语教学与研究的生态化取向. Ecological Orientation of Foreign Language Teaching and Research. *Foreign Languages in China* v. 5, n. 1, p. 9-13, 2016b.

HUANG, Guowen (黄国文). 论生态话语和行为分析的假定和原则. One Assumption and Three Principles for Ecological Analysis of Discourse and Behavior. *Foreign Language Teaching and Research* v. 6, p. 880-889, 2017.

HUANG, Guowen (黄国文). 从生态批评话语分析到和谐话语分析. From Eco-critical Discourse Analysis to Harmonious Discourse Analysis. *Foreign Languages in China* v. 4, p. 39-46, 2018.

HUANG, Guowen & Chen, Yang (黄国文、陈旻). 生态哲学与话语的生态分析. Ecosophy and Ecological Analysis of Discourse. *Foreign Language and Literature* v. 6, p. 55-61, 2016.

HUANG, Guowen & Wang, Hongyang (黄国文、王红阳). 给养理论与生态语言学研究. The Theory of Affordances and Ecolinguistic Studies. *Foreign Languages and Their Teaching* v. 5, p. 4-11, 2018.

HUANG, Guowen & Zhao, Ruihua (黄国文、赵蕊华). 生态话语分析的缘起、目标、原则与方法. On the Origin, Aims, Principles and Methodology of Eco-discourse Analysis. *Modern Foreign Languages* v. 5, p. 585-596, 2017.

ECO-REBEL

HUANG, Guowen & Zhao, Ruihua (黄国文、赵蕊华). 什么是生态语言学. *What Is Ecolinguistics?*. Shanghai: Shanghai Foreign Language Education Press, 2019.

LAN, Qing (兰青). 人类文明的生态转向与生态文明建设. *Ecological Turn of Human Civilization and Construction of Ecological Civilization*. *Guizhou Social Sciences* v. 8, p. 31-35, 2015.

LI, Guozheng (李国正). 生态汉语学. *Ecological Chinese Studies*. Changchun: Jilin Education Press, 1991.

LI, Qian (李倩). 中西方生态语言学历时发展及整合研究. *Diachronic Development and Integrative Study on Chinese and Western Ecolinguistics*. *Journal of University of Science and Technology Beijing* v. 6, p. 18-26, 2019.

STIBBE, A. *Ecolinguistics: Language, Ecology and the Stories We Live By*. London: Routledge, 2015.

TAN, Xiaochun (谭晓春). 生态话语的价值判断和科学判断. *Value Judgment and Scientific Judgment of Ecological Discourse*. *Foreign Languages in China* v. 4, p. 47-53, 2018.

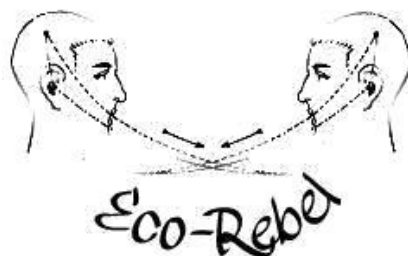
WANG, Yin (王寅). 认知生态语言学初探. *The Initial Exploration of Cognitive Ecolinguistics*. *Foreign Languages in China* v. 2, p. 22-30, 2018.

WEI, Rong; HE, Wei (魏榕、何伟). 生态语言学的兴起与多样化发展“第一届中国生态语言学战略发展研讨会”综述. *The Origin and Evolution of Ecolinguistics: Review of the First Chinese Strategic Development Symposium on Ecolinguistics*. *Journal of University of Science and Technology Beijing* v. 4, p. 38-41, 2017.

ZHOU, Wenjuan (周文娟). 国外生态语言学在中国的引介述评. *A Review on the Introduction of Studies of Ecolinguistics Abroad into the Chinese Academia*. *Foreign Languages and Their Teaching* v. 5, p. 21-25, 147, 2018.

Aceito em 16/05/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



THE ECOLINGUISTIC COMMUNICATION MODEL: THE NEWPARADIGMATIC VIEW ON THE COMMUNICATIVE MECHANISM OF *SILENCE*

Marta Bogusławska-Tafelska (The Łomża State University of Applied Sciences, Poland. Faculty of Social Sciences and Humanities)

Resumo: Nesta exploração teórica, revisitamos a noção de *silêncio* na comunicação humana. A hipótese organizadora é a de que o fenômeno *silêncio* pode ser inserido no modelo neoparadigmático, ecolinguístico de comunicação (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013, 2016) como um mecanismo chave, não como um elemento prosódico ou paralinguístico entre partes de produção de fala. Sugerimos a tese de que o *silêncio* como mecanismo de comunicação possibilita que as modalidades de comunicação cognitiva e não cognitiva sejam ativas e em interação complementar no comunicador humano ou, para ser mais precisos, na situação de comunicação transpessoal, momentânea e emergente em que o comunicador humano se vê envolvido. Essa análise teórica está paradigmaticamente baseada no holismo do século XXI, que, na disciplina linguística, tem se refletido na pesquisa ecolinguisticamente orientada que visa aos fenômenos linguísticos e comunicacionais.

Palavras-chave: Silêncio; Modalidades Comunicativas Cognitivas e Não-cognitivas; Mudança paradigmática; Paradigma Holístico do Século XXI; Ecolinguística.

Abstract: In this theoretical exploration, we revisit the notion of *silence* in human communication. The organising hypothesis is that the phenomenon of *silence* can be inserted in the newparadigmatic, ecolinguistic model of communication (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013, 2016) as a key mechanism, not as a prosodic or paralinguistic filler in between speech productions. We put forth a thesis that *silence* as a communication mechanism enables both cognitive and noncognitive communication modalities to be active and in complementary interaction within a human communicator, or, to be more exact, within the transpersonal, momentary, emerging communication situation, a human communicator is immersed in. This theoretical analysis is paradigmatically grounded in the 21st century holism, which, in the discipline of linguistics, has

been reflected in the ecolinguistically-oriented research into linguistic and communication phenomena.

Key words: Silence; Cognitive and Noncognitive Communication Modalities; Paradigmatic Shift; 21st Century Holistic Paradigm; Ccolinguistics

1. Introduction

This theoretical paper puts to debate the possibility to insert into the ecolinguistic communication model the phase of cognitive *silence*. Ours is the expanded view on *silence* in communication, as compared to what has been discussed in the fields of modern psychology, psychotherapy, linguistics or sociolinguistics. In the mainstream research, the primary and basic function of *silence* is providing background to speech. *Silence* defines the boundaries of utterance (JAWORSKI, 1993, p. 12). *Silence* defined as pausing belongs to prosodic or paralinguistic tools of language (ibid., p. 14). Cross-cultural uses of *silence* are rooted in the observation of different types of taboo, practical magic, and in varying beliefs as to how much or little talk is necessary in a given situation (ibid., p. 23).

In order to present the expanded model of *silence* in the process of communication, we will delineate here the paradigmatic basis on which we pursue this ecolinguistic task. Specifically, the postclassical framework of the 21stc. holism is introduced in the opening sections, for the intended theoretical model to be shaped.

2. The expansion of consciousness in Western societies is reflected in the paradigmatic shift in Western science: slow and steady wins the race

Today, people in Western societies realize that the status quo of the materialistic, Newtonian-Darwinian reality no longer equates for them stable and sustainable existence and self-actualisation (DAVIS; CANTY, 2015; WALACH, 2019). Models and conceptualisations have been shaking and cracking, be it social models of the organizational cultures based on rigid hierarchy and power struggle, traditional marriage model, educational models, medical models (moving from the disease-care to the health-care model), intrapersonal behavioural models visible and active in our life scripts (i.e. mental models of our ideal lives we strive to live - cf. BERNE, 2007). Old cognitive and behavioural meta-patterns slowly get de-activated because, narrow and outdated as they are already, they are not facilitating successful life outcomes in the expanding reality of western people today. Voices pointing to global crisis to describe the time we are living in now, are substantiated

ECO-REBEL

indeed. Especially if we perceive the mechanism of crisis as a transition from the collectively accepted and realised, expired life model to the expanded life model (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2019).

In this analysis, we will not stay within this crisis discourse and crisis theme. We propose that the present crisis moment is a relatively short-lived phase personally and globally, an inter-phase towards a new way of life which is in the process of emerging in the Western cultural zone (FRIEDMAN; HARTELIUS, 2015). This emergence of an expanded view of life and living can be noticed not only by scholars in their research data, but by non-academic people as well; it is enough to pay attention to the following movements:

- from hierarchical, systemic and rigid education being technological systems to mass-produce working force, to the expanded educational paradigm and its new school for self-developing and self-actualising humans of all age groups (KALTWASSER et al. 2014; BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2006; ZENNER, HERRNLEBEN KURZ; WALACH, 2014).

- from allopathic medicine of the materialistic, pharmacological paradigm to the integrative and CAM (Complementary Alternative Medicine) medicine, focused on regulatory and enhancing strategies towards optimal condition of the organism;

- from massive, global production of relatively unexpensive food, which is of low nutritional value, and often toxic to the human system, to local eco-productions of organic food, not only feeding the person well, but also potentially bringing healing/regulating effects in case of an organism's de-regulation (dis-ease);

- from seeing the world as a machine, the functions of which can be easily determined by the laws of Newtonian physics, to the realisations of a multidimensional, layered life ecosystem, where we humans are nonlocally bringing to existence all sub-existing qualities, values and forms (PLOTNITSKY, 2004; BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013).

In the newparadigmatic thinking and model, '(...) living systems are creative systems capable of co-creation of themselves and the material/exformatted reality around them. On a deep level of sub-existence, subexisting living systems make choices of how they will embed themselves within chosen internal and external environments' (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013, p. 64-65). The postclassical model of reality does not offer us an already determined, delineated structure of the world as composed of atoms and molecules. On the contrary, the basal life mechanism is the mechanism of co-generation and inciting into being the notions and objects which primarily stay

ECO-REBEL

as potentials. If, according to postclassical physics, the measuring effect brings concretisation of the potential, we can assume that through our neurocognitive activity, through our thoughts and language, we continually actualise into physical being our world and ourselves. Our bodies and cognition are the measuring tools breaking down the potentialities into the ‘classical’, tangible choices; a loop of life happens here (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013; 2016). It is useful to bear in mind that humans and other living systems are by nature open systems, and as such should not be treated as the building blocks of the atomistic model of Newtonian reality (COUTO, 2014, p. 127).

When it comes to scientists and the contemporary Western scientific paradigm, the change is happening slowly. Scholars are still bound by the dominating models of reality, by the agreed upon thinking styles in academia (FLECK, 2007a; 2007b; 2007c), and by the Cartesian-Newtonian-Darwinian idea of how reality is constructed (WALACH; VON STILLFRIED, 2011), which is present in the Western sciences from the late Middle Ages, when sciences started. However latent the scientific move is towards the new, postclassical holistic paradigm, it nevertheless is happening, and ecolinguistics is a reflection of this change in the discipline of language and the communication studies. The present concise linguistic study is located within this new paradigmatic territory of modern linguistics.

It is essential to realise that ‘scientific progress is achieved not only by continuous accumulation of knowledge but also by paradigm shifts. These shifts are often necessitated by anomalous findings that cannot be incorporated in accepted models’ (WALACH; SCHMIDT, 2005, p. 52). The move currently happening in sciences is slow but steady. Scholars, the majority of them, do small steps, i.e. they decide to leave antropocentrism to include other living species into the scope of reference of consciousness as the self-awareness of existence (TREWAVAS; BALUSKA, 2011). Another example is a growing number of medical scholars who realise that organismic design and organismic processes are not linear and deterministic (WALLECZEK, 2000), which is a promising step towards acknowledging the living system being a local-nonlocal fully dynamic and holistic construct.

On the other hand, the change is slow enough to keep scientists within the (neuro)cognicetrism of the modern scientific stance, maintaining that (...) living systems are cognitive systems and living as a process is a process of cognition (ibid., p. 1221). As Chemero declares, ‘I hereby define radical embodied cognitive science as the scientific study of perception, cognition, and action as

ECO-REBEL

necessarily embodied phenomenon, using explanatory tools that do not posit mental representations. It is cognitive science without mental gymnastics' (CHEMERO, 2009, p. 29). Many active scholars find themselves with 'one foot' in the expanded 21stc. holism, where they start looking for models and data referring to consciousness, and other non-cognitive life phenomena, as they cannot and do not intend to ignore them any longer. And with 'the other foot' still in the old paradigm, in the sense that they keep looking for the epistemological motivations of the nonlocal stuff in the neurocognitive structures and processes (i.e. emergentism) and in the Newton and Darwin's material reality (TREWAVAS; BALUSKA, 2011). It is rather peculiar what is now visible in some scientific publications, i.e. in the paper by Trewavas and Baluska (2011, p. 12) utter their readiness to notice the shortcomings of their own stance; they admit that 'it is puzzling that primitive organisms that lack any kind of nervous system show sophisticated behaviours that we assume require a nervous system'. Hence, it is time to acknowledge that nonlocal life processes are not emergent on the neurocognitive or biological processes of the material aspect of life. To study the holistic architecture of life systems we seem to need the complementarity model, where the material aspects and the nonmaterial aspects of life processes are co-primary and intertwined in the architecture of Earth reality (WALACH, 2005; 2015). The two co-primary substances probably both derive from one unified whole, hence we humans and scholars notice the paradox of unity vs. individuality in our world. However, we will not develop this topic further here; partly because it is not in the focus of attention in this study; second, because sciences are at the beginning of the research now to provide some starting-point models of how the universe is structured. We need to wait for the cosmological research to progress.

Coming back to our analysis, in modern, mainstream linguistics things are slowly expanding as well: from material and cognitive forms of the technology of communication, to 'languaging' (COWLEY, 2018; THIBAUT, 2018a; 2018b), being the ecolinguistic model of human communication which places language and communication studies in-between the material paradigm (and structuralism and cognitive linguistics in it), and the holistic paradigm of local and non-local communicating /relating among living systems.

The theoretical proposal of this paper to re-define the communicational mechanism of *silence*, grounds itself theoretically on the very fringe of modern ecolinguistics, where human communication is freed from the framework of cognitivism, neuroscience, social and communicational studies of the classical model of reality. This paper starts from specifying a

shifted paradigmatic framework, where language/communication are defined as *life processes* operating in the post-classical, holistic framework. Much more is included in them than the neurocognitive aspects point out, hence we straightforwardly declare our post-classical starting-point platform (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013; 2016; 2019).

3. The ecolinguistic multimodality model of human language/communication

Almost a decade ago in our linguistic research we reflected that the mainstream (neuro) cognitivism is not spacious enough to embrace ontologically, epistemologically and methodologically all that we notice about human communication (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013). We made a paradigmatic choice to move all that we do scientifically to the expanded terrain of the 21st c. holistic paradigm (as already said here, the new paradigm is otherwise referred to as the post-Newtonian paradigm or the post-classical paradigm). What is essential, that metascientific choice does not reject the material, Newtonian reality, because in the 21st c. holism we employ inclusive thinking, rather than exclusive ‘either-or’ heuristics (WALACH, 2019: 82). The materialistic classical paradigm with the classical world model become the special case in the expanded 21c. science. Harald Walach in the Galileo Commission Report (2019. P. 82) writes that ‘this move may well have a further beneficial consequence: it will complement logical thinking with inclusive thinking, which again, are not opposites, but actually complementary pairs of one global rational approach to our world’.

So, to grasp all this together, in the postclassical paradigm a(n) (eco)linguist can work on two complementary levels:

(i) the surface level of forms;

(ii) and the deep level of underlying life processes, potentialities, values and relationships.

What needs to be highlighted, this deep level of analysis is much deeper than the way contemporary cognitive linguistics, (radical) embodied cognitive science (CHEMERO, 2009), etc. see and study it.

The basic definition of communication has it that communication involves ‘transmission and reception of any kind of information between any kind of life’ (CRYSTAL, 2007, p. 3). While mainstream linguistics still focuses on transmission of material signs in human communication. We add to the definition the nonlocal relations as well, where technically there is no transmission or reception; but a dynamic, momentary relation which allows information just to be there; be

shared, instantaneously, in the moment. In our model, we formulate the assumption that the process of communication functions as *a linking process*, a binding aspect inside and in-between living systems; also a binding aspect between the co-primary substances of reality: the material and the nonmaterial. We are plugged to all life via communication processes. The actual transcendence point, *the seam of life*, where matter meets nonmatter and the other way around, is hypothesised and researched to be located in deep intracellular structures/processes, in quantum-electric conjugations of tubulin dimers in a cell's microtubules (BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, 2013; 2016).

Hence, communication is a life process, not only a (neuro)cognitive or a social/cultural process. Communication embraces the (neuro)cognitive processes, social and cultural aspects, and the noncognitive mechanisms, grounded down the systemic organisation of the human body. In the holistic paradigm we stop being only speakers-listeners of linguistic messages; we realise that we are conscious living beings embedded in dynamic, local-nonlocal relationships with the living ecosystem around us. When we apply this inclusive type of reasoning, the process of communication stops to be a linear, external to us exchange of signs, which is managed by our (neuro)cognitive organismic systems. What we propose to be possible and what seems to be happening in human communication processes is that the communication space is *a life space*, and communicators are plugged into the rest of life which equates being immersed in the completeness of all life.

4. *Silence* as a communication tool to activate the non-cognitive communication modalities in the human communicator

In the main stream of modern humanistic research, scholars do acknowledge *silence* in interpersonal communication. It is seen and studied as a (neuro)cognitive, psychological and social phenomenon. Sabbadini (2002, p. 1093) says that *silence* is 'not just an absence (of words) but an active presence'. Mostly, linguistic and psychological research into *silence* in communication has been scrutinising this notion from the perspective of pathological processes and the psychological content it indicates or covers. Silence is studied from the following perspectives:

- as the possible indicator of inner anxiety, fear, anger or depression;
- in the Freudian psychodynamic theory, *silence* speaks about repressed experiences and erotic wishes;

ECO-REBEL

- as a way to inhibit or withdraw one's fantasies;
- as a sign of severe ego regression (LANE et al., 2002) (cf. also JAWORSKI, 1993; ZEMBYLAS; MICHAELIDES, 2004).

As a result of this strong trend in the conceptualisation of *silence* being the sign of inner pathology of some type, the Western societies hold a particular resistance and fear to *silence* as a communication mechanism. In social settings, communicators would rather exercise small talks, bubbling and chatting; going silent, or remaining in solitude in one's daily routine, are to be avoided as psychologically and personally uncomfortable and awkward. At homes uncomfortable silence is covered by a constant humming of the media from the home electronics like smart phones or personal computers with the online musical playlists. Children are raised with the idea of a constant stimulation of their intellect being welcome, while silence and consequent boredom being qualities to be avoided.

Now, we are ready to address the main point in this preliminary study, namely, that the communication mechanism of *silence* has a vital function when the ecology of communication is considered. In other words, from the theoretical stance of the post-classical, holistic paradigm, and the ecolinguistic multimodality model of communication, *silence* is not an annoying filler placed in-between the language forms linearly flowing from the sender to the receiver in an exchange of a message. Nor is it necessarily a signal of some psychological disfunction. *Silence* is an absence of formal linguistic activeness. And in a healthy, well-balanced self, it is at the same time an absence of major inner cognitive activity, which produces thoughts of various types, as outcomes. We propose that in this inner and outer absence of major mental and formal activity, the human noncognitive communication modalities can enter a person's awareness and the communication material that these modalities process; it can be noticed, acknowledged and benefitted from. We propose that in order that our multimodality communication mechanism be active and helpful, we need to silence down our cognitive communication modality. When we silence down our outer and inner talk, reduce thinking, and get some practice in 'staying in no-mind', and be comfortable in it, then we notice inner knowings coming to our awareness. Realisations, intuitions, subtle preferences and truths. These are the communicational signals from our non-cognitive communication modalities. With time and practice we notice that, actually, a lot of these inner knowings do not come from us and often do not refer to us (WALACH, 2013); they pass us through. We as communicators, are constantly and organically embedded in the communication

space being the space of life; the awareness of this mechanism seems inevitable if we want to consciously use the feedback from all the communicational modalities at work.

5. Conclusions: cognitive silence makes space for non-cognitive communicative material to enter a person's awareness

In this theoretical analysis, the communicational phenomenon of science has been defined from the expanded point of view of the post-classical model of reality. As we propose here, *silence* is a cognition-mediating phenomenon. That is, it puts to suspension most of a person's cognitive processes. If *silence* is a part of the contemplative or meditative process, then it makes it possible to move into the 'now moment', with the emphasis on the working memory, at the same time silencing the predominant activeness of the long-term memory. In the phase of cognitive silence, many cognitive processes get suspended: problem-solving, decision-making, evaluations, expectation structures, etc. These processes slow down and subsequently the person enters the cognitive pause; this is the moment that non-cognitive communication modalities become received and benefited from. We start consciously receiving messages from the multimodality communication mechanism we as humans are equipped with phylogenetically.

Now, the task of ecolinguistics being the expanded science of linguistics, is to work out the adjusted scientific method to empirically investigate this local-nonlocal pulsation of life processes. Traditional scientific method works well for local and linear processes of the forms and structures of language; while to research nonlocal, post-classical phenomena we need a new epistemological and methodological research equipment, which is one of the urgent scientific tasks still before us.

References

BERNE, E. *Dzień dobry...i co dalej?* Poznan: Rebis, 2007.

BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M. *Self-education as a strategy of life. The psycholinguistic profile of the Polish student of English.* Toruń: Wydawnictwo Adam Marszałek, 2006.

BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M. *Towards an ecology of language, communication and the mind.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2013.

BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M. *Ecolinguistics. Communication processes at the seam of life.* Frankfurt am Main: Peter Lang, 2016.

ECO-REBEL

- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M.; DROGOSZ, A. (eds.). *Towards the ecology of human communication*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2015.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M.; HAŁADEWICZ-GRZELAK, M. (eds.). 2017. *Communication as a life process. Beyond human cognition*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2017.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M.; HAŁADEWICZ-GRZELAK, M. (eds.). 2019. *Communication as a life process 2: the holistic paradigm in language sciences*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2019.
- BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M. 2019. A culture of consciousness' – towards functional educational models to implement it. In: BOGUSŁAWSKA-TAFELSKA, M.; HAŁADEWICZ – GRZELAK, M. (eds.). *Communication as a life process 2: the holistic paradigm in language sciences*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2029, p. 3-16.
- CHEMERO, A. *Radical embodied cognitive science*. London/New York: MIT Press, 2009.
- COUTO, H. H. Ecological approaches in linguistics: a historical overview. *Language Sciences*, v. 41, 2014, p. 122-128.
- COWLEY, S.J.; MAJOR, J.C.; STEFFENSEN, S.V.; DINIS, A. *Signifying bodies: biosemiosis, interaction and health*. Braga: Portuguese Catholic University, 2010.
- DAVIS, J. V.; CANTY, J. M. Ecopsychology and transpersonal psychology. *The Wiley Blackwell handbook of transpersonal psychology*. Chichester: Wiley Blackwell, 2015, p. 597–611.
- DRAGOESCU URLICA, Alina-Andreea. 2018. The Ecology of Language as an Optimal Learning Model. *Quaestus Multidisciplinary Research Journal* v. 13 (VII), 2018, p. 201-210.
- FESTER, M.T.; COWLEY, S. J. Breathing life into social presence. The case of texting between friends. *Pragmatics and Society* v. 9, n. 2. 2018, p. 274-296.
- FLECK, L. O kryzysie 'rzeczywistości'. In: WERNER, S.; ZITTLA, C.; SCHMALTZ F. (eds.). *Style myślowe i fakty*. Warszawa: Wydawnictwo IFiS PAN, 2007a [1929], p. 55-65.
- FLECK, L. O obserwacji naukowej i postrzeganiu w ogóle'. In Werner, S., Zittla, C. and F. Schmaltz (eds.). *Style myślowe i fakty*. Warszawa: Wydawnictwo IFiS PAN, 2007b [1935], p. 113- 147.
- FLECK, L. Problemy naukoznawstwa. In: WERNER, S.; ZITTLA, C.; SCHMALTZ, F. (eds.). *Style myślowe i fakty*. Warszawa: Wydawnictwo IFiS PAN, 2007 c. [1946], p. 148-162.
- FRIEDMAN, H. L.; HARTELIUS, G. (eds.). *The Wiley Blackwell Handbook of transpersonal psychology*. Chichester: Wiley Blackwell, 2015.

ECO-REBEL

- JAWORSKI, A. *The power of silence. Social and pragmatic perspectives*. London: Sage Publications. 1993
- KIVERSTEIN, J. 2012. The meaning of embodiment'. In: *Topics in Cognitive Science*, v. 4, n. 4, p. 740-58. doi: 10.1111/j.1756-8765.2012.01219.x
- KALTWASSER, V.; SAUER, S.; KOHLS, N. Mindfulness in German schools (MISCHO): a specifically tailored training program: concept, implementation and empirical results. In: S. SCHMIDT, S.; WALACH, H. (eds.). *Meditation-neuroscientific approaches and philosophical implications*. Dordrecht: Springer, p. 381–404.
- LANE, R. C.; KOETTING, M.G.; BISHOP, J. 2002. 'Silence as communication in psychodynamic psychotherapy'. *Clinical Psychology Review* v. 22, 2002, p. 1091-1104.
- PLOTNITSKY, A. The unthinkable: nonclassical theory, the unconscious mind and the quantum brain'. In: GLOBUS, G. G.; PRIBRAM, K. H.; VITIELLO, G. (eds.). *Brain and being. At the boundary between science, philosophy, language and arts*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's, 2004, p. 29–45.
- STEFFENSEN, S.V. 2015. Distributed language and dialogism: notes on non-locality, sense-making and interactivity. *Language Sciences*. <http://dx.doi.org/10.1016/j.langsci.2015.01.004>
- THIBAUT, P. J. 2018a. Integrating self, voice, experience: Some thoughts on Harris's idea of self communication and its relevance to a dialogical account of languaging. *Language and Dialogue* v. 8, n. 1, p. 159-179. Special issue, *Integrating Dialogue*, (Adrian Pablé & Razvan Saftoiu, Eds.). doi.org/10.1075/Id.00010.thi
- THIBAUT, P. J. 2018b. Simplex selves, functional synergies, and selving: Languaging in a complex world. *Language Sciences* 71, 2018b, p. 49-67, <https://doi.org/10.1016/j.langsci.2018.03.002>
- TREWAVAS, A.J.; BALUSKA, F. 2011. The ubiquity of consciousness. The ubiquity of consciousness, cognition and intelligence in life. *European Molecular Biology Organisation Reports*, v. 12, n. 12, 2011, p. 1221-1225. doi:10.1038/embor.2011.218
- VITIELLO, G. 2001. *My double mind*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- VON BERTALANFFY, L. *General systems theory*. New York: George Braziller, 1968.
- WALACH, H. 2005. 'The complementary model of brain–body relationship'. *Medical Hypotheses*, v. 65, 2005, p. 380–388.
- WALACH, H.; STILLFRIED, N. von. 2011. Generalised Quantum Theory – Basic Idea and General Intuition: a Background Story and Overview. *Axiomathes* v. 21, 2011, p. 185-209.
- WALACH, H.; SCHMIDT, S. Repairing Plato's Life Boat with Ockham's Razor. *Journal of Consciousness Studies* v. 12, n. 2, 2005, p. 52–70.

ECO-REBEL

WALACH, H. Generalised Quantum Theory – A new approach for communication?. Plenary lecture at Olsztyn Linguistic Conference. Olsztyn: University of Warmia and Mazury, 2013.

WALACH, H. Criticisms of transpersonal psychology and beyond – the future of transpersonal psychology: A science of culture and consciousness. *The Wiley Blackwell Handbook of transpersonal psychology*. Chichester: Wiley Blackwell, 2015, p. 62–87.

WALACH, H.; VON LUCADOU, W.; RÖMER, H. Parapsychological phenomena as examples of Generalized Nonlocal Correlations—a theoretical framework. *Journal of Scientific Exploration*, v. 28, n. 4, 2014, p. 605-631.

WALACH, H. *Galileo Commission Report*. Harald Walach on the behalf of the Scientific and Medical Network (UK) <https://www.galileocommission.org/report>, 2019.

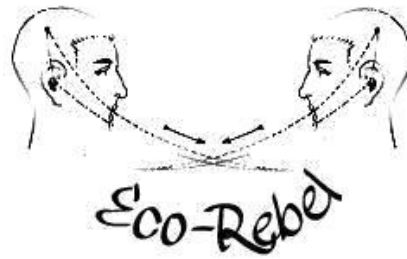
ZENNER, Ch.; HERRNLEBEN-KURZ, S.; WALACH, H. Mindfulness based interventions in schools - a systematic review and meta analysis. *Frontiers in Psychology*, 2024, <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2014.00603>

WALLECZEK, J. *Self-organized biological dynamics and nonlinear control*. New York/ Cambridge: CUP, 2000.

ZEMBYLAS, M.; Michaelides, P. The sound of silence in pedagogy. *Educational Theory*. Wiley Online Library, 2004. <https://doi.org/10.1111/j.1741-5446.2004.00014.x>

Aceito em 30/04/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



CORONAVÍRUS, IDEOLOGIAS E ANÁLISE DO DISCURSO ECOSSISTÊMICA

Márcio M. G. Silva (*Pesquisador independente, linguista, tradutor e ambientalista*)

Abstract: The objective of this article is to comment on the discussion on the coronavirus pandemic. It shows that this discussion is heavily marked by political ideology, especially on the side of the Brazilian president and followers, in contradiction to what scientists show. It also shows that Ecosystemic Discourse Analysis is a good framework for the analysis of the two opposing discourses: it presents itself as a third alternative, a holistic one, free from right and left radicalisms.

Key-words: Discourses on Coronavirus; Polarization; Ecosystemic Discourse Analysis; Third Way Out.

Resumo: O objetivo deste artigo é comentar a discussão que tem havido em torno da pandemia do coronavírus. Mostra que essa discussão está prenhe de carga ideológica, sobretudo por parte do atual presidente do Brasil e seguidores, contrariamente ao que diz a ciência. Mostra ainda que a Análise do Discurso Ecosystemica é um bom arcabouço teórico para se analisarem as duas posições bem como para apresentar uma solução holística, não radical.

Palavras-chave: Discursos sobre Coronavírus; Polarização; Análise do Discurso Ecosystemica; Terceira Via.

1. Introdução

O objetivo deste artigo é analisar criticamente dois dos principais discursos mais recorrentes no Brasil sobre a questão do coronavírus (Sars-CoV-2, covid-19), usando o arcabouço teórico da Análise do Discurso Ecosystemica (ADE). Veremos que há um discurso liderado pelo ex-capitão do Exército Jair Messias Bolsonaro, de extrema direita, radical e fundamentalista, contraposto ao da ciência, da OMS, do Ministério da Saúde e da esmagadora maioria da população. Podemos

ECO-REBEL

chamar isso de polarização “saúde *versus* economia”. Argumentarei no sentido de que as categorias da ADE podem oferecer um princípio a seguir diante dessa polaridade, entre elas, a herança que ela tem da Ecologia Profunda, de Arne Naess, e do Taoísmo. Aliás, o discurso do ex-capitão se contrapõe a um outro discurso (político) radical, o do PT, quase tão fundamentalista quanto o seu.

Gostaria de começar explicando como e porque cheguei à Ecolinguística e à ADE. Eu conheci Hildo Honório do Couto no clube do SESC no início da década de 1960, em Venda Nova, Minas Gerais, onde todo fim de semana nadávamos na piscina, praticávamos esporte, fazíamos acrobacia e, depois do almoço, dançávamos no clube, às vezes fazendo molecagens sobre quem estava dançando (comentando algum defeito físico que alguém tivesse). Depois disso, cada um tomou seu destino. Só fui retomar o contato com ele depois de aposentado, por volta de 2010, após procurar por seu nome na internet. Descobri que ele tem uma vasta produção na área da Crioulística e na da Ecolinguística. Como sou linguista e ambientalista, me interessei logo pela segunda. Na verdade, eu trabalhei muitos anos como professor de Linguística e como tradutor. Comprei o livro de Couto (2007) e fiquei encantado com seu conteúdo. Ele apresenta sugestões de como estudar diversos fenômenos da linguagem tomando a Ecologia como ponto de partida. Eu li o livro de ponta a ponta e fiquei admirado com a abrangência dos conteúdos abordados, sempre de uma forma inovadora.

Durante e após a leitura do livro, li diversos artigos disponíveis no *blog*¹ do Hildo e na revista *ECO-REBEL*². Das trocas de *email* que tivemos nesse ínterim, descobri a grande antologia Couto; Couto; Araújo; Albuquerque (2016). Vi que no Brasil há um dinâmico movimento ecolinguístico, que comecei a seguir daqui dos Estados Unidos. O Hildo me convidou a voltar a atuar, desta vez na Ecolinguística, desafio que aceitei de bom grado. Minha primeira participação foi a tradução do texto de Tove Skutnabb-Kangas “Linguistic human rights in education for language maintenance” (Direitos humanos linguísticos na educação para a manutenção da língua), publicado em *ECO-REBEL* v. 5, n. 2, 2019. No ano seguinte, saíram mais uma tradução e uma resenha minhas. A tradução é do texto de Alexander Kravchenko “Reassessing the project of linguistics” (Reverendo o projeto da linguística) e a resenha é do livro de Daniel Everett (2019), *Linguagem: a história da maior invenção da humanidade*, ambos publicados em *ECO-REBEL* v. 6, n. 1, 2020. De tudo que os brasileiros intitulam Linguística Ecolinguística, o que mais me agradou foi a Análise do Discurso Ecolinguística (ADE). Por orientação do Hildo, comecei lendo o texto em que

ela foi inicialmente proposta (COUTO, 2013), texto que foi apresentado sob forma revista e ampliada em Couto (2014) e, posteriormente, numa outra versão juntamente com Elza do Couto em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015, e na antologia no ano seguinte. Acabo de receber (abril de 2020) um texto inédito sobre ADE em inglês³ (EDA nessa língua), que o Hildo me enviou. Percebi que apesar de ela ter mudado de nome duas vezes⁴, o conteúdo se manteve exatamente o mesmo, apenas com alguns ajustes, normais em qualquer disciplina científica viva.

2. Linguística Ecosistêmica e Análise do Discurso Ecosistêmica

Inicialmente eu não entendia por que se dizia que a ADE era parte da Linguística Ecosistêmica (LE), com o que todos conceitos e categorias desta poderiam ser usados na análise de discursos pelo viés daquela. Isso significa que a ADE seria desnecessária, pois tudo poderia ser feito diretamente pela LE. Mais, se a ADE é parte da LE, como pode ter seus conceitos específicos? Depois que o Hildo me enviou um trabalho em *Power Point* que apresentou em um evento de Ecolinguística no exterior, comecei a entender a questão. Os chamados ‘conceitos específicos da ADE’ são, na verdade, conceitos não visíveis “a olho nu” pela LE porque são microscópicos, como o coronavírus, ou qualquer vírus. Isto está representado na figura 1 e nos comentários a ela feitos logo abaixo.

Vi que quando o linguista ecosistêmico deseja analisar um discurso da perspectiva da ADE, que é a da visão ecológica do mundo (VEM), precisa usar um “microscópio” e focalizar em detalhes microscópicos, inclusive usando o método da focalização (*focussing method*) proposto por Garner (2004). Uma vez que a LE vê três dimensões na língua (natural, mental, social), a ADE parte justamente da dimensão biológica/natural dos seres vivos, não apenas dos humanos. É aí que se desenrola o drama da vida. Os organismos nascem, vivem, sofrem alguns sofrimentos normais da vida, têm momentos de alegria e, finalmente, morrem.

Diante do exposto, e contrariamente ao que fazem as análises do discurso tradicionais, que enfatizam questões de ideologia (política) e relações de poder, a ADE põe a ênfase em duas coisas fundamentais no presente contexto:

- 1) defesa da vida:
- 2) essa defesa inclui luta uma contra o sofrimento evitável.

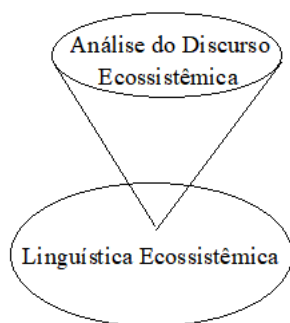
Deve ser ressaltado que ela defende a vida de todos os seres vivos e não apenas a dos humanos, em consonância com os princípios da Ecologia Profunda. Essa defesa inclui a luta contra o

ECO-REBEL

sofrimento evitável, pois, como sabemos, há sofrimentos inevitáveis. Por exemplo, a dor existe para que os seres vivos evitem a mutilação de seus corpos e defendam a sua integridade. É importante notar que vida aqui é a vida biológica, que qualquer leigo sabe o que é. Não é necessária nenhuma especulação filosófica para se saber o que são vida e sofrimento/dor.

É bem verdade que sofrimento pode se dar não apenas no nível natural, mas também no mental e no social. No nível físico-natural, podemos mencionar espancamentos, ferimentos, torturas físicas e assassinatos, casos em que coincidiria com dor (física); no mental, tortura psicológica e, no social, a desmoralização de alguém perante a comunidade a que pertence, entre inúmeros outros tipos de agressão e os consequentes sofrimento e dor. No entanto, a ADE reconhece graus de sofrimento e dor. Assim, um beliscão, por exemplo, não é tão ofensivo quanto uma tortura psicológica ou a difamação ou um assédio moral no ambiente de trabalho.

Quando o investigador está praticando Linguística Ecológica, trabalha com os ecossistemas linguísticos natural, mental e social, inclusos no ecossistema integral da língua. Isso é feito por assim dizer de uma perspectiva macroscópica, aquela que enfatiza as categorias mais gerais de cada um, tais como: L_1 , P_1 e T_1 no natural; L_2 , P_2 e T_2 no mental; L_3 , P_3 e T_3 no social. Estudam-se as diversas interações (e esse termo deve ser enfaticamente ressaltado) que se dão no interior de cada um desses ecossistemas, como, por exemplo, entre os membros de P entre si ou deles com T , no caso, os diversos tipos de L , P e T^5 . Nesse nível, as categorias centrais da ADE vistas acima (defesa da vida, luta contra o sofrimento evitável etc.) não são visíveis. É preciso ampliá-las, como o Hildo sugeriu na palestra supra, e como se pode ver no gráfico a seguir.



Visualização da ADE no interior da LE

Fig. 1

A figura 1 mostra que um pequeno ponto no interior da LE pode ser ampliado, como quando se faz *zoom* com uma câmera de alta precisão, ou mediante o uso de um microscópio. Nesse momento

ECO-REBEL

é possível ver as categorias microscópicas específicas da ADE. Acima já foram mencionadas duas delas, mas há várias outras. Entre elas pode-se aduzir:

- 3) abordar as questões pelo lado positivo, não pelo negativo, enfatizando a harmonia e a comunhão⁶;
- 4) recomendação para intervir em defesa da vida e lutar contra o sofrimento evitável (a prescrição da Ecologia Profunda)⁷;
- 5) maior valorização do conteúdo do que da forma etc.

Adicionalmente, a ADE foi influenciada por várias ideias harmonizadoras já existentes.

Além da Ecologia Profunda de Arne Naess, temos o exemplo de vida de Mahatma Gandhi, a Análise do Discurso Positiva (MARTIN, 2004), a visão ecológica de mundo (CAPRA, 1991; FINKE, 2001) e os conceitos da própria Ecologia.

Nas seções seguintes do artigo isso ficará mais claro. Nos artigos e livros elencados nas Referências encontram-se muitos argumentos a mais que esclarecem a questão.

3.Ideologia

O ex-capitão assumiu o poder no Brasil apregoando que instauraria um modo diferente de governar, livre da ideologia radical da esquerda petista, que favorecia ditadores e semiditadores subdesenvolvidos às vezes em detrimento de relações internacionais muito mais vantajosas para o Brasil. Essa administração petista teria introduzido um nível de corrupção nunca antes visto neste país (parafrazeando o ex-presidente Lula), talvez nem durante a ditadura militar, que também era especialista em corrupção, aliada à impunidade (*sabe com quem está falando?*). O atual presidente é aposentado do Exército como capitão, onde não conseguiu nenhuma grande realização, antes pelo contrário⁸. No entanto, este desvairado ex-capitão introduziu uma ideologia tão ou mais radical do que a petista, uma ideologia de extrema direita, reacionária, obscurantista, idiossincrática e fundamentalista. Ele segue uma ideologia muito parecida com a das ditaduras comunistas, *malgré lui*, pois, para esse ex-capitão e asseclas, o comunismo é algo diabólico que deve ser extirpado, seus seguidores deveriam ser executados a porretada para não gastar balas.

Pois bem, é nesse clima político-ideológico e beligerante que irrompeu a pandemia do coronavírus (covid-19). O petismo está numa posição privilegiada nesse caso, pois é oposição, o estilingue, não a vidraça, para usar um jargão corrente durante a ditadura militar. Diante de uma situação

ECO-REBEL

como esta, é importante discutir a questão das ideologias em geral, antes de entrar no embate entre elas no Brasil atual.

Em Couto; Couto; Borges (2015, p. 65-79) há um capítulo dedicado à questão da ideologia em geral. Logo na segunda página do capítulo, os autores nos dizem que há

[...] duas concepções originais de ideologia, ou seja, a de Tracy, que a vê como “ciência das ideias”, e a de Napoleão, para quem ela é abstração da realidade, pura especulação, claramente uma concepção negativa. Esta última é retomada por Marx em *Ideologia alemã*, escrita em parceria com Engels (em 1846 e publicada em 1932 em Moscou), no sentido de ilusão.

Pois bem, embora o termo ainda seja usado no sentido de “ciência das ideias”, ou de “conjunto de ideias” de determinado grupo, o que prevalece é o sentido negativo. No mesmo lugar os autores acrescentam que para o sociólogo Michael Löwy, trata-se de uma “concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real”, o que vem a calhar muito bem no *modus operandi* do ex-capitão, de novo, *malgré lui*.

No Brasil atual há uma polarização ideológica no segundo sentido de ideologia. De um lado temos a extrema esquerda, representada sobretudo pelo PT e seu líder máximo Luís Inácio Lula da Silva, o lulopetismo; de outro, uma extrema direita, capitaneada por Jair Messias Bolsonaro e seguido por uma pequena parcela da população insatisfeita com a grande corrupção que se viu durante o governo anterior do PT que, aliás, se considerava um paladino da moralidade antes de chegar ao poder. Esse presidente-capitão alegava durante a campanha política que inauguraria uma nova maneira de governar, livre de ideologias (de esquerda, é claro). No entanto, o que ele fez foi introduzir um modo de governar inteiramente guiado por uma ideologia de extrema direita, fundamentalista. O que é pior, tentando nomear um filho como embaixador do Brasil em Washington, por que “ele fala bem inglês”, com o que um imigrante brasileiro ilegal nos EUA também poderia ser embaixador, contanto que tenha aprendido o inglês muito bem. Aliás, o ex-capitão tem uma subserviência tão grande aos Estados Unidos que chegou a menosprezar as relações com a grande potência mundial que é a China. Tentou mudar a embaixada brasileira em Israel para Jerusalém, para agradar a Donald Trump, com o que angariaria a ira dos povos árabes. Tudo isso gratuitamente, devido apenas a uma ideologia vesga.

O ex-capitão se considera um “messias”, talvez devido ao fato de a palavra aparecer em seu nome. Ele se vê como um salvador da pátria que as esquerdas não deixam governar como gostaria. No entanto, ele é herdeiro da ditadura, que acha que foi muito suave. Para ele, “o erro da ditadura foi

ECO-REBEL

torturar e não matar” e “Pinochet devia ter matado mais gente”. Disse também que “gastaram muito chumbo com o Lamarca. Ele devia ter sido morto a coronhadas”. Teve a desfaçatez de homenagear um dos maiores torturadores da ditadura militar⁹, Carlos Alberto Brilhante Ustra, no momento de votar pela cassação de Dilma Rousseff. Eu poderia continuar desfilando pensamentos escatológicos do desvairado ex-capitão *ad infinitum*, mas isso basta por enquanto, pois se disser tudo, fará muita gente ter vontade de vomitar.

Além de perfilhar uma ideologia militarista e beligerante radicalmente fundamentalista, este ex-capitão é racista, homofóbico, machista entre outras desqualidades. Suas ideias fariam inveja a Adolf Hitler, a Benito Mussolini, ao Estado Islâmico e até a Nero (um jornal europeu o chamou de BolsoNero, mas já houve quem o chamasse de Boçalnaro). Ele tem um ego inflado, é voluntarista, primitivo, prepotente, truculento e tem um discurso de confronto, de beligerância, agressividade e violência (não é à toa que defendeu um torturador). Alguns críticos disseram que ele não precisa de inimigos; ele os faz a todo momento, ajudado pelos três filhos e o Gabinete do Ódio enxertado no Palácio do Planalto, dirigido por um deles. Aliás, ele tem um quarto filho (o O4) que já pôs as manguinhas de fora menosprezando a gravidade da covid-19 e se considerando um garanhão. Um amigo me disse que Bolsonaro não tem postura nem compostura para ser presidente.

Em linguagem popular, ele “se acha”, mas esquece que foi eleito devido apenas a fatos negativos. Primeiro, o descontentamento com o governo corrupto do PT, motivo pelo qual, fora a minoria que o segue cegamente, a maioria dos eleitores não votou nele, mas contra o PT. Segundo, a facada que levou durante a campanha fez dele uma figura vitimizada, levando muitos brasileiros a votarem nele pelo sentimentalismo. Terceiro, o fato de não ter ido às diversas sessões de debate entre os candidatos na televisão. Se tivesse ido, provavelmente não teria sido eleito, pois ele não sabe debater, dialogar; ele só sabe impor suas ideias, usando o argumento da força. Intelectualmente ele é muito limitado. Nas saidinhas do Palácio da Alvorada, ele faz gracinhas para os adoradores de são bolsonaro, mas, quando algum repórter faz uma pergunta incômoda, ele responde de maneira irônica, com grosseria e muita agressividade, vira as costas e vai embora. Quando alguém perguntou por um ex-assessor de seu filho acusado de corrupção (o famoso Queiroz) quando deputado no Rio de Janeiro, ele respondeu: “Tá com sua mãe!”

Vindo agora para algo mais saudável, notamos que essa ideologia radical faz parte de algo maior, a visão ocidental de mundo (VEM), segundo a qual conceitos polares como *bom/ruim*, *alto/baixo*,

ECO-REBEL

largo/estrito, escuro/claro e longe/perto são antagônicos: é um ou o outro, *tertium non datur*. Na visão oriental, como a do Taoísmo, os dois polos fazem parte de um todo, pois se articulam ao longo do mesmo eixo. Esta é também a posição da VEM, defendida por Fritjof Capra e muito bem praticada pelo filósofo norueguês Arne Naess em sua *Ecologia Profunda*. Para essas cosmovisões, os termos polares não devem ser separados mediante uma barra (/), mas unidos por um hífen (-), que junta duas palavras diferentes para formar um composto (como *menino-prodígio*), um todo; ele funciona como uma ponte, com o que teríamos *bom-ruim, alto-baixo, largo-estrito, escuro-claro e longe-perto*. As duas cosmovisões estão expostas na figura 2.

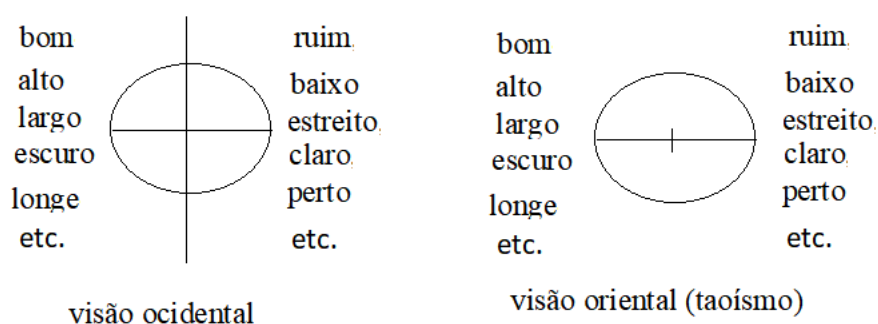


Fig. 2

A parte esquerda da figura mostra a visão ocidental de mundo, cujos começos recuam ao masdeísmo de Zoroastro ou Zaratustra, de acordo com o qual existe “o princípio do bem (*ormuzd*) e o princípio do mal (*ahriman*), que entre si disputam o império das coisas, e cuja luta sem tréguas constitui a história do mundo” (MARITAIN, 1959, p. 21). Esse princípio é seguido pelo ex-capitão, sem ter a menor ideia de quem seja Zoroastro. De acordo com essa visão, há uma linha divisória vertical (|) entre o que está à esquerda do círculo (bom) e o que está à direita (ruim). Mas, como se pode ver no círculo da parte direita da figura, na verdade os conceitos da esquerda e os respectivos da direita se complementam. Eles se articulam ao longo do mesmo eixo para formar o diâmetro da circunferência, da qual ambos fazem parte. Esta ideia de complementaridade mútua de conceitos polares está muito bem expressa no *Tao te ching*, de Lao Tzu, que diz:

Só temos consciência do *belo*
Quando conhecemos o *feio*
Só temos consciência do *bom*
Quando conhecemos o *mau*.
(*apud* Couto, 2012, p. 150)

ECO-REBEL

As ideologias partidárias, religiosas e outras que separam, segmentam podem levar a conflitos. No caso da ideologia partidária, isso pode se dar porque, como a própria palavra já indica, partido parte, divide, segmenta. Quanto às ideologias religiosas, quantas guerras não aconteceram ao longo da história em nome delas! Uma das últimas foi feita pelo Estado Islâmico, uma das mais bárbaras que já vimos nos últimos tempos. Por isso, os sábios orientais preferem a harmonização, a visão da realidade de uma perspectiva holística, que não ignora nenhum de seus lados, não os põe em conflito, em confronto. Em vez disso, essa ideologia (no bom sentido) põe-nos a se juntarem para formar o todo.

4. Dois discursos sobre o coronavírus no Brasil

No momento em que estou escrevendo este artigo (abril/2020) há uma polarização de discursos no Brasil, no que tange ao enfrentamento do terrível coronavírus. No lado esquerdo de cada um dos círculos da figura 3, temos o discurso da saúde e da vida; no lado direito, da economia e do emprego. Abaixo de cada um dos círculos temos os representantes dos dois discursos: o da ciência, da OMS e do Ministério da Saúde (abaixo do círculo da direita) e o do bolsonarismo (abaixo do círculo da esquerda).

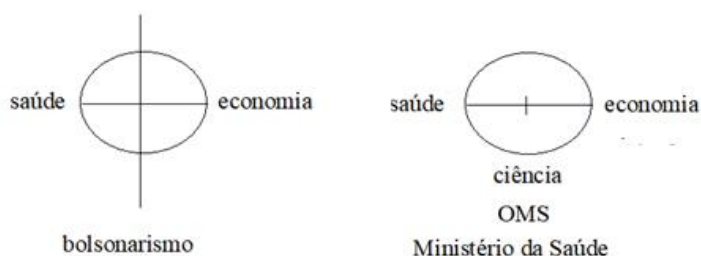


Fig. 3

O ex-capitão e seguidores são contra o isolamento social, pois isso pode prejudicar a economia, levando ao desemprego e à falência de muitas empresas. Não se deve impedir a economia de funcionar a pleno vapor, o que, aliás, não deixa de ser verdadeiro. O problema é que, para essa ideologia radical e fundamentalista, a vida e a saúde estão de um lado, ao passo que a economia e o emprego estão do outro lado, separadas por uma barra vertical. A figura do lado direito, por outro seu turno, mostra que saúde e economia devem ser vistas como um todo, deve-se olhar para as duas ao mesmo tempo, não separadas e opostas antagonicamente uma à outra. Elas são como as

ECO-REBEL

duas faces da mesma moeda. No caso, o fundamentalismo bolsonarista se posta no lado “economia”. Vida e saúde a gente vê depois, miopia que poderá ter consequências catastróficas, pois, adotando-a, poderá não haver pessoas vivas para ter empregos e mover a economia.

Em princípio, podemos procurar por soluções partindo de um lado ou do outro, como mostrado mais especificamente pelas duas setas horizontais da figura 4. Diante da presença do coronavírus, se as autoridades adotarem a estratégia de começar pelo lado direito (economia, emprego), mesmo que tenham a intenção de ir na direção do lado esquerdo (saúde, vida), pode até ser que consigam manter lojas abertas e empregos por algum tempo. Porém, as aglomerações de pessoas que isso implica poderão, a médio e talvez a curto prazo, levar à morte de muita gente. O resultado acabaria sendo semelhante a deixar a pessoa morrer para que ela não perca o emprego. Mas, como alguém no Brasil disse, o ex-capitão prefere correr o risco de ter que contar cadáveres, como ocorreu em Bérghamo, na Itália, ao de ter que contar desempregados.

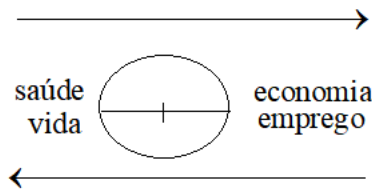


Fig. 4

Se partirmos do lado esquerdo da figura 4 (vida, saúde) podemos evitar que muita gente morra acometida pelo vírus. Estando vivas, as pessoas podem começar a procurar pelo que perderam durante o período de confinamento. Enfim, será possível lutar para recompor a economia e gerar empregos. Partindo da direita e separando os dois polos como na parte esquerda da figura 3, e como quer o ex-capitão, o vírus pode se disseminar de modo descontrolado e dizimar a população, com o que não haveria ninguém para ter emprego e mover a economia. Ao partir do lado esquerdo (saúde, vida) não se ignora o outro, com o que se tem uma visão holística do objeto, incluindo os dois lados.

Uma pesquisa feita recentemente sobre a gripe espanhola nos Estados Unidos (1918-1920) mostrou que os estados que aplicaram o isolamento social com mais intensidade foram justamente os que começaram a se recuperar mais rápido economicamente. Como sabemos, a gripe espanhola (causada pelo influenzavirus H1N1) afetou um terço da humanidade e matou mais de 20 milhões

ECO-REBEL

de pessoas no mundo. Isso ocorreu em parte porque naquela época não se tinha consciência da importância do isolamento social, das quarentenas.

O linguista e estudioso de política internacional Noam Chomsky usa as metáforas do “problema de Platão” e do “problema de Orwell”. O “problema de Platão” fala do fato de diante de poucas evidências adquirirmos muito conhecimento. O problema de Orwell se refere à situação oposta, aquela em que sabemos muito pouco diante de muita evidência (CHOMSKY, 1986, p. xxv). A posição do bolsonarismo com sua miopia ideológico-fundamentalista se equipara ao problema de Orwell. A ciência, a OMS e o Ministério da Saúde apresentam inúmeros fatos e argumentos sobre o perigo das aglomerações para a irradiação do vírus, mas o ex-capitão e seguidores ignoram tudo isso. Há muitas evidências em prol de um isolamento social, mas eles não as veem; para eles trata-se de intriga da oposição ou, então, os outros, ou seja, Lula e seguidores, fariam o mesmo.

Para o ex-capitão não bastam as evidências empíricas da Itália, dos Estados Unidos, de nosso vizinho Equador e até dos estados do Norte e do Nordeste que impuseram o *lockdown*, devido ao fato de o sistema de saúde ter começado a entrar em colapso; sequer a evidência científica o convence. Em sua opinião, dever-se-ia tomar decisões com base no que ele acha, pois quem manda é ele. Essas evidências não valem para o Brasil. Trata-se de uma “gripezinha”, que devemos encarar como “homem” (macho), não como “moleque”. Talvez ele pense que por ter um pênis, não uma vagina, está imune ao vírus. Além do mais, como ele disse, "pelo meu histórico de atleta, se eu pegasse o Coronavírus ficaria bem".

Diferentemente de outros seres vivos microscópicos, como as bactérias, o vírus é um parasita das células dos organismos. Por ser invisível a olho nu, o ex-capitão provavelmente acha que ele não existe, pois não consegue vê-lo. O que é pior, como disse o filósofo Luiz Felipe Pondé em um programa de televisão, a polarização política brasileira (direita x esquerda) foi transferida para o debate sobre a covid-19: “Se você é a favor da cloroquina é da direita; se é contra, é de esquerda. Na China é apenas uma questão científica: manda-se ficar em casa, fica-se em casa, não há debates políticos”. Ainda segundo ele, a democracia tem efeitos colaterais. Dois deles foram o governo corrupto do PT e o desgoverno do desatinado ex-capitão.

No momento em que estou escrevendo este texto (abril de 2020), fiquei sabendo que o ex-capitão desrespeitou as recomendações da OMS, do seu Ministério da Saúde e dos cientistas em geral de manter o “isolamento social” pela terceira vez nos últimos tempos, ao abraçar pessoas, tirar *selfies* etc. No dia seguinte, ele provocou novo aglomerado de pessoas num canteiro de obras, arrancou a

ECO-REBEL

máscara no meio da multidão, tirou *selfies* com seguidores, abraçou pessoas, alguém beijou sua mão..... Parece que está desafiando o que recomenda a razão a fim de criar um caos e poder fazer o que no fundo quer: implantar uma ditadura militar, como indica seu incondicional apoio à que o Brasil viveu por mais de 20 anos (grande parte dos postos em seu governo está ocupada por militares). Um pouco antes de assumir o poder, um de seus filhos disse que “bastam um soldado e um cabo para fechar STF”, um dos pilares e baluartes da democracia. Parece que a família Bolsonaro e seu Gabinete do Ódio não perceberam que o Brasil não quer mais saber de ditadura militar, diante do saudosismo que sentem por ela, pois só ela se coaduna com seu discurso autoritário, de violência.

O ex-capitão chegou a dizer: “Tem que haver contaminação total”. Mesmo que seja por brincadeira uma asserção tão irresponsável como esta é uma atitude altamente desvairada, criminosa, de crime contra a saúde pública. Aliás, sua irresponsabilidade não tem limites. Mais de um comentarista político da mídia o chamaram de delinquente e criminoso. Teve um que chegou a chamá-lo de psicopata. Outro disse que ele é um imbecil, uma toupeira (não se trata de pessoas comuns, mas de comentaristas políticos, com larga visão do que vai pelo mundo). O seu desatino chega a tal ponto que poderíamos evocar a famosa frase de Cícero sobre o conspirador romano Catilina: *Quo usque tandem Catilina, abutere patientia nostra?* (até quando, Catilina, abusarás de nossa paciência?)

5. Uma terceira via

Existe uma terceira via para contornar as duas polarizações supra (direita *versus* esquerda, ecologia/saúde *versus* economia/emprego) ou *tertium non datur* (não há uma terceira via)? Na verdade, essa terceira via já foi sugerida acima, como se pode ver nos comentários sobre as figuras de 2 a 4. Mais especificamente, esse modo alternativo de se olhar para a questão é justamente o da Análise do Discurso Ecológico. Em qualquer situação, seja ela qual for, ela enfatiza o lado da defesa da vida, considerando os seguidores das duas ideologias como seres vivos. Afinal, para se fazer qualquer coisa, para se tomar qualquer iniciativa, para o simples locomover-se, é necessário estar vivo. Economia e emprego se discutem depois.

Por ser influenciada pelas filosofias orientais (como o Taoísmo), a ADE segue o princípio de que *todos os fatos têm três versões: a sua, a minha e a verdadeira*. Na própria tradição greco-latina se dizia que *veritas in medio est* (a verdade está no meio). No caso específico em questão, o problema

ECO-REBEL

da covid-19, ela segue o que já ficou demonstrado a propósito da figura 4. Tanto “ecologia/saúde” quanto “economia/emprego” devem ser levadas em consideração. Mas, em vez de olhar para elas como estando antagonicamente em oposição uma à outra, ou seja, em vez de se pensar que é necessário se debruçar apenas sobre um dos lados, a ADE adota a terceira via, encarando o todo “ecologia/saúde + economia/emprego”, numa visão holística, a perspectiva *c* da figura 5.

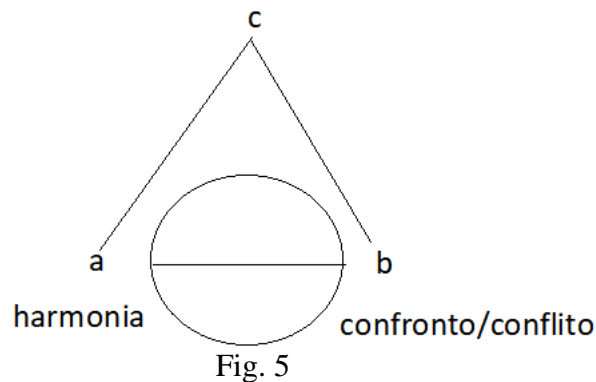


Fig. 5

Quem se posta no lugar *b* se considera detentor da verdade, da justiça, do que é certo e justo. Os do outro lado, para eles estão os inimigos, “eles”, que estão contra “nós”, logo, devem ser combatidos, vencidos e, no limite, eliminados, mesmo que seja pela violência.

A postura da ADE e do Taoísmo consiste em postar-se na posição *c*, a partir da qual se tem uma visão do todo (*a*, *b*), embora enfatizando o lado *a*. Procura trazer os do lado *b* para o seu lado (*a*). No caso em tela, a ADE enfatiza o lado “ecologia/saúde” (*a*), mas tenta conciliá-lo com o lado “economia/emprego” (*b*). O ideal seria levar os dois lados em conta ao mesmo tempo, na medida do possível. Porém, como isso não é viável, ela enfatiza o lado da “ecologia/saúde”, mas, de vez em quando dá uma olhada no outro lado, a fim de verificar se é possível atendê-lo provisoriamente pelo menos em parte. Os que se postam no lado *b* e ficam só nele, os radicais, fundamentalistas não fazem isso. Levam sua ideologia literalmente a ferro e fogo.

6. Observações finais

Vimos que o ex-capitão alega que o governo anterior se guiava pela ideologia (de esquerda), mas ele inauguraria uma nova maneira de governar, como todo tiranete de plantão diz que vai fazer. No entanto, o que se vê é ele tentando implantar uma ideologia fundamentalista, militarista e beligerante de direita, tão radical e fundamentalista como a que condena, talvez até mais do que ela. Ambas são como religiões: de um lado, a “religião petista”, com seu “deus” (Lula), seus

ECO-REBEL

“santos”, “anjos” e “arcanjos”; de outro a “religião bolsonarista”, com seu “deus” (Bolsonaro), seus “santos”, “anjos” e “arcanjos”.

A beligerância dos dois lados tem levado a agressões físicas de partidários das duas “religiões” na rua e até em família. Agridem-se repórteres que estão transmitindo matérias ao vivo (apenas porque são de um órgão de imprensa de que o ex-capitão não gosta), pessoas na rua se engalfinham na defesa de suas respectivas “crenças”, enfim, estamos vivendo como que em uma barbárie (o grande jornal francês *Le figaro* já disse isso). Cada devoto de uma das “religiões” acha que está no lado certo, unguido pela graça do seu “deus”. O outro está errado, portanto, se não se converter deve ser eliminado. Infelizmente, esse tipo de confronto foi transferido para o tratamento dado à covid-19.

Diferentemente do que acontece em situações normais, cada presidente que assume o poder no Brasil faz *tabula rasa* do que o anterior vinha fazendo e começa tudo do zero, de modo que a nossa história anda em círculo, no caso, um círculo vicioso. Não se dá continuidade a uma obra iniciada pelo antecessor, com o que ela começa a se degradar, desperdiçando o dinheiro do contribuinte. Mas, em vez de se punir diretamente o administrador que assim procede, pune-se o povo do município em questão, suspendendo as verbas que deveria receber.

Infelizmente, essa intolerância fundamentalista existe em outros domínios, como o das torcidas organizadas de futebol. Se vejo alguém com uma camisa do time “adversário”, ou se alguém desse time está próximo de mim logo após uma partida, devo agredi-lo, espancá-lo e até matá-lo. O pior é que o agressor sequer conhece quem está agredindo. É uma violência gratuita, o antípoda do que recomenda o exemplo de vida de Mahatma Gandhi, de resolver conflitos sem violência. É o antípoda da “prescrição” da Ecologia Profunda e da ADE para a defesa incondicional da vida.

O governo do ex-capitão sofre da síndrome da conspiração. Essa paranoia leva-o a ver em qualquer crítica ou contra-argumento uma agressão vinda de partidários do PT, do comunismo, do diabo. No entanto, do Gabinete do Ódio implantado no Palácio do Planalto sob a direção de um de seus filhos saem ofensas como de uma metralhadora giratória: contra a China, contra o STF e/ou seus ministros, contra membros do governo ou de outras instituições, contra pessoas cujas ideias incomodam ao grupo etc. É por essas e outras razões que muita gente gostaria que ele deixasse o governo em prol de seu vice, muito mais razoável, ponderado e sensato, a despeito de ser também militar e ter sido escolhido pelo ex-capitão. Frequentemente esse vice tenta explicar, botar panos

ECO-REBEL

quentes nas fanfarrônicas, nos desatinos e na pabulagem do titular da presidência⁹. A língua não tem adjetivos suficientes para qualificar os seus desvarios¹⁰.

Notas

1. www.meoambienteelinguagem.blogspot.com
2. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*: <https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/>
3. Ecosystemic Discourse Analysis (*a sair*).
4. Inicialmente (2013), ela foi chamada Linguística Ecosistêmica Crítica, por ser parte da Linguística Ecosistêmica. Pouco depois, passou a ser Análise do Discurso Ecológica (ADE), nome que está na única introdução à disciplina disponível (COUTO; COUTO; BORGES, 2015). Atualmente, ela foi renomeada como Análise do Discurso Ecosistêmica, mantendo a sigla ADE.
5. Para mais pormenores sobre a LE, ver Couto (2015).
6. O conceito de comunhão é um dos mais inovadores e importantes na LE e na ADE. É difícil entender por que a linguística tradicional sequer fala dele. Ele é pré-requisito para que uma interação comunicativa prototípica tenha lugar. Afinal, entrar ou estar em comunhão significa estar predisposto para a interação comunicativa. Na maior parte das obras mencionadas nas Referências se fala de comunhão.
7. Em Couto (2012, p. 49-67, há um bom apanhado geral sobre a Ecologia Profunda, com a citação de muita bibliografia adicional. Para a literatura original, pode-se começar por Naess (1989).
8. Os superiores de Bolsonaro achavam que ele tinha "excessiva ambição em realizar-se financeira e economicamente" e tinha "permanentemente a intenção de liderar os oficiais subalternos, no que foi sempre repellido, tanto em razão do tratamento agressivo dispensado a seus camaradas, como pela falta de lógica, racionalidade e equilíbrio na apresentação de seus argumentos" (*Folha de S. Paulo*, 16/05/2017).
9. No dia 19 de abril de 2020, o ex-capitão participou de uma manifestação, de parte da minoria que o apoia, em frente a um quartel do Exército. Os manifestantes pediam o fechamento do Congresso, do STF, a reintrodução do I-5 e tinham o *slogan* "Intervenção militar com Bolsonaro no Poder". O próprio ex-capitão disse: "Eu estou aqui porque acredito em vocês, vocês estão aqui porque acreditam no Brasil. Nós não queremos negociar nada" (*Rede Globo*, 19/04/2020, 20h37min.). Aparentemente, nem ele nem seus asseclas percebem que no regime que defendem não poderiam estar se manifestando assim. Como os extremos se assemelham! Ele está agindo exatamente como Nicolás Maduro na Venezuela, que ele abomina. Diante das reações negativas, em mais uma saidinha do Palácio da Alvorada no dia seguinte, ele disse a um seguidor que defendia a ditadura: "Sem essa conversa de fechar. Aqui não tem que fechar nada, dá licença aí. Aqui é democracia, aqui é respeito à Constituição brasileira. E aqui é minha casa, é a tua casa. Então, peço por favor que não se fale isso aqui. Supremo aberto, transparente. Congresso aberto, transparente" (*Estadão*). Vale dizer, como Trump, ele diz absurdos, mas, depois diz que não disse, que não é o que "mídia maldosa" divulgou. Cabe ressaltar, no entanto, que ele disse isso ao perceber que estava brincando com fogo, pois começaram a surgir ações no sentido de retirá-lo do poder por "crime de

ECO-REBEL

responsabilidade” por estar apoiando uma manifestação contra a democracia, contra a Constituição.

10. O ex-capitão continuou perpetrando muitas barbaridades após o fechamento deste artigo, mas vou parar por aqui, pois o que já foi visto já é suficientemente inaceitável e repugnante.

Referências

CAPRA, Fritjof. *Belonging to the universe*. New York: Harper Collins, 1991.

CHOMSKY, Noam. *Knowledge of language*. West Port, CT: Praeger, 1986, p. xxv.

COUTO, Hildo Honório do. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. *O tao da linguagem: um caminho suave para a redação*. Campinas: Pontes, 2012.

_____. Análise do discurso ecológica (ADE), 2013. Disponível em:

<https://meioambienteelinguagem.blogspot.com/2013/04/analise-do-discurso-ecologica.html>
(10/04/2020).

_____. Linguística ecossistêmica crítica ou Análise do discurso ecológica. In: COUTO, Elza; DUNDK-CINTRA, Ema; BORGES, Lorena (orgs.). *Antropologia do imaginário, ecolinguística e metáfora*. Brasília: Thesaurus, 2014, p. 27-41.

_____. Linguística ecossistêmica. In: COUTO et al. (orgs.) 2016, p. 209-261. Disponível também em *ECO-REBEL* v. 1, n. 1, 2015 em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016.

COUTO, Hildo; COUTO, Elza; BORGES, Lorena. *Análise do discurso ecológica (ADE)*. Campinas: Pontes, 2015.

FINKE, Peter. Identity and manifoldness: New perspectives in science, language and politics. In: FILL, Alwin; MÜHLHÄUSLER, Peter (orgs.). *The ecolinguistics reader*. Londres: Continuum, p. 84-90.

GARNER, Mark. *Language: An ecológica view*. Berna: Peter Lang, 2004.

MARITAIN, Jacques. *Elementos de filosofia: introdução geral à filosofia* Rio de Janeiro: Agir, 1959, 5ª. ed.

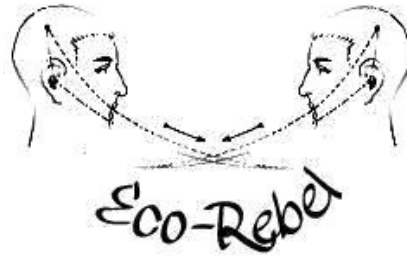
ECO-REBEL

MARTIN, James R. Positive discourse analysis: Solidarity and change. *Revista canaria de estudios ingleses* n. 49, 2004, p. 179-200.

NAESS, Arne. *Ecology, economy and lifestyle*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

Aceito em 24/04/2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



A MICROTAPONÍMIA NAS INTERAÇÕES INDIVÍDUO-MUNDO E INDIVÍDUO-INDIVÍDUO

Hildo Honório do Couto (*Universidade de Brasília*)

Abstract: One of the main purposes of this article is to discuss the names the members of a small speech Community of Minas Gerais' hinterland give to aspects of their surroundings, such as hills, wood, trees, brooks, that is, every accident that somehow call their attention. Following the theory and methodology of Ecosystemic Linguistics the essay shows that the names given to these accidents arise due to a need the locals have to communicate about them. Thus, the double-face of ecological interactions shows up: organism-world interactions, organism-organism interactions. The former correspond to the linguistic process of reference; the latter, to communication. In fact, people refer to something outside language by communicating and communicate by referring to something outside language. It is additionally shown that this process follows an onomasiological and semasiological sequence, including so-called "pronouns" which, to say the truth, are ontogenetically and philogenetically replaced by nouns.

Key-words: Micro-toponyms; communication and expression; speech Community; lexicogeny.

Resumo: Um dos principais objetivos deste artigo é discutir os nomes que os membros de uma pequena comunidade de fala do interior de Minas Gerais dão a aspectos de seu entorno tais como colinas, bosques, árvores, córregos, enfim, todo acidente geográfico que de alguma forma chame a atenção. Seguindo a teoria e a metodologia da Linguística Ecológica, o ensaio mostra que os nomes nascem devido à necessidade que os locais têm de se comunicar sobre esses acidentes. Nesse processo, mostra-se a dupla face das interações ecológicas: interações organismo-mundo e interações organismo-organismo. Linguístico-ecossistemicamente, as primeiras são a referência; as segundas, a comunicação. As pessoas se referem a algo fora da linguagem se comunicando e se comunicam referindo-se a algo fora da linguagem. O artigo mostra adicionalmente o processo onomasiológico de surgimento das palavras e sua confirmação semasiológica, inclusive nos chamados "pronomes" que, na verdade, ontogenética e filogeneticamente são depois substituídos por "nomes".

Palavras-chave: Micro-topônimos; comunicação e expressão; comunidade de fala; lexicogenia.

1. Introdução

O objetivo deste ensaio é discutir a microtoponímia de uma pequena região em que se encontrava uma família formando o que chamei de Fazenda do Zé Artino, e que aqui será chamada Fazenda Capivarinha. A discussão será feita partindo da perspectiva da linguística ecossistêmica, exposta em Couto (2015), além de publicações mais recentes. A toponímia (literalmente "estudo dos nomes de lugares") é parte do vocabulário geral da língua. A microtoponímia é parte da toponímia e refere-se a denominações de acidentes e fenômenos existentes em territórios de pequenas dimensões, como os da fazenda em questão. Ela é parte do vocabulário geral da linguagem da comunidade de fala formada por essa família e agregados. Além da toponímia, eventualmente poderão entrar alguns hidrônimos, fitônimos e, eventualmente, até zoônimos e antropônimos.

Os dados são antigos. Eles foram coletados em 1974 e divulgados em manuscrito inédito pela primeira vez em Couto (1974: 39-42). Um pouco mais tarde eles foram interpretados semioticamente em Couto (1983: 118-119, 125). Em Couto (2007: 255-257), esses dados foram submetidos a uma análise ecolinguística, como a disciplina era entendida até então. Finalmente, em Couto (2016: 56-57) eles foram integrados em um estudo detalhado da comunidade de fala Fazenda do Zé Artino, dessa vez pelo viés da linguística ecossistêmica.

No presente ensaio os dados serão retomados a fim de discutir a questão da significação (referência, designação, denominação, nomeação) associada à comunicação. Veremos que significação (referência) e comunicação (interação comunicativa) não existem nem podem ser estudadas independentemente uma da outra, como infelizmente tem sido feito tradicionalmente por filósofos, semioticistas e até por estudiosos da língua como interação. Enfim, como é estudada por praticamente todos os praticantes da linguística tradicional, ou linguística ortodoxa, como diz Kravchenko (2016).

A foco na microtoponímia, num recorte que a separa da microantroponímia e dos demais setores do vocabulário, é feito apenas provisoriamente e para finalidades operatórias. Isto é feito usando o método da focalização (*focussing method*), proposto originalmente por Garner (2004: 302-203, 215) e retomado em Couto (2018). Este segundo artigo inclui um histórico do que levou a esse método ao longo do tempo.

Não apresentarei todos os conceitos da linguística ecossistêmica que serão utilizados, pois eles já estão amplamente discutidos em diversas publicações, começando pelo já mencionado Couto (2015). No entanto, o conceito de comunidade de fala deve ser ressaltado, pois, além de ser de

fundamental importância na teoria, os microtopônimos serão investigados justamente como foram utilizados pelos membros de uma comunidade de fala específica, a Fazenda Capivarinha, discutida pormenorizadamente em Couto (2016). Como se pode ver nesse artigo, comunidade de fala é qualquer domínio que o investigador delimite para estudar, domínio (T) no qual convive um grupo de pessoas (P) interagindo pelo modo tradicional de interagir, sua linguagem (L). Há comunidades de fala de tamanhos os mais diversos. Como no caso do ecossistema da ecologia biológica, também o ecossistema linguístico comunidade de fala é delimitado pelo observador.

É importante ressaltar também que na linguística ecossistêmica se faz uma distinção clara entre língua e linguagem. Língua está no domínio da comunidade de língua, isto é, daquilo que chamamos laicamente de língua. A comunidade de língua inglesa, por exemplo, compreende Inglaterra, Estados Unidos, Canadá, Austrália e Nova Zelândia, além de outros países. Portanto, língua inglesa é a língua dessas regiões do mundo. A comunidade de língua iualapiti, por seu turno, compreende o pequeno grupo de iualapitis que vivem no Parque Indígena do Xingu.

O conceito de linguagem é mais amplo. Ele se refere a qualquer modo de os membros de determinado grupo de qualquer tamanho interagirem comunicativamente entre si de modo constante. Essa linguagem pode conter algo da língua do domínio mais amplo, a língua estatal (“padrão”), mas não se restringe a ela. A comunidade de fala pode até ser bilíngue ou multilíngue, como a comunidade de fala da cidade de Bruxelas, entre muitas outras. O modo pelo qual os membros da comunidade de fala Fazenda Capivarinha se comunicam é a sua linguagem. Tanto língua quanto linguagem são representadas por L, uma vez que ambas são parte do ecossistema linguístico que, como já sugerido, consta de um grupo de pessoas (P) que interagem por meio dessa L e de um lugar ou território (T) em que vivem.

2. Toponímia, microtoponímia e etnotoponímia

De modo simples e direto, toponímia é o estudo dos nomes de lugares e acidentes geográficos. De um modo geral, quando se fala em toponímia se pensa nos nomes de lugares e de acidentes geográficos de grandes extensões territoriais, como os de um país ou de um continente. No presente ensaio, falarei de nomes de lugares e acidentes de pequenas dimensões, localizados no pequeno trato de terra em que existiu a comunidade de fala Fazenda do Zé Artino ou Fazenda Capivarinha. Como já dito na Introdução, essa comunidade foi estudada pela primeira vez em Couto (1974) de modo um tanto amador e reinterpretada semioticamente em Couto (1983). Foi só 42 anos após a

ECO-REBEL

primeira tentativa de interpretação que ela foi minuciosamente estudada da perspectiva da linguística ecossistêmica (COUTO, 2016).

Os topônimos designam o que representa a base para a existência de uma comunidade, de um ecossistema linguístico, o lugar em que as pessoas convivem, o seu território. No caso da comunidade de língua, de dimensões maiores, eles podem não estar tão presentes no dia a dia das pessoas, mas são balizas para a identidade do território. Tanto que ele é um dos primeiros, se não o primeiro, a receber um nome. O território é tão básico que sem ele não há pessoas; sem pessoas não há língua; sem língua, não há comunidade linguística, ou seja, ecossistema linguístico. O antropogeógrafo alemão Friedrich Ratzel disse que "os seres humanos são inconcebíveis sem a superfície terrestre, assim como a maior obra humana sobre a terra, o estado" (RATZEL, 1923, p. 2). Ainda segundo ele, "o estado precisa viver da terra"; "as propriedades do estado consistem nas propriedades do povo e nas do solo" (p. 4). No caso, estado (*Staat*) inclui língua.

A discípula americana de Ratzel, Ellen Semple, segue a mesma linha de raciocínio. Para ela, "o homem é um produto da superfície da terra. Isso significa não apenas que ele é filho da terra, pó de seu pó, mas também que a terra o pariu, alimentou-o, atribuiu-lhe tarefas, direcionou seus pensamentos, apresentou-lhe dificuldades que fortaleceram seu corpo e aguçou seus sentidos" (SEMPLE, 19412, p. 1). Por isso, "cada clã, tribo, estado ou nação incluem duas ideias, um povo e seu território, o primeiro impensável sem o segundo" (p. 51). Apesar de tudo isso, "a maior parte dos sistemas de sociologia trata o homem como se ele fosse de alguma maneira desligado da superfície da terra; eles ignoram a base terrena da sociedade" (p. 53). Isso é tão importante que "quanto mais frouxa for a conexão entre terra e povo, mais frouxo será o tipo de organização social" (p. 58), ou seja, "a terra é a força dominante na coesão da sociedade" (p. 58). Na linguística ecossistêmica, até mesmo a interação comunicativa (diálogo) entre duas pessoas só é possível se elas se encontram no mesmo espaço físico, pelo menos na situação prototípica. Atualmente, o diálogo pode se dar à distância, não apenas na terra, mas inclusive com alguém em uma nave espacial. Mas, a base é sempre a mesma: o diálogo prototípico consta de duas pessoas copresentes em determinado lugar, uma de frente para a outra, como prevê a primeira regra interacional. No caso da comunidade de fala Fazenda Capivarinha, essa era a única maneira de as pessoas interagirem comunicativamente. Não havia nenhum substituto.

O território (T) da comunidade de fala, assim como o de qualquer ecossistema linguístico, ou seja, o *locus* dos referentes dos termos estudados pela toponímia pode ser enquadrado no que Edward

ECO-REBEL

Sapir chamou de "fatores físicos". De acordo com ele, "por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como a topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo" (SAPIR, 2016, p. 37). Trata-se, como se vê, do que os ecólogos chamam de biótopo.

Por se tratar de nomes de lugares e acidentes de uma pequena região, tem-se usado o termo microtoponímia para designá-los. Por serem esses nomes usados em pequenas comunidades, nas etnociências seu estudo é chamado de etnotoponímia. Essas três denominações (toponímia, microtoponímia, etnotoponímia) representam três perspectivas diferentes a partir das quais se pode olhar para os dados em questão. Na linguística ecossistêmica eles são incluídos no sub-ramo denominado etnoecologia linguística, proposta pela primeira vez em Couto (2007: 219-280). Ela compreende pelo menos a etnobotânica, a etnozologia e a etnomedicina, além dos etnotopônimos e etnoantropônimos. A etnobotânica foi investigada por Araújo (2014), em seu estudo sobre "o léxico que compõe o conhecimento etnobotânico da Comunidade Quilombola Kalunga, situada na região nordeste do estado de Goiás", como o autor esclarece já no Resumo de sua tese de doutorado.

Os antropônimos (microantropônimos, etnoantropônimos) estão no mesmo nível dos topônimos, talvez até os preceda cronologicamente. Com efeito, eles designam os usuários da linguagem, os que dão nome aos lugares e acidentes da paisagem que são importantes para a vida no local e/ou que de alguma forma chamam a atenção. Na verdade, são os usuários dos antropônimos que criam e usam os topônimos. O fato é que todos eles, microtopônimos e microantropônimos, fazem parte do vocabulário da linguagem dos habitantes da Fazenda Capivarinha. Na monografia de 1974 eu usei o termo "telurismo" para caracterizar as íntimas relações que existiam entre as pessoas, seu lugar e sua língua. Como no nó de Borromeu, se se fizer a excisão de qualquer um deles (L, P, T), o todo esboroa. Aliás, isso vale para qualquer comunidade de fala/língua, como a de pequenos grupos étnicos, entre os quais incluem-se ameríndios, africanos, papuanos etc.

O ecolinguista australiano Joshua Nash foi um dos primeiros, se não o primeiro a tratar da toponímia na ecolinguística. Ele fez minuciosas investigações nas Ilhas Norfolk, pertencentes à Austrália. Além de ideias importantes para uma abordagem ecolinguística da toponímia, o autor remete a mais bibliografias sobre o assunto (NASH, 2015). Antes dele, provavelmente apenas seu ex-orientador Peter Mühlhäusler tenha tocado em questões toponímicas, ainda que de modo

incipiente e indireto. Para uma primeira abordagem sobre aspectos toponímicos da realidade brasileira, pode-se começar por Castro (2015) e Siqueira (2015).

3. Microtopônimos relacionados à fazenda Capivarinha

Tratarei não só dos “pontos”, lugares, acidentes etc. que os membros da comunidade de fala Fazenda Capivarinha identificavam no interior da própria comunidade, mas também dos que circundavam o núcleo da comunidade, a casa e a própria fazenda, além dos que sentiram necessidade de nomear no caminho que levava da fazenda a Capelinha do Chumbo. Como se verá, nomearam não propriamente os acidentes mais evidentes ou mais chamativos, mas aqueles que representavam algum interesse, serviam de ponto de referência para alguma coisa em sua luta pela sobrevivência ou tinham alguma outra "utilidade" para os membros da comunidade. Como disse Edward Sapir, "a mera existência, por exemplo, de uma espécie animal no ambiente físico de um povo não basta para fazer surgir um símbolo linguístico correspondente. É preciso que o animal seja conhecido pelos membros do grupo em geral e que eles tenham nele algum interesse, por mínimo que seja, antes da língua da comunidade ser levada a reportar-se a esse elemento particular físico". O que Sapir disse da zoonímia vale para qualquer acidente ou fenômeno existente no entorno da comunidade (SAPIR, 2016, p. 37).

Começamos pelos microtopônimos referentes aos lugares, cursos d'água e outros acidentes que circundam a fazenda. Ao norte ficava a *Serra do Parmital* e o *Corgo da Capivarinha*; este último deu nome à comunidade ora investigada. Ao sul encontravam-se *Capelinha do Chumbo* e o *Corgo das Batata*, região também conhecida como *Corgo dos Miguel*, por ser habitada pela família que tinha *Miguel* por sobrenome. A leste estava *Horizonte Alegre*, alternativamente chamado de *os Tavar*, pelo fato de ter sido a família dos *Tavar* (Tavares) que tentou criar um povoado no local, o que até hoje não se consolidou, provavelmente por se tratar de uma região muito alta e com difícil acesso à água. A oeste ficava a fazenda do *Nadim* (<Leonardo) e, um pouco além dela, a *Serra da Roxa*, nome da proprietária da fazenda adjacente a ela.

Passemos aos nomes dos lugares e acidentes que se encontravam no interior da fazenda, com os quais, portanto, os membros da família mantinham um contato diuturno e mais íntimo. Na face leste da casa, havia umas três ou quatro árvores que chamavam a atenção dos membros da família do *Zé Artino* (ou *Zé do Artino* ou *Isé*)¹: eram dois ou três pés de *binga*, árvores imponentes que cobriam o sol nascente e que tinham esse nome por produzirem uma semente cujo casco se

ECO-REBEL

assemelha a uma *binga*, isto é, isqueiro mecânico, constituído de um pequeno tubo, contendo um tipo de cinza inflamável, uma pedra na qual se fricciona uma peça de metal chamada *fuzil* para produzir as faíscas que transformam a cinza em brasa. Menos significativa parecia ser uma pequena árvore ao lado das *Binga*, a *Arvinha*. Ela era bem menor do que as *Binga* (jequitibás). No entanto, tinha bastante folhagem, estava no galho de estrada que partia para a casa e na qual as crianças brincavam com muita frequência. Talvez sua copa arredondada é que tenha chamado mais a atenção. A *Arvinha* e os *Pé de Binga* estavam situadas a uns cem/duzentos metros da casa.

A fazenda compreendia a *Casa*, em volta da qual estavam o *Curral*, o *Chiquero*, o *Quintal* e a *Manguera* (pequeno cercado em que se colocavam porcos), por um lado, e, por outro, o *Pasto de Cima* e o *Pastinho*. Além disso os moradores distinguem a *Istrada*, por um lado, que vinha do *Parmital* (espigão maior e mais distante, em torno do qual havia várias fazendas) e passava pela *Arvinha* e pelos *Pé de Binga*, em direção a Capelinha do Chumbo, da *Linha*, por outro lado, a estrada para automóveis que ligava Capelinha do Chumbo a Patos de Minas (*Os Pato*), passando a uma distância em que se avistavam os carros transitarem. Aliás, *carro* significava, na linguagem local, carro de boi, pois o carro era chamado de *otomóve*).

A própria casa apresentava divisões, como sói acontecer, cada uma delas com seu nome. Como já avançado em Couto (2007, p. 257), "havia o *Terrero*, parte sem grama do quintal que ficava à porta da *Cozinha*. Temos também a *Sala*, o *Quarto dos Menino*, o *Quarto das Menina*, o *Quarto do Casal*, o *Chiquero* e o *Paiol* (depósito do milho)", acima do *Chiquero*. Tudo isso tinha uma função prática na orientação espacial das pessoas e para distingui-las por faixa etária/hierárquica, por sexo etc., vale dizer, para mostrar como se organizava o ecossistema linguístico local. Os cômodos e arredores imediatos da casa recebiam nome porque as pessoas precisavam falar deles e falavam deles porque de certa forma representavam a estrutura familiar.

Além dos topônimos já referidos, havia outros que às vezes eram desconhecidos dos de fora. Assim, o *Ispigão* era um espigão situado em um ponto extremo da fazenda, no lado sudeste. Sua importância estava não só em ser ponto extremo, mas também no fato de que quando uma *reis*, (*boi* ou *vaca*) ou um *animal* (= *cavalo* ou *égua*) ia para lá, era difícil encontrá-la, pois era o último lugar a que se ia. A *Lagoa* recebeu um nome por ser também um ponto extremo, no lado nordeste. Não era uma lagoa perene; ela só tinha água quando chovia muito, momento em que se enchia de água por ser o lugar como uma bacia, ou uma boca de vulcão. Era o lugar mais retirado da *Casa*, ou sede da fazenda. Nos fundos da *Casa* passava um pequeno córrego que desaguava em um maior

ECO-REBEL

que vinha “lá do *Nadim*”, isto é, da fazenda do *Nadim*. Nenhum dos córregos tinha nome. No entanto, quando se fazia necessário falar de um deles, as pessoas diziam *Nosso Corguinho* ou *o Nosso Corgo*, por oposição ao *Corgo do Nadim*. O pedaço da fazenda próximo à do *Nadim*, situado dentro do ângulo formado pelo encontro dos dois córregos, era também *Ispigão*. Quando era necessário fazer distinção entre este e o outro espigão já mencionado, diziam *o Ispigão do Nadim* para este e *o Ispigão do Quinca*, para o outro, pois a fazenda que ficava além dele era do *Quinca* (Quincas, da família dos *Miguel*). Há ainda o *Oi d'água* (= olho d'água, fonte), a nascente de *Nosso Corgo*. Aparentemente ela não tinha a menor importância, mesmo porque logo acima dela estava um bosque muito mais chamativo, além de um canavial mais acima, chamado de *As Cana*. No entanto, o *Oi d'água* era um dos lugares onde as crianças brincavam, daí este nome ser usado quase que exclusivamente por elas. Ao lado do *Corgo do Nadim* havia um outro espigão, coberto de vegetação, principalmente arbustos: era a *Capuera* (capoeira). Além de estar numa posição imponente, a capoeira situava-se no caminho que ia para a fazenda do *Josia* (marido da *Derça*, irmã do *Zé Artino*) e para a do *Nego* (irmão mais novo do *Zé Artino*).

No caminho que vinha do *Parmital* e levava a *Capelinha do Chumbo*, os membros da comunidade de fala Fazenda Capivarinha nomeavam, primeiramente a própria *Capivarinha*, logo em seguida a *Lagoa dos Miguel* e, um pouco mais adiante, o *Jeromo Bacaxi* (Jerônimo Abacaxi). Ele era o dono de uma chácara ao longo da estrada, famosa como produtora de abacaxi, que ele vendia para a vizinhança. Logo a seguir passava-se pelo *Mato Seco*, pela *Barriguda* (uma paineira velha), pelo *Morro Vermeio*, pela *Cruizinha* (= cruzinha), pelo *Morro de Pedra*, pela *Catiara* (já na entrada de e um verdadeiro “bairro” de Capelinha do Chumbo”), pelo *Ciminterio* (= cemitério) e, finalmente, se entrava em Capelinha do Chumbo.

A pergunta que se impõe é por que será que uma árvore velha (*Barriguda*), talvez secular, sem nada de especial, era ponto de referência? Ao seu lado havia uma série de coqueiros e algumas mangueiras, muito mais chamativos. Por que o “ponto” não ficou sendo chamado *Os Coquero* ou *As Manguera*, ou até *As Manga*, paralelamente a *As Cana* (o canavial)? Talvez a explicação esteja numa velha lenda que dizia que debaixo da paineira existia um tesouro enterrado, mas que ninguém conseguia arrancar de lá, pois apareciam *uns trem esquisito*, o capeta, e não o deixavam. A *Cruizinha* parece mais difícil ainda de explicar. No entanto, ela está num trato de estrada muito longo (entre o *Morro de Pedra* e a *Catiara*) e, como não havia nenhum outro acidente que servisse de referência (o trecho é uma chapada), então ela passou a ser significativa para os passantes.

ECO-REBEL

Quanto a *Catiara*, a fama se devia à sua antiga “má fama”: era a zona das mulheres de “vida fácil”, no tempo em que o garimpo fazia grandes riquezas na região. Assim sendo, o nome perdura até hoje. O *Mato Seco* situa-se numa curva de caminho a uns duzentos metros da *Barriguda*. Mas, seu tamanho (não muito grande em termos relativos) chama a atenção. Além do mais contavam-se muitas histórias de “assombrações” que assustavam os transeuntes noturnos. Quanto ao *Morro Vermeio* e o *Morro de Pedra*, as próprias designações descritivas já dizem por que receberam nomes. O *Cimintéro* dispensa comentários, além de estar entre *Catiara* e a *praça* de Capelinha do Chumbo propriamente dita.

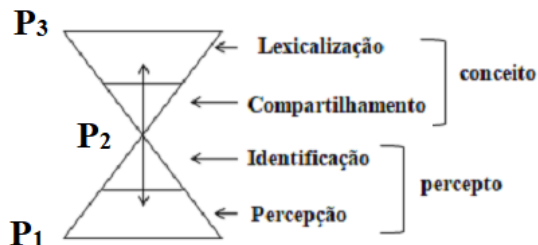
Praticamente todos os acidentes externos à fazenda são de conhecimento geral, quase oficial, servindo de baliza até mesmo para as autoridades do governo demarcarem distritos ou mesmo limites de fazenda. No entanto, a família em questão distinguia aspectos da paisagem sem a menor importância para os de fora (não da família), mas que eram de importância vital para seus membros, pois serviam como pontos de referência. Para se identificarem como grupo dentro da sociedade mais ampla, os membros desta família tinham que ter um conjunto de regras e palavras próprias, para orientação e controle do comportamento dentro do minigrupo que era a família. Tratava-se de orientação no domínio espacial, o que em zoo-semiótica e, mais especificamente, em etologia recebe o nome de territorialidade. Segundo Sebeok (1973) é ela que determina a distância individual, a área defendida como própria etc. Para Preziosi (1977), trata-se de uma parte do ambiente construído ou arquitetura, que é intervenção feita pelo homem na natureza, sob a forma de classificação, a fim de tornar possível a existência dos grupos e da convivência social. Por outras palavras, o pré-requisito para a existência de um grupo é um lugar onde seus membros possam conviver. Da convivência dos indivíduos surge sempre uma linguagem própria, que é o elo psicossocial que faz do aglomerado de pessoas um ecossistema linguístico, uma comunidade de fala, uma comunidade, vale dizer, um todo socialmente organizado. Entre os primeiros itens dessa linguagem estão justamente os aqui estudados, os topônimos.

4. Os topônimos na interação referencial e na interação comunicativa

Antes de falar da interação comunicativa (comunicação) e da interação referencial (referência), vale a pena recordar que a linguística ecossistêmica adota os conceitos de interação pessoa-pessoa e interação pessoa-mundo, correspondentes aos de interação organismo-organismo e interação organismo-mundo da ecologia biológica. Sabemos que língua é antes de tudo interação com o que,

ECO-REBEL

no ecossistema linguístico, L é o equivalente do I de interação do ecossistema biológico. Pois bem, essas duas interações são as duas faces da linguagem. Para entendê-las, vejamos na figura 1 a ampulheta da lexicalização, atualizada em relação à apresentada pela primeira vez em Couto (2007: 123). Essa figura deve ser lida inicialmente de baixo para cima, seguindo o percurso onomasiológico (da coisa ao nome). A base é representada por P₁, que indica cada um dos indivíduos ou pessoas (P) de carne e osso, com nome próprio, que compõem o ecossistema natural da língua da pequena comunidade de fala ora examinada. São eles o pai (*Isé*), a mãe (*Conceição*) e os filhos *Dinho*, *Ilma* e *Datim*¹. No centro (P₂), só se considera o sistema nervoso, sobretudo o cérebro e a respectiva mente que, juntamente com a lado mental da língua constituem o ecossistema mental da língua. P₂ está justamente para o agente das interações mentais (neurônios, axônios, sinapses), interações essas que constituem a língua como fenômeno mental (L₂) e cujo *locus* é o cérebro com o sistema nervoso. No terceiro nível, P₃ representa cada um dos (e todos os) indivíduos da comunidade organizados socialmente, como interindividualidades, seres sociais, com diversos papéis na sociedade. O lugar, “território”, o *locus* (T₃) dessas interações ou interações comunicativas é a sociedade².



Ampulheta da Lexicalização

Fig. 1

Da interação visual que o menino *Dinho* começou a ter com uma pequena árvore que ficava a uns cem/duzentos metros de sua casa, acompanhada de uma interação tátil, e talvez até olfativa, logo que pôde se locomover até ela, *Dinho* começou a senti-la, percebê-la, momento da percepção. Como a árvore estava muito próxima à porta da sala da casa, o contato, a interação com ela foi se intensificando, ao ponto de ele passar reconhecê-la, a identificá-la (identificação). Nesse momento, passou a haver uma certa consciência da existência da árvore. *Dinho* começou a ter uma imagem da árvore em sua mente/cérebro, em sua memória. Ele passou a ter um percepto em seu “conhecimento”, “conhecimento” inteiramente individual, que poderíamos chamar de

ECO-REBEL

conhecimento perceptual. A árvore é aproximadamente o ‘objeto’ e o percepto a ‘imagem’ de Damásio (2002, p. 224-225).

Isso começou a mudar partir do momento em que o irmão *Datim*, quatro anos mais novo, começou a ter a mesma experiência, e certamente passou pelos dois momentos, da percepção e da identificação, concluindo a etapa de formação de uma imagem da árvore e adquirindo o respectivo percepto. A ida dos dois juntos à árvore e o fato de interagirem com ela, inclusive trepando nela, levou a um compartilhamento de toda essa experiência. Esse compartilhamento fez com que os dois irmãos começassem a interagir entre si referindo-se ela, a falarem sobre ela, com o que surgiu naturalmente um novo item lexical para designá-la, ou seja, a palavra *arvinha*, momento da lexicalização. Tudo isso foi reforçado mediante o compartilhamento da experiência com os outros membros da família. Por outras palavras, interações *Dinho-Datim*, por um lado, e *Dinho-árvore* e *Datim-árvore*, por outro, que são a interação comunicativa entre os dois sobre ela, levaram necessariamente à necessidade de um nome para a pequena árvore, que, metaforicamente passou a ser *Arvinha*, momento da lexicalização, e os dois irmãos passaram a compartilhar um novo conceito e um novo item lexical, uma nova palavra. Nesse momento, eles passaram a ter um conhecimento conceptual da pequena árvore.

Logo em seguida, apareceu o menino *Osmar*, que morava na fazenda limítrofe, do *Juca Juvenço*, e que começou a brincar com *Dinho* e *Datim* na *Arvinha*. Nesse momento, o compartilhamento se ampliou para fora dos limites da pequena comunidade de fala, reforçando a existência do novo conceito e respectivo item lexical. Aliás, a própria conformação etimológica dos termos “percepto” e “conceito” já deixa entrever a diferença entre os dois momentos, ou seja, do conhecimento perceptual e do conhecimento conceptual. “Percepto” provém de “per+captum”, em que “per” equivale aproximadamente à preposição portuguesa “por”; “captum” é o particípio passado do verbo “cápere” (prender, pegar). Portanto, o *percepto* é o resultado do que foi pego, captado mediante um (ou mais de um) dos cinco sentidos, logo, trata-se de um fenômeno individual. Quanto a “conceito”, vem do mesmo “captum”, mas combinado com “cum/com”, preposição que indica companhia, associação e, conseqüentemente, é de natureza compartilhada, comunitária, social. Conceito é aquilo que é captado com, ou seja, por mais de uma pessoa, coletivamente, socialmente. Como Pottier (1962) mostrou, prefixos são preposições que adquirem uma outra função. No português temos “sabido” (em geral por uma única pessoa) e “consabido” (‘sabido por muitos’, *Aurélio*).

ECO-REBEL

A seta ascendente mostra o percurso da formação do item lexical, chamado de percurso onomasiológico, aquele que vai da coisa ao nome. Mas, como na língua em geral, após formado, o item lexical pode ser aplicado a outros referentes, a outras coisas. É o caso de *ispigão*, que surgiu para designar originalmente o espigão que ficava próximo à fazenda do *Quinca*. Logo em seguida o nome foi aplicado a pelo menos mais dois acidentes geográficos: o *Ispigão do Nadim* e aquele em que ficava a *Capuera*. Na etnoantroponímia temos mais dois exemplos. O item lexical *Artu* surgiu para designar originalmente o tio paterno da mãe de *Dinho* e *Datim* (*Conceição*), que era o *Artu* (*Artur*, "nome de registro"). Como o *Artu* era muito *seguro*, isto é, avaro, pão-duro, mão de vaca, o *Datim* e sua família passou a usar a palavra *artu* para qualificar qualquer pessoa sovina. Após formado, o item lexical passou a ser usado para designar adicionalmente qualquer pessoa que tivesse a qualidade da sovínice. Do nome (*artu*) aos novos referentes, da palavra à nova "coisa", tem-se o percurso inverso ao da onomasiologia, ou seja, o percurso semasiológico. A palavra *coco*, designa o fruto do *coquero* (macaúba), palmeira espinhosa cuja polpa e castanha são comestíveis (onomasiologia). Talvez dada a forma esférica perfeita do coco, com casca resistente e castanha bastante durável, o nome passou a designar também uma pessoa saudável (semasiologia): *Ela tá um coco* (ela está muito bem, saudável). Pode acontecer também de um único ser/fenômeno/coisa receber mais de um nome (onomasiologia), como ocorre com o *pater famílias*: no interior da família ele era chamado de *pai* pelas filhas, *Isé* pelos filhos e *José* pela esposa (*Conceição*). Nos parentes próximos (sua família estendida), ele era chamado *Tisé* pelos sobrinhos, *Isé* pelos cinco irmãos e *cumpade Zé* pelos cunhados. Os vizinhos não parentes o chamavam de *Zé Artino* ou *Zé do Artino* (cf. COUTO, 2016).

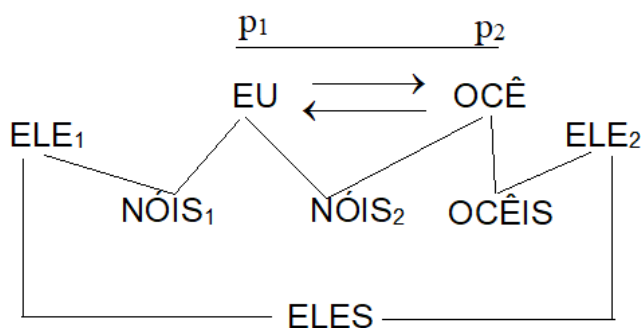
O triângulo inferior da ampulheta da lexicalização representa o momento das interações indivíduo-mundo que, como o nome já diz, é individual em cada membro da comunidade. O indivíduo (p_1) é parte do mundo, de modo que o outro indivíduo (p_2) com quem ele entra em interação também o é. Logo, mesmo a interação indivíduo-indivíduo é um tipo de interação indivíduo-mundo; a primeira está incluída na segunda. Na ampulheta da lexicalização isso fica evidente: a experiência com o mundo pela percepção e a consequente identificação são estritamente individuais. É claro que existe também a possibilidade de dois ou mais indivíduos "perceberem" e "identificarem" determinado fenômeno em conjunto, mas essa não é a situação prototípica. De qualquer forma, a interação indivíduo-indivíduo é uma segunda fase da interação indivíduo-mundo. Isso significa que a interação comunicativa é uma interação ecológica. Enfim, a percepção (interação indivíduo-

ECO-REBEL

mundo) é individual, mas ela só se consolida quando pelo menos mais um outro indivíduo percebe o fenômeno em questão e compartilha essa percepção com o primeiro. Na verdade, os dois tipos de interação são as duas faces da mesma moeda. A ampulheta da lexicalização da linguística ecossistêmica mostra claramente a continuidade interação indivíduo-mundo > interação indivíduo-indivíduo. Elas estão inextricavelmente interligadas.

Na verdade, todo o vocabulário da língua existe para a (ou na) interação entre membros da população, do povo (P), ou seja, entre as pessoas (p_x) de P. Seguindo ideias de Maturana & Varela (1998), Kravchenko (2016), Järvilehto (1998) e Cowley (2014), entre outros, podemos dizer que as pessoas de uma comunidade só existem como tais (como partes de um P) em relação ao seu contexto (T), e o entorno ou meio ambiente/território (T) de determinada comunidade só existe em função das pessoas (P) que convivem nele.

É da interação entre essas pessoas que emerge e se mantém a língua. No surgimento filogenético e ontogenético da língua e no surgimento dos pidgins e crioulos (em que nenhuma das partes conhece a língua do outro) (HOLM, 1988; COUTO, 1996), tudo começa pela emergência dos "pronomes" para designar os agentes das tentativas de interação, o que está ilustrado no esquema da figura 2.



Emergência dos “pronomes” na ecologia da interação comunicativa

Fig. 2

Em qualquer situação de ausência de uma linguagem comum, inicialmente uma pessoa (p_1) do grupo se dirige a outra (p_2). Se esta responder, inicia-se algum tipo de interação comunicativa, ou tentativa de interação comunicativa. Como toda interação comunicativa (diálogo) é "sobre alguma coisa", o de que se pode falar no começo são aqueles ou aquilo que está/estão no lado de p_1 , ou que lhe pertence etc., na figura 1 chamados de ELE_1 . Mas, podem referir-se também àqueles/àquilo que pertencem a p_2 , provisoriamente chamado de ELE_2 . Nesse momento, p_1 e p_2 precisam referir-

ECO-REBEL

se um ao outro também, sendo o primeiro EU (p_1), o que desencadeia a interação, e o segundo OCÊ (p_2).

Com o desenvolvimento da interação, EU (p_1) pode querer referir-se a si mais ELE₁, dando lugar ao NÓIS₁, o “*nóis exclusivo*”, que não inclui o ouvinte. Se incluí-lo, teremos o NÓIS₂, chamado “*nóis inclusivo*”. Se o falante (p_1 , EU) desejar referir-se a seu ouvinte (p_2 , OCÊ) mais ELE₂, teremos OCÊIS. Por fim, o falante pode querer referir-se a ELE₁ e ELE₂ em conjunto, fazendo surgir ELES. Aí temos o quadro básico dos “*pronomes*” da linguagem da comunidade de fala Fazenda Capivarinha e, na verdade, de grande parte dos dialetos rurais. O sistema pronominal do português urbano e do *estatal* (“*padrão*”) e até de grande parte das línguas europeias é aproximadamente o mesmo.

É claro que todos esses nomes são abstratos, mesmo eu tendo tentado exemplificar sempre com a linguagem da comunidade de fala Fazenda Capivarinha. Na situação concreta das línguas, cada um deles receberá um rótulo diferente, como, por exemplo, MOI para EU e TOI para OCÊ, respectivamente, em francês. Mas, a função e a significação permanecerão as mesmas. Em suma, EU designa quem fala; OCÊ, com quem se fala; ELE, de que(m) se fala, tanto ELE₁ quanto ELE₂. Os demais resultam de combinações deles entre si. Aliás, os “*pronomes*” da figura 2 representam uma pequena parte das diversas possibilidades de combinação existentes. Por exemplo, o tupi e o guarani têm uma forma para EU mais ELE₁, ou seja, NÓIS₁ (*oré*) – “*nóis exclusivo*”, que exclui o ouvinte – e outra para EU mais OCÊ, isto é, NÓIS₂ (*jandé*) – “*nóis inclusivo*”, que inclui o ouvinte. Nas línguas da Papua-Nova Guiné há outras combinações, que dão lugar a outros “*pronomes*” (LAYCOCK, 1970).

Com o desenvolvimento da interação, não só entre *Dinho* e *Datim*, mas também com/entre os demais membros da família e da vizinhança, vale dizer, à medida que o contato com o entorno/mundo foi se ampliando, tornou-se necessário falar de outras coisas/fenômenos, com o que ELE₁ e ELE₂ começaram a ser substituídos por “*árvore*”, “*córrego*”, “*água*”, “*ar*”, “*céu*”, “*terra*”, “*João*” etc., contrariamente ao que dizem a tradição gramatical e a linguística tradicional (“*os pronomes substituem os pronomes*”). É claro que as demais “*categorias gramaticais*” também emergem na ecologia da interação comunicativa, pois os interlocutores têm necessidade de falar de ações (“*verbos*”), de qualificar as coisas (“*adjetivos*”) e assim por diante.

Como já foi sugerido, as formas em maiúsculas da figura 2 são apenas conceitos referentes aos participantes da interação comunicativa, pessoas do discurso; elas ainda não são palavras

ECO-REBEL

propriamente ditas. A função indicada por EU pode, segundo os diversos contextos, ser preenchida por “neném” (se for uma criança falando), “o papai” ou “o degas aqui” (se for alguém falando a um grupo de amigos). Em Portugal, “o João” pode ser usado para se evitar o “tu”, o “você” ou “o senhor”, como em “O João não quer entrar?” (tu/você/o senhor não quer entrar?). Veja-se o famoso caso de “me Tarzan; you Jane”. Ao interpelarmos alguém, frequentemente usamos o nome da pessoa, como em “João!”, em vez do TU ou, no caso presente, OCÊ. Na frase politicamente incorreta de umas décadas atrás “índio quer apito”, “índio” estava para EU ou, na linguagem de nossa comunidade de fala, *eu*.

A linguística ecossistêmica trata da linguagem não como se ela existisse em um vácuo, isoladamente, mas no contexto do ecossistema a que ela pertence e do mundo em geral, ou seja, da perspectiva da visão ecológica de mundo. É isso que tento fazer neste artigo: retomar os dados e aprofundar a interpretação do ponto de vista da linguística ecossistêmica.

Como se viu, nada é gratuito. Todo topônimo tem uma função no contexto em que é usado. É interessante notar que a “orientação espacial do comportamento” a que ele serve às vezes deve ser entendida em sentido literal, ou seja, da rosa dos ventos. Sem a existência dos nomes toponímicos acima mencionados, seria impossível a existência do grupo como tal, não haveria a menor possibilidade de seus membros se orientarem, de identificarem a si mesmos e como uma comunidade distinta das circunvizinhas. Para o telurismo de 1974, podemos dizer que, por estarem territorializados no espaço da Fazenda Capivarinha, têm um forte sentimento de territorialidade para com ela. Como a zoossemiótica (SEBEOK, 1973), a sociobiologia (WILSON, 1980) e a etologia (TINBERGEN, 1963), entre outras ciências, têm demonstrado, a territorialidade está presente até mesmo nos agrupamentos de outras espécies. Sem ela, não há bases para a formação e existência do grupo.

Todos os acidentes comentados até aqui dão identidade à pequena comunidade de fala e seus nomes servem para as pessoas interagirem comunicativamente sobre eles. O ELES₁ e o ELES₂ da figura 2 podem referir-se também aos demais acidentes circundantes bem como às pessoas das redondezas. Enfim, podem referir-se a tudo de que precisem falar. O NÓIS₁ caracteriza também a totalidade dos membros da comunidade e os das redondezas seriam ELES em geral, sem índice. O ELES só existe porque há o NÓIS₁ para nomeá-lo e se referir a ele. Dada a solidariedade não apenas intragrupal, ou seja, entre os membros da Fazenda Capivarinha, mas também intergrupala,

isto é, entre eles e os das fazendas circunvizinhas, o valor local desses “pronomes” é NÓIS₁ + ELES, não NÓIS₁ *versus* ELES. Tanto que, para “eles vão conosco”, se diz *eles vai mais nós*.

5. Observações finais

Infelizmente, a comunidade Fazenda Capivarinha não existe mais, o que mostra que comunidade de fala tem uma história e que a história de qualquer comunidade de fala tem um começo e pode ter um fim. Algumas das pessoas que constituíam o P dessa comunidade ainda sobrevivem, mas dispersas por diversos lugares, todos eles distantes do ex-território (T) da comunidade. Essas pessoas ainda têm memória de grande parte do que foi comentado acima. No entanto, como saíram do T original, a comunidade de fala se desfez.

É claro que o trato de terra que foi o T da comunidade ainda está lá, mas, mesmo assim, não exatamente como era durante a existência dela. Para começo de conversa, a cerca de arame farpado que estabelecia os limites físicos da comunidade já não existe. Existem outras cercas, delimitando outras fazendas, às vezes limitando com a antiga comunidade, às vezes sobrepondo-se a parte dela. Mesmo o lado estritamente físico, e talvez químico, do T se alterou.

As árvores e a vegetação em geral já não são as mesmas. Grande parte dos animais silvestres e domésticos, bem como dos microorganismos, desapareceu, inclusive devido ao uso de pesticidas e agrotóxicos. Nem o pasto original de capim *provisório*, nem o angical, nem a casa e tudo que a rodeava existem mais. Até o aroma do ar deve ser diferente. Como nos dizem os ecólogos, há uma sucessão ecológica, com um constante fluxo de energia nos ecossistemas, de modo que os ciclos biogeoquímicos são diferentes em cada sere (ODUM, 1975, p. 75ss.).

A comunidade é um fenômeno psicossocial e psicofísico. Como é um ecossistema, ela consta de interações (I=L), entre um grupo de interagentes, os agentes dessas interações (P), que se encontram em algum lugar (T). Como se deduz do que disseram Ratzel e Semple acima, o pressuposto inicial de tudo é T, o lugar, mas, ele não é suficiente. É necessário que haja também os atores, as pessoas que inclusive legitimarão o lugar como T. A argamassa que une os membros de P (p₁, p₂, p₃, ..., p_n) é, sobretudo, a linguagem (L), formada e usada pelas próprias pessoas.

Enfim, além das pessoas (P) e de grande parte das coisas que constituíam seu T, também os nomes (L) dessas coisas desapareceram. Apenas o terreno (a terra física, o solo) não pode ser considerado como resquício da extinta comunidade de fala. Tanto que hoje em dia, ninguém no local sabe o que designavam palavras como *Nosso Corguinho*, *a Arvinha*, *As Cana* ou o *Oi d'Água*. O pequeno

ECO-REBEL

córrego (*Nosso Corguinho*) e a nascente (*Oi d'Água*) ainda estão lá, mesmo que bastante debilitados, mas, os topônimos que se referiam a eles desapareceram juntamente com as pessoas e sua linguagem. Não existe mais a comunidade de fala Fazenda Capivarinha.

Nota

1. Para detalhes sobre os microantropônimos/etnoantropônimos que aparecem aqui, ver Couto (1974, 2016).

2. Para mais pormenores sobre os conceitos de ecossistema natural, mental e social da língua, ver Couto (2015).

Referências

ARAÚJO, Gilberto Paulino de. *O conhecimento etnobotânico dos kalunga: uma relação entre língua e meio ambiente*. Tese de doutorado, UnB, 2014. Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16472/1/2014_GilbertoPaulinodeAraújo.pdf

CASTRO, Maria Célia D. O homem, o lugar e a língua: uma investigação da influência antroponímica na toponímia maranhense. In: COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.), 2015, p. 30-43.

COUTO, Hildo Honório do. *O falar capelinhense: uma visão sociolinguística*. Londrina: EUL, 1974. Disponível em <http://aarvinha.blogspot.com/2018/02/o-falar-capelinhense-uma-visao.html> (2018).

_____. *Uma introdução à semiótica*. Rio de Janeiro: Presença Edições, 1983.

_____. *Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgins*. Brasília: Editora da UnB, 1996.

_____. *Ecolinguística: estudo das relações entre língua e meio ambiente*. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. A linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 1, n. 1, 2015, p. 47-81. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9967/8800>

_____. Comunidade de fala revisitada. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)*, v. 2, n. 2, 2016, p. 59-75. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/9690/8558>

_____. A metodologia na linguística ecossistêmica. *Ecolinguística: revista brasileira de ecologia e linguagem (ECO-REBEL)* v. 4, n. 2, 2018, p. 18-33. Disponível em:

<http://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/12355/10835>

ECO-REBEL

- COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *Linguística ecossistêmica e análise do discurso ecológica*. Brasília: Thesaurus, 2015.
- COWLEY, Stephen. Bio-ecology and language: a necessary unity. *Language sciences* v. 4, 2014, p. 60-70.
- DAMÁSIO, António. *O mistério da consciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 4ª reimpressão, 2002.
- GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Berna: Peter Lang, 2004.
- HOLM, John. *Pidgins and creoles I*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- JÄRVILEHTO, Timo. the theory of the organism-environment system: I. Description of the theory. *Integrative Physiological and Behavioral Science* v. 33, n. 4, 1998, p. 321-334.
- KRAVCHENKO, Alexandr V. Prolegomena to a new language science. Актуальные проблемы филологии и педагогической лингвистики, v. 2, 2016. С. 7—14. Владикавказ: Изд. СОГУ им. К.Л.Хетагурова
- LAYCOCK, Donald C. *Materials in New Guinea Pidgin*. Canberra: Pacific Linguistics, 1970.
- MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento*. São Paulo: Palas Athena, 1988.
- NASH, Joshua. Placenames and Ecolinguistics: Some Considerations for Toponymists. *Arbeiten aus Anglistik und Amerikanistik - AAA*, Band 40, Heft 1-2, 2015, p. 67-71.
- ODUM, Eugene P. 1975. *Ecologia*. São Paulo: Pioneira/INL/MEC, 2ª. ed.
- POTTIER, Bernard. *Systématique des éléments de relation: étude de morphosyntaxe structurale romane*. Paris: Librairie Klincksieck, 1962.
- PREZIOSI, Donald. Towards a relational theory of culture. *The third LACUS Forum*. Columbia, S.C.: Hornbeam Press, 1977, p. 278-286.
- RATZEL, Friedrich. 1923. *Politische Geographie*. Munique: Oldendurg (original de 1897).
- SAPIR, Edward. 2016. Língua e ambiente. In: COUTO, Hildo; COUTO, Elza; ARAÚJO, Gilberto; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.). *O paradigma ecológico para as ciências da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneos*. Goiânia: Editora da UFG, 2016, p. 35-55.
- SEBEOK, Thomas. Estruturas zoo-semióticas. *Revista de cultura Vozes* 5, 1973, p. 11-22.
- SEMPLE, Ellen Churchill. *Influences of geographic environment*. N. York: Henry Rolt & Company, 1941 (original de 1911).

ECO-REBEL

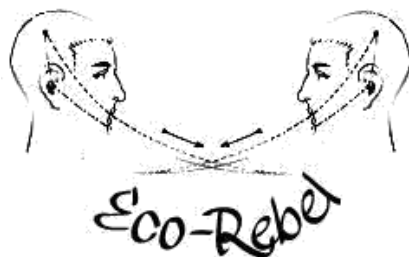
SIQUEIRA, Kênia Mara F. Do Vai-Vem passando Entre Rios até Ipameri (GO): Considerações acerca da mudança toponímica. In: COUTO, Elza; ALBUQUERQUE, Davi (orgs.), 2015, p. 12-29.

TINBERGEN, N. On aims and methods of ethology. *Zeitschrift für Tierpsychologie* v. 20, 1963, p. 410-433.

WILSON, Edward Osborne. *Sociobiology*. Cambridge, Mass.: The Belknap Press, 1980.

Aceito em 10 de março de 2020.

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), V. 6, N. 2, 2020.



ENTREVISTA COM ECOLINGUISTAS

Peter Finke (Universität Bielefeld - Emeritus)

BRIEF PRESENTATION

Em ECO-REBEL v. 5, n. 2, 2019, p. 6-7, já se encontra um “A short autobiographical background” (breve pano de fundo autobiográfico). Para acessá-lo, clique em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27657/23795>

In ECO-REBEL v. 5, n. 2, 2019, p. 6-7, there is “A short autobiographical background”, available here:

<https://periodicos.unb.br/index.php/erbel/article/view/27657/23795>

INTERVIEW

- **ECO-REBEL:** Professor Finke, when and why did you begin talking about what later came to be called Ecolinguistics?

- **Peter Finke:** Shortly after I returned from St. Catherine’s College at Oxford university to Göttingen in Germany 1967 and still being a student I began regular walks with my slightly older linguist friend Siegfried Kanngießer (who unfortunately died already 15 years ago). He was among the first who followed the new paths of Noam Chomsky in Germany (“Syntactic Structures” was six years old, the “Aspects”-book had appeared only two years (1965) before) and because of philosophical and metatheoretical reasons I was both highly interested and critical at the same time by what I heard from Siegfried. On the other hand, my old interests in birds and nature that could have led me to study biology instead of philosophy and linguistics were revived again and I was especially fascinated by the biological theories of ecology and evolution. But officially, there was no link between

ECO - REBEL

linguistics and biology. For each of our walks I prepared a paper that I put forward for discussion. And it was in these papers that I saw more and more creative relations and perspectives between the two subjects. I had no knowledge of Haugen's book, but I am quite sure that I would have been very disappointed by his understanding of ecology.

- **EC:** Do you see any misunderstanding in what is being done under the name of Ecolinguistics? If yes, could you give some examples?

- **PF:** In my view the whole thing is full of misunderstandings. Today, many people talk about what they take to be ecology, including linguists, but that is merely an emotional and political phrase and has nearly nothing to do with science. Better I tell no names; the scene is full of people thinking that ecological linguistics is "soft language use" or engaging linguistically for the benefit for animals. From a scientific view this is nonsense. If I would not had an important addition to my own consciousness on ecology, mainly originated by Gregory Bateson's "ecology of mind", I would include my own person in that group of misunderstanders. Ecology is no longer simply a part of biology, as I thought in that old times, and ecolinguistics not only a part of biolinguistics.

- **EC:** Don't you think that many essays purportedly ecolinguistic could just as well be done from a, let's say, sociological point of view?

- **PF:** O yes, quite so. Not many, but the most. It begins with Haugen and is similarly so with most writings of most "ecolinguists" of today.

- **EC:** If we apply an existing theoretical model, like Fairclough's Critical Discourse Analysis, to the analysis of an environmental problem are we doing Ecolinguistics?

- **PF:** No. Linguistics is more than Discourse Analysis. Language is another thing than Discourse. It allows discourse, but still before it allows cognition.

- **EC:** In the same vein, if we investigate an environmental disaster picking some concepts from (biological, philosophical) Ecology and using them metaphorically are we doing Ecolinguistics?

- **PF**: No. Firstly, we need no environmental disaster to investigate into ecological problems connected with language. If as a scientist you only will awake for realizing ecological problems after noting an environmental disaster, you have slept for too long before. Secondly, ecolinguistics as I understand it has nothing to do with metaphorical use of ecological terms. Well-built ecolinguistic terms are scientific terms in their own right and scientific terms are no mere metaphors. Ecolinguistics may well analyze the metaphors that we use in our ordinary talking from an ecological standpoint; but the ecolinguistic metalanguage should not be metaphorical at all, just as any other scientific language.

- **EC**: We understand that Ecolinguistics should look at its object of study from a holistic point of view. Do you think that all the essays dealing exclusively with environmental problems follow this principle?

- **PF**: No, not at all. But that is a different problem. It has to do with the weak and superficial understanding of present day science. Most people, including present day professional scientists, do not reflect the history of science. They simply think “science is science” and underrate or even neglect the changes science did undergo in the course of history. In this process there was a major weight layed on details and too little on connections and wholes. Francis Bacon’s “Novum Organum” from 1620 (400 years ago!) played a leading part in that fateful decision in favour of the parts and underestimation of the wholes. But I hesitate using the concept of holism although I don’t oppose to it. The reason for this hesitation is that I mistrust the utility of such terms of a technical terminology. People take them as solutions, but they are less: they indicate problems.

- **EC**: The logotype of the Brazilian Meetings on Ecolinguistics (EBE) reads: *Ecolinguista sum; linguistici nihil a me alienum puto*. Do you agree with this?

- **PF**: That sounds nice and open-hearted, but I should not think that saying to be very helpful. It’s too generous, too liberal, invitating all who like to come. The meetings organized by Alwin Fill in Europe ten or twenty years ago followed a similar generosity. That’s nice for young scientists but it weakens the subjects principles.

ECO - REBEL

- **EC:** In other words, do you agree with the idea that Ecolinguistics should be a general framework for the study of any language phenomena, including grammatical ones?

- **PF:** In my view, this is not saying the same “in other words”. But yes, I agree with this wording very much. If you are doing ecolinguistics you have – in my opinion – an idea of a better linguistics. And that must be recognizable on all linguistic levels including the grammatical. In fact this is a central level not only in traditional linguistics but – as I see it – in ecolinguistics too. Ecolinguists who only speak about semantical, pragmatical or communicative issues and not at all about syntax and cognition are rightly not be taken serious by their colleagues of other schools. And by me, too.

- **EC:** How would you define Ecolinguistics?

- **PF:** *Ecolinguistics is a newer school of linguistics that explains the ecosystemic character of language by its evolutionary history and relates the use of language to the problems of the surrounding world. Or to say the same in a bit more explicit way: Ecolinguistics is a scientific conception of linguistics that reveals the ecosystemic structure and function of the human languages within the framework of transdisciplinary science. It explains languages as having evolutionarily developed from older natural ecosystems in the course of the emerging cognitive basics for the complex use of symbols within the new cultural purposes of man.*

- **EC:** What is *Sprache-Welt-System* (language-world-system) in your philosophical approach to Ecolinguistics?

- **PF:** In this term I use the term Welt (or world) as meaning everything what language is about and refers to. In a certain sense you cannot talk about language and nothing else. Language is a referring system that needs something which it refers to. Interestingly, this could even be language too. But most references are something different. They are not linguistic but situated in the non-linguistic world.

- **EC:** We know that you are also interested in culture and economics. Why? What do they have to do with Ecolinguistics?

E C O - R E B E L

- **PF**: I am still more interested in nature since that is basic. The web of nature is the source of my ecological interests. And they are tightly bound to evolution. Culture is an evolutionary daughter of nature, beginning in the animal world already. Man has grossly enriched this realm by making use of the new abstract functions of his languages. They are very rich in developing new functionings of a new symbolic system. Human economics should similarly be organized in a sustainable way as languages are by learning from the functioning and proven economics of nature, but until now we do not obey their rules. The result is the deplorable state of the earth.

- **EC**: Do you think that culture does not have anything to do with nature and that social facts derive from social facts?

- **PF**: That's nonsense. On the contrary: Culture is an evolutionary daughter of nature and is up to the present day recognizable as such, even in theatre, poetry, art, music and other highly abstract forms of culture. Social facts are not founded on the base of natural laws but on cultural rules. We are free to change them. This may prove to be very difficult because of the given array of power, but it is possible. The powers of nature are not open to the manipulation of man. Nevertheless, rules are evolutionary children of the natural laws.

- **EC**: The kind of Ecolinguistics we practice in Brazil, Ecosystemic Linguistics, does not agree with the definition of language, by most theories of language, as an instrument of communication because it reifies language. What do you have to say about this?

- **PF**: You are right. The theories of language which define their object by communication are very bad indeed. Most animals communicate but they use quite different communication systems; language is a human speciality. The typical and special feature of language is not communication but its particularity of opening a wide range of cognition. Even quite many "ecolinguists" – presumably the most – do not manage to realize this point.

- **EC**: We are all aware of the fact that Ecolinguistics is considered a minority's, "alternative" discipline. Would it be good for it if it one day becomes mainstream Linguistics?

- **PF**: Are we really "all aware" of ecolinguistics as being a minority's "alternative discipline"? I certainly thought this to be the case ten or twenty years ago. But since then

ECO - REBEL

there was suddenly a huge hype of people feeling themselves as “ecolinguists”. But I tried to explain this as being not well-understood. I therefore concentrated for some years on other problems of our modern world, mainly economics. When I asked Sune Steffensen some years ago what one could currently name as the center of ecolinguistics, he replied that could be China. I was very much astonished. And that should still be a “minority’s discipline”? Yes, I think so, within the realm of linguistic schools. But I think that could change. When the ecolinguists become better and no longer behave as outsiders but demonstrate ecolinguistics as offering better solutions to the old linguistic questions, then it could become mainstream linguistics. Present day ecolinguistics will never get on that road.

- **EC:** How do you see the future of Ecolinguistics?

- **PF:** If you mean the majority of today’s people thinking themselves as “ecolinguists”, I see no rational future in science. They work on their emotions and this is scientifically worthless. It may become a popular pastime of some people but no relevant part of linguistics. This could only be the case with an ecolinguistics which takes central concepts as ecology, evolution, nature and culture, language, systems, science or theory as serious scientific concepts.

- **EC:** Is there anything you would like to add? Feel free to use the space you need.

- **PF:** No. You have asked me quite good questions! – Well, there might be one point: You did not ask me on my conception of science. But I am mainly a critical researcher on science and this governs my thinking on linguistics, too. It is the deplorable state of the earth that is a very objective witness of the factual effects of our past and present scientific practices. As I said formerly, in the history of science we made a major mistake by thinking that details are more important than wholes. The most visible effect was the decomposition of science itself into the different sciences all of which feel important in their own right. Today it seems justified that all the hundreds (or thousands?) of sciences take their own view on the problems, but they perceive their tasks without seeing the whole thing and without feeling responsible for the joint effects on the earth. Therefore, after the second world war we observed a strong movement to change this, the movement towards interdisciplinarity. But the real problem is not to be solved by interdisciplinarity but by transdisciplinarity only. Since you cannot fall back behind disciplinarity without big losses of knowledge on

thousands of details, and interdisciplinarity only produces stronger looking-glasses on still finer details, the new movement of the present age is that of realizing transdisciplinarity: not trying to abolish the disciplines or simply to create new ones, but to educate a new generation of scientists who are keen to learn new perspectives on wholes, contexts, correlations and connections overlooked by the shortsightedness of the traditional disciplines looking for still more details of details. I place ecolinguistics decidedly in such a transdisciplinary framework looking for the wholes and complex interconnections. Language is a master object for such a form of science. But this affords a fundamental change of the scientific culture we have, and that is not easy to achieve. In fact, we have a deplorable state of our common theorizing of science, too. But to develop a new transdisciplinary culture of science is without alternative if we really want to save our planet. I think however, that a consequent ecolinguistic point of view could at least develop linguistics to become a good pacemaker towards that goal.

- EC: Thank you very much Professor Finke.

Selected References

- P. Finke (1982), Konstruktive Ökologische Linguistik. Part II of „Politizität“. In: P. Finke (ed.), Sprache im politischen Kontext. Ergebnisse aus Bielefelder Forschungsprojekten zur Anwendung linguistischer Theorien. Tübingen: Niemeyer; pp. 15-75. (*This was the first systematic publication of my views in print, following some shorter accounts beginning in 1977*).
- P. Finke (2014), The Ecology of Science and its Consequences for the Ecology of Language. In: Steffensen, S.V./A. Fill (eds.), Ecolinguistics. The State of the Art. *Language Science Special Issue 41*. Amsterdam: Elsevier; pp 71-82. (*This is a short account of my views on ecolinguistics*).
- P. Finke (2019), Linguistics at the End of the Baconian Age, or: five Essentials of Ecolinguistics. In: The Aalpiri-Papers. Two Critical Reflections on Contemporary Ecolinguistics. Edited by Sune Vork Steffensen. With contributions of Peter Mühlhäusler and Peter Finke. Special booklet published for the 4th International Conference on Ecolinguistics, SDU, 12th-15th of August 2019. The article of P. Finke it to be found on pp. 28-42. Reprinted in: *ECO-REBEL* v. 5, n. 1, 2019. (*This is a general overview of my views on ecolinguistics within the surrounding actual problems of science*).

ECOLINGUÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 6, n. 2, 2020.